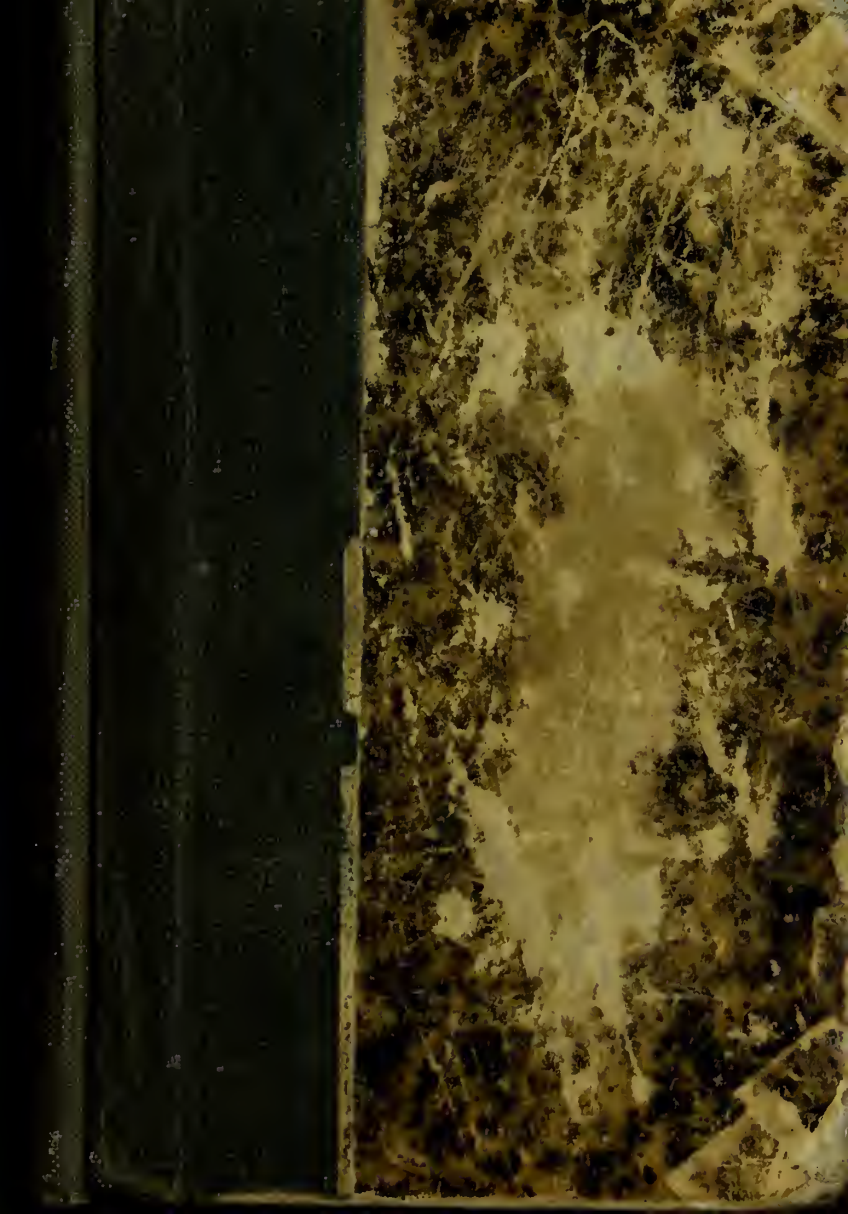

869.3
A55
2 ~~18~~

CONTOS

EM VIAGEM

POR

JOÃO D'ANDRADE CORVO

VOLUME II

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA
132, Rua Aurea, 134
1885

GE

CALIFORNIA
STATE LIBRARY

869.3
A55
2

II

VIDA E FEITOS

DO

GENERAL CALAVERA Y CURSI

I

O filho adoptivo dos franciscanos

Estavamos reunidos no florido passal de D. Serapião, cura de Guimar. O general Calavera e Cursi conservara-se de pé, passeiando com certa inquietação nervosa, como quem busca juntar edeias, evocar lembranças do passado, e se prepara para contar uma longa historia.

Nós guardavamos silencio; eu e D. Praxedes Aguahuco, fumando; D. Facundo Primigenius e o dr. Wearisome, passando pelo somno; o cura de Guimar lendo ou suppondo que lia no breviario.

Por fim, o general chegou-se para onde estavamos e, sentando-se ao pé de uma velha mesa de pau carunchoso, que servia para os arranjos de horticultura de D. Serapião, exclamou:

—Não é por me gabar! Mas, na verdade, tenho conhecido poucos homens como eu: em pontos de honra,

em desassombro com os homens, em galanteria com as damas...

— Assim é, — acudiu o cura.

— Assim deve ser — acrescentou D. Facundo.

— Todos o dizem — confirmou D. Praxedes.

— Isso deve ser assim — julguei do meu dever acrescentar.

O inglez grunhiu, e continuou a dormir.

— Já que desejam ouvir a minha historia contar-lh'a-hei... — proseguiu Calavera.

— Teremos muito gosto em a ouvir — disse eu, por compraser — Ha de ser a historia de um heróe; já sei.

— Não esperem cousas por hi além; não senhor — interrompeu, com modestia, que lhe não era natural, o Calavera — Alguns successos extraordinarios... alguns feitos brilhantes... amores... conspirações... a historia do meu tempo é a minha historia...—Evidentemente o general era arrebatado por uma vaidade indomavel, e Deus sabe onde chegaria.

D. Facundo interrompeu-o.

— A historia do seu tempo todos nós a sabemos — disse — Deixemos a historia dos outros e vamos á sua.

— Pois vamos á... minha historia, — acudiu Calavera despeitado um tanto.

E tomando o folego principiou:

— Aqui onde me vêem, senhores, póde dizer-se que sou filho do convento de franciscanos de S. Diogo do Monte, ao pé da Laguna. Minha mãe, viuva e pobre, moça e sem familia, encontrou amparo nos bons frades. Principalmente no guardião,— fr. Pascual Calavera,— meu padrinho e grande amigo que fora de meu pae, que morrera na America sem deixar nada, nem sequer o nome. O nome de Calavera, que tenho, vem-me de meu padrinho, fr. Pascual Calavera; e de minha mãe que, por linhagem, descendia da grande familia dos Curcis.

Para frade me crearam. Meu padrinho não cuidava senão em me encher a cabeça de doutrina e de latim. Minha mãe trazia-me sempre vestido com um habitosinho franciscano; e grande era o goso de fr. Pascual, quando por desfastiu minha mãe me abria, á tesoura, uma coroa no infantil toutiço.

— Corriam os annos e com elles ia crescendo em mim a antipathia á vida monastica e se iam desenvolvendo os instinctos guerreiros, que haviam de fazer do discipulo de fr. Pascual o general Calavera, que veem aqui.

— O valente general Calavera, que tanto lustre tem dado á sua patria! — exclamou o cura com enthusiasmo.

— Aos dez annos — proseguiu D. Santiago — já eu fazia tremer todos os rapazes, que andavam na escola do convento; e mais de um noviço se arredava de mim, para evitar o perigo de um attentado contra a sua gravidade. Sempre que tinha para isso occasião, fugia das aulas para ir vêr os exercicios dos milicianos, e, ao voltar, tudo era sonhar com tambores, espingardas, soldados e guerra. Fr. Pascual andava cada dia mais empenhado em me adiantar em letras, e eu cada vez me sentia com mais vocação para as armas e me aborreciam mais as lições do guardião dos franciscanos. Repleto de desgostos e de bons bocados, meu padrinho morreu uma tarde, de indigestão e de colera, ao puchar-me as orelhas por eu não intender um verso de Virgilio. — Seria sua ou minha a culpa? Quem o saberá nunca? Se foi minha Deus me perdoe, quando perdoar aos discipulos, que lhe escreveram sobre a triste sepultura.

Cuando enseñaba
La teologia
Pruebas dio claras
Que nó sabia.

— Amen, amen. Perdoe D. Pascual a quantos o offenderam na vida e na morte — disse ou antes rosnou o cura

D. Serapião, com voz tal que a todos nos fez estremecer de pavor.

— Padre do demonio! — exclamou, irreverentemente o general — Pois não me meteu medo a mim!? Pareceu-me vêr resuscitado D. Pascoal, e já se me figurava estar sentindo nas orelhas as pesadas mãos.

A exclamação de D. Santiago Calavera fez-nos rir a todos, e não foi o cura quem menos riu.

II

O fradinho heroe

O general proseguiu:

— Pouco mais de quatorze annos tinha eu, quando perdi meu padrinho; e foi por esse tempo, que os inglezes, em guerra com Hespanha, mandaram a Teneriffe uma esquadra commandada pelo celebre Nelson. As tropas correram á cidade de Santa Cruz; os milicianos foram chamados ás armas; e não faltou quem se alistasse, patrioticamente, como voluntario. Fui eu um d'estes, apesar da minha curta edade. Não cabia em mim de alegria e de orgulho, quando entrei no castello de S. Pedro, para servir na artilheria.

— Bom soldado estaria, D. Santiago, assim pequeno como era, e vestido de fradinho de S. Francisco — interrompeu D. Praxedes Aguahuco.

— O habito mandei-o ao diabo; e foi vestido de soldado... com a fardeta de um tambor de milicias, foi vestido de militar que entrei de guarnição ao castello. A minha presença animou todos os milicianos e voluntarios que lá estavam. Um dia de exercicio fez de mim um bom artilheiro. Todos estavam contentes ao ver-me. Adivinhavam que eu lhes levava a victoria.

— Visto isso, general, foram grandes as suas proezas! — exclamei eu.

— Vai ouvir. A esquadra entrou na bahia a todo o panno e troando artilheria. Choviam as ballas nos fortes e na cidade. A nossa artilheria respondia ao ataque do inimigo, quanto lh'o permittia o pequeno numero, a exiguidade das munições e a pouca pericia dos artilheiros. Mas o poder que faltava nos baluartes sobrava no coração dos soldados hespanhoes. Nelson animado, ao ver a pequena força da nossa defesa, fez um desembarque no molhe, ao pé do castello de S. Christovão, onde estava o governador e o forte da tropa. Quando viram o almirante em terra, commandando em pessoa o ataque, houve entre os nossos... entre os meus camaradas, no forte de S. Pedro, panico geral. Alguns milicianos largaram as armas; os voluntarios começaram a fugir; todos soltavam gritos de desalento; ninguem parecia já disposto a

continuar o fogo da artilheria contra o inimigo, que suppunham victorioso. N'aquelle instante, senhores, vi que faltava ali um homem — bradou o general, dando um murro na mesa a que se encostava. — Cheguei-me á minha peça; apontei aos inglezes, com ajuda de dois milicianos mais corajosos do que os outros e que me obedeciam sem hesitar, e, clamando «eia! matemos a Inglaterra», fechei os olhos e fiz fogo. Quando passou a fumarada vi que nos inimigos lavrava grande desordem. Todos se embarcavam com precipitação, levando os feridos e mal resistindo ao violento ataque da tropa que saíra de S. Christovam, para se oppor á entrada do inimigo na cidade. Por toda a parte se ouvia os nossos bradarem victoria e o troar da artilheria redobrar nos fortes. Em S. Pedro, onde eu estava como disse, correram todos outra vez ás armas e recomeçaram o fogo. O commandante, um capitão de milicianos, que não fora dos que menos se desalentara, gritava agora como um possesso, dando ordens sem tom nem som. Muitos diziam, que era um tiro que tinha posto em fuga os inglezes; outros riam-se do tiro e mofavam do artilheiro. O capitão... justo é dizel-o... o commandante do forte clamava, que o seu castello tinha decidido da victoria, e que o voluntario pequeno... — era eu — fôra um heroe. Não

me cabia a gloria na pelle. Se ella podesse dilatar-se n'aquelle instante, ficava eu maior que S. Christovam de collossal memoria.

— Então foi o general Calavera quem deu o tiro que cortou o braço ao almirante Nelson? — perguntei.

— Assim foi. Logo que o combate acabou e os inglezes embarcaram, veiu correndo ao forte de S. Pedro um ajudante ás ordens do general governador, para saber quem tinha disparado o glorioso tiro.

—«Foi este,— disse o commandante.

«—Este tamborsito? — perguntou, sorrindo, o ajudante do general.

— Tamborsito! — exclamei eu — Um voluntario da patria, meu tenente. Um soldado que cumpre os seus deveres, como militar que é... e está ás ordens dos seus superiores para o que quizerem.

Foi muito celebrada esta resposta do voluntario pequeno ao tenente, e ainda mais celebrado o ar marcial com que me perfilei diante do official.

Partimos, — proseguiu o general Calavera y Cursi — Partimos, o meu commandante, o ajudante do governador e eu. Muitos dos milicianos seguiam-nos, dando-nos vivas. O povo, apinhado no caminho, acclamava-me como heroe; os soldados levantavam-me nos braços; os pai-

sanos choravam de enthusiasmo ; as mulheres arrancavam as flores dos cabellos para m'as offerecerem. Nunca, nunca em minha vida tive hora de tanta alegria como aquella.

Chegamos ao castello. As sentinellas apresentaram-me armas, quando um official me conduzia á sala onde estava o governador.

III

Triumpho e amores

— Nos meus braços, camarada — disse o governador ao ver-me entrar, abrindo os braços com sincera effusão d'alma. — Nos meus braços, meu heroe. Um general deve receber nos braços o soldado, que soube, só elle, ganhar uma batalha e salvar esta ilha dos perigos de uma invasão.

Caí nos braços do general, um tanto envergonhado de tão grandes honras, e, mais ainda, dos extremos de ternura com que elle e todos me agasalhavam.

— Tudo era merecido — observou o cura Serapião, estendendo os braços como se quizesse n'elles apertar ainda o antigo donato soldado; agora, pelo acaso, elevado a general e, pelos annos, envelhecido e refinado em orgulho fanfarrão.

—O rasgo de benignidade do governador, tão generoso como valente, exerceu influencia em quantos estavam presentes... foi contagioso o enthusiasmo.

—E' sempre assim—accudiu D. Facundo.—Eu não ponho em duvida que, n'essa occasião, fosse justificado o enthusiasmo; mas a verdade é que os homens, esses animaes pensantes, que a tão alto elevam o seu privilegio de raciocinar, quasi nunca pensam nem raciocinam por si. São animaes imitantes e não pensantes, como os seus predecessores... os macacos. Está a machina no repouso, as faculdades dormem em atonia; vem um impulso de fora, põe-se a machina em movimento, as faculdades despertam, e tudo caminha com a força recebida e na direcção que esta lhe imprime. E é vel-os depois, os animaes pensantes, a attribuirem a si as opiniões que tem, a apaixonarem-se por ellas e a fazer loucuras em nome de opiniões alheias... de que são apenas um reflexo. Assim se explicam quasi todos os actos populares e a influencia de individuos, que não pensam mais nem melhor, mas que gritam mais, e se mexem com maior energia. Esses são a força os outros a massa; e, a maior parte das vezes, o movimento é uma loucura, um erro ou uma inepcia. Mechanica leviana, mechanica do pensamento, como lhe chamam... de todas as

mechanicas applicadas a que precisa de mais coefficientes de correcção.

Deixámos espandir-se a philosophia phantasiosa de D. Facundo; e, quando este acabou rindo-se de si proprio, o general proseguiu.

— Todos me queriam abraçar, e eu por todos me deixei abraçar com a mais amavel complacencia.

Estava na sala a mulher do governador; dama de grande volume e grande pezo, que gosava de tres barbas mais ou menos pendentes. Com esta havia mais tres ou quatro senhoras da sua intimidade; não foram todas ellas avaras nos louvores prodigalisados á minha bravura gloriosa. Uma dama porém — a mais bella de todas — veio a mim e, com uma graça que nunca poderei esquecer, deu-me um beijo na testa, dizendo-me em voz vibrante e commovida: «Aqui tem... para a sua coroa de gloria».

Senti fugir-me a vista dos olhos, refluir-me o sangue todo ao coração, perturbar-se-me o juizo. Impulso irresistivel e nervoso levou a minha boca infantil a unir-se aos mais purpurinos e graciosos labios de mulher, que havia sonhado sob o meu habito de noviço. Percebi, vagamente, que riam em volta de mim, e ouvi o governador dizer: — «Bravo, Consuelo; fizeste a conquis-

ta do nosso heroesinho! O que dirá a isto o Corregedor?»

Eu nada mais sentia senão o orgulho, a alegria, de haver ganho a minha primeira victoria e feito a minha primeira conquista.

Para um ex-donato não era principiar mal.

Celebramos, todos, as aventuras de Calavera, e encarecemos a boa feição com que as contava. Elle, animado pelas nossas lisonjas, declamou:

Es muy recio
El tiro del dios rapaz:
Y mas necia
Quien sustenta pas
Con el, que al mejor tiempo echa el agraz.

IV

Viagem a Madrid. O primeiro ciume.

— Eu — proseguiu o general depois de uma pausa— pobre de mim! fiquei namorado perdido de D. Consuelo, a formosissima mulher do corregedor; mas tive a boa ou má fortuna de que ella, tomando-me talvez por *el dios rapaz,* me tratasse com o suave carinho de uma Venus.

Os dias corriam para mim, entre os louvores dos que me exalçavam como heroe, e as complacencias dos que me tomaram por menino prodigio.

Os soldados faziam-me continencia como a chefe. Os officiaes tratavam-me com intima familiaridade, como a camarada. As mulheres davam-me flores, doces, lenços bordados... e beijos. Os homens offereciam-me espadas, espingardas .. e piões. A população de S. Cruz

chegou a pensar n'uma subscripção para offerecer-me uma *espada de honra*.

D. Consuelo tratava-me como me tratavam os officiaes e as mulheres.

Tempos depois, quando eu menos o pensava e o desejava, fui chamado ao castello de San Christovam, e o governador annunciou-me que eu fôra, por distincção, despachado official por S. M. el-rei e que tinha ordem de partir para a côrte pelo primeiro navio. A distincção chegava tarde e a más horas: mas é costume em Hespanha fazer tudo fóra de tempo, o bem e o mal.

— E' doença peninsular—confirmou D. Facundo.

— Senti, apesar de tudo, grande alegria com a noticia: mas cortava-me essa alegria a dôr sincera de me separar de D. Consuelo. A esta dei eu a nova com as lagrimas nos olhos, mas fiquei pesaroso e offendido vendo-a rir-se com a mais franca alegria.

— Não te afflijas,—me disse Consuelo interrompendo as minhas exclamações.— Eu tambem vou.

— Vais!... Consuelo — acudi, pasmado e duvidoso.

— O corregedor precisa sollicitar na côrte uma situação melhor; e eu vou para alcançar, do Principe da Paz, um bom despacho. O corregedor confia de mim o bom exito da sua pretenção.

Ao dizer isto, D. Consuelo sorria, diante de um espelho, á sua propria formosura.

Pela primeira vez senti o pungente sobresalto. a raiva impotente do ciume.

V

Encontro inesperado em casa do Principe da Paz.
- Novos ciumes.

Saimos juntos de Teneriffe, eu e Consuelo. O corregedor,—homem bondoso, excellente marido, espirito pratico que sabia tirar proveito de tudo no mundo, mesmo das suas affeições—o corregedor veio a bordo do navio, que o ia separar da sua cara metade, para despedir-se com extremos de affecto. Algumas lagrimas, que a esperança de bom despacho, não deixavam correr desafogadamente, encheram os olhos do marido e da esposa; que se conheciam e avaliavam devidamente.

Elle não se esqueceu de me recommendar D. Consuelo; e eu acceitei jubiloso o encargo, sem calcular a grandesa da responsabilidade. A bella Consuelo, em meio das lagrimas que dos olhos lhe brotavam não sem custo, riu-se de mim e do marido.

Quando cheguei a Madrid mandaram-me para a Guarda do Corpo; tropa de elite que compunha a guarda real, e onde o principe da Paz achara um thesouro para a sua ambição. Entrar na Guarda do Corpo era ver as portas abrirem-se a todas as esperanças, ainda as mais phantasticas; e eu entrava de pouca edade, com grande reputação de valente. Em pouco tempo era o Benjamim de officiaes e de soldados.

Consuelo entrou logo em activas sollicitações em favor do marido; e soube abrir todas as portas e captivar todas as vontades. A mulher do corregedor de Teneriffe era, em poucos dias, celebrada na corte e na cidade como uma das mais graciosas e explendidas bellezas. Os homens, como sabem, adquirem fama, quando os invejosos conhecem que as mulheres bonitas os tratam com excepcional carinho. A notariedade que o amor de Consuelo juntou ás que eu ja possuia, não foi a de menos valor para mim.

Passaram annos. Eu—já homem—tinha, graças á protecção de Consuelo, chegado rapidamente a capitão. O corregedor exercia um alto cargo no Mexico, para onde a mulher o deixou ir, mas onde o não quiz acompanhar.

A bella Consuelo ficou em Madrid, «para se não separar de mim» dizia ella.

O numero, porém, dos seus adoradores preferidos era tal, que eu desconfiava serem as prizões que a detinham, na côrte, apezar de tenues como fios de cambraia, tantas que se não podiam quebrar. Eu não era senão um d'esses fios e dos mais tenues.

Inexperadamente, fui um dia chamado ao palacio do Principe da Paz. D. Manuel Godoy esperava-me n'um elegante gabinete, todo azul e prata. Sentada ao pé d'elle, em almofadas de sitim, estava Consuelo, a ingrata mulher do corregedor, mais zelosa em solicitar empregos e proventos para o marido do que em guardar a fé jurada.

Este encontro da Consuelo em casa do amante da rainha, cujos depravados costumes toda a Hespanha condemnava, cujas aventuras escandalosas Madrid inteiro contava com fruição e aproveitava como arma politica, este encontro inesperado fez-me profunda e dolorosa impressão.

D. Consuelo todos os dias me via, ás vezes fallava-me das sollicitações em que andava para melhor despacho do marido, tinha commigo a mais apparente intimidade, dizia-me muitas vezes que não tinha segredos para mim, mas nunca sequer me dera a entender, que estava em tão intimas relações com o omnipotente Principe da Paz.

Ambos, quando entrei, poderam notar a minha perturbação.

Estava então no seu auge o poder de Godoy. Senhor absoluto do animo da rainha D. Maria Thereza, de quem, ostensivamente era o amante; valido e conselheiro do rei Carlos IV, que por ambos se deixava dominar e, segundo voz publica, enganar; trabalhava, por um lado, em grangear a alliança de D. Fernando, principe das Asturias, por meio do casamento de Sua Alteza com a princeza D. Maria Thereza, sua cunhada e prima d'El-Rei; intrigava, por outro lado, para afastar do throno o principe, afim de realisar, de acordo com a rainha, os sonhos de uma ambição tresloucada e criminosa. Mal avindos, elle e a rainha, por justificados ciumes que tinham um do outro, e não podendo quebrar os laços escandalosos que os uniam, por a isso se opporem os interesses de ambos e ainda mais os instinctos depravados da sua viciosa natureza: em tratos com a Inglaterra e as potencias do Norte, alliadas contra Napoleão; ao passo que em França negociava um tratado a fim de sacrificar Portugal á sua ambição e crear em seu proveito o principado dos Algarves: elevado ás mais altas dignidades e, ultimamente ainda, por um ridiculo favoritismo, a almirante de Hespanha e Indias: cada vez mais odiado e mais des-

prezado pela nação: D. Manoel Godoy tinha uma existencia atribuladissima, cortada de terrores e de aventuras, sempre fluctuando entre um throno e as galés, entre o poder de esmagar o povo e a eventualidade de ser por elle arrastado nas ruas de Madrid.

O general, levado talvez mais pelo ciume posthumo do que pelas suas velhas paixões politicas—se é que teve taes paixões—passára de narrador a orador. De pé, com a perna estendida, o braço levantado e em movimento, como quem esgrime, a cabeça deitada para traz e o bigode singularmente arrepiado, D. Santiago Calavera declamava em alta voz; como se o auditorio se houvesse multiplicado e o jardimsinho do cura tomado as vastas proporções do forum romano.

—Muito bem, muito bem, General—disse D. Facundo, quando o orador parou para tomar folego.—Arrasta-o a natural eloquencia. Se o povo de Madrid, no tempo do Principe da Paz, escutasse as suas fogosas palavras, em que ferve a paixão, em que troa o amor da patria, o valido de certo não ficava inteiro.

Calavera deixava-se sudozir, por tudo quanto lhe fallava á vaidade. As palavras de Primigenius, apezar do tom de benevola ironia com que eram ditas, lisongearam-no vivamente: mas as necessidades da historia, que

nos elle ía contando, obrigaram-no a baixar de tom e a dizer:

— A mim, a mim só deve elle que o seu fim não fosse esse, como logo contarei. Depois, mais tarde, tive grandes desenganos. Os inimigos de Godoy valiam tanto como elle; se não valiam menos. Os segredos que soube... — de quem os sabia, — fizeram-me pensar que em tudo havia muita exageração, muita intriga e muita calumnia vil. Godoy era um devasso, indigno das honras que desfructava; mas eu não tenho que arrepender-me de lhe haver salvado a vida.

— E' verdade — acudiu o cura, que sabia por meudo e com todos os seus episodios novelescos a historia de D. Santiago Calavera. — A não ser o denodo, o sangue frio, a bondade generosa do nosso General, o Godoy acabava ás mãos do povo indignado.

— E nada se perdia se assim fosse — observou Aguahuco.

— Talvez—interrompeu Calavera.—Mas eu devia-lhe favores... grandes... e sabia-lhe os segredos, que o mundo ignora e elle proprio ignorou por muitos annos. Sou grato. Alem de que—accrescentou—ser grato é bom: e quando se recebem beneficios, de quem nos póde vir ainda a fazer mais e a favorecer-nos com beneficios maiores,

é a gratidão um dever a que um homem de juizo não póde faltar.

Estas ultimas palavras foram pronunciadas em tom sentencioso. Depois de uma pausa, destinada a dar-nos tempo bastante para ponderarmos o valor philosophico e utilitario d'aquella maxima prudente, — que muitos que se tem por avisados e cautelosos desconhecem,—o General proseguiu.

VI

Declarações pouco honestas.

— O Principe da Paz indicou-me com o gesto uma cadeira para me assentar, defronte d'elle e Consuelo; a quem emoção subita, que eu não poderia bem explicar, fizera involuntariamente impalidecer e imprimira uma convulsão nervosa, que ella buscava occultar-me mas não podia.

— D. Consuelo—começou Godoy—D. Consuelo, que me merece a maior confiança, tem-me fallado muitas vezes no capitão Calavera, como homem de quem se póde fiar uma empreza difficil e arriscada.

Baixei a cabeça, como para agradecer o elogio. Ao erguel-a olhei fito para D. Consuelo. Já senhora de si, esta sorriu-se com a expressão de terna amabilidade que lhe caracterisava a phisionomia; e com os rasgados, os

brilhantes, resplandentes, irradiantes olhos negros, pareceu que fallava, dizendo-me: «Se queres abrazar-te no meu amor, não desmintas o que de ti disse e obedece.»

Senti-me dominado.

Quanto o Principe da Paz fallou em seguida, senti-me internecido. Godoy conhecia o coração dos homens, e sabia que, para os captivar, não ha como o interesse. Tinha maximas exquisitas aquelle principe improvisado. «O homem é uma mercadoria—pensava elle—tudo está em lhe achar o preço. Homem honrado; homem inutil. Os patifes é que servem.»

— Os successos provaram-lhe que a theoria era falsa, disse D. Fecundo.

— Mas é que elle tinha outra, que o animava: «Em quanto o páo vae e vem, folgam as costas» —respondeu o General.

Godoy não era um compendio de moral; nem se dava por tal—proseguiu.—A verdade é que sabia ir direito ao coração dos pobres diabos, como eu era então.

— O posto de commandante das minhas guardas—me disse Godoy—e uma pensão para despezas de representação, serão premio do serviço, que a segurança d'el-rei meu amo, e a paz publica reclamam de um soldado fiel

e dedicado. Esse soldado poderia ser o militar valente, que salvou Teneriffe de uma invasão.

O principe da Paz passava por ser de uma rapacidade sordida com quem d'elle dependia, e de uma genorosidade perdularia com quem o sabia servir bem.

— Estou, como devo, ás ordens de Vossa Alteza — respondi sem hesitar.

Voltando-se, então, para Consuelo, e apertando-lhe affectuosamente a mão, o Principe da Paz disse-lhe, com affectada galanteria:—Devo-lhe mais este favor, D. Consuelo. Um servidor intrepido e de confiança é hoje de inapreciavel valor para Sua Magestade. Tudo são perigos, traições, ambições insoffridas! A tantos males é preciso pôr cobro... e quando o remedio vem por mão de tão formosa dama, muito lhe exalça o merecimento.

A expressão e o gesto de vaidade triunfante e de seductora provocação, com que Consuelo agradeceu ao principe, fez-me, subitamente, passar por diante dos olhos um clarão deslumbrante, seguido logo de espessas trevas. Eram ciumes? Talvez: mas não duraram mais de um instante.

Reportei-me. Vi clara a verdade. E o odio que me assaltava, transformou-se, de subito, em invencivel vontade de rir. E ri-me.

A ingrata Consuelo percebeu quanto em mim se passava, mas, como era mulher de recursos, riu-se tambem, dizendo ao principe da Paz:—Como prudente e avisado, D. Santiago ri-se dos perigos... e sabe resignar-se com os maus passos nas situações... escabrosas.

—Apprendi com o senhor corregedor de Teneriffe — respondi eu olhando para Consuelo. Esta corou levemente.

Resignação e riso encontrara eu, lembrando-me de como certa lacaia, n'uma comedia de Calderon, consola a ama das traições do amante.

— E lembra-se ainda dos versos de Calderon?—perguntou o cura.

— Se lembro! Diz a ama aflicta para a creada ladina:

No sé
Con qué estilos, con qué modos
Pueda esplicar mi dolor.

E a creada responde:

Quien vió partir al señor
(Oh! fuego de Dios en todos!)
Ofreciendo maravillas!
Y como los alfahareros
De amor, no solo pucheros
Hacen sino cantarillas;

Y al fin duran sus estremos
Hasta que otra cara ven
Pero, picaras, tambien
Nos otras lo mismo hacemos.
Y al cabo de la jornada
Bien sabe mi santo Dios,
Que estamos en paz, y no os
Quedamos á deber nada.

VII

O conego Escoiquiz

— Seguindo as instrucções do principe da Paz, trocados os brilhantes uniformes de Guarda do Corpo por modestas roupas, que me davam a apparencia de um aguazil, fui ao convento de S. Francisco, onde me estava esperando um frade, com a cara de hypocrita mais acabada que em minha vida havia encontrado. Era o frade, espião de D. Manoel Godoy e intimo amigo do celebre conego D. João Escoiquiz; conspirador indiscreto, inhabil, vaidoso, sem talento nem sagacidade; que andava comprometendo o principe das Asturias a quem servia e, ainda mais, a propria Hespanha; n'aquella epoca funesta que deu principio á invasão franceza.

Assim proseguiu Calavera a sua narrativa : accrescentando logo :

— Esta opinião a respeito de Escoiquiz, que a historia confirma, ouvi-a muitas vezes a um frade de muitas letras e talentos, de quem fui amigo, e conhecia bem o conego de quem era secretario.

Recommendado pelo frade espião, escolheu-me Escoiquiz, de si pouco prudente, para ser seu secretario; e, muitas vezes, para ser seu confidente nas coisas mais secretas da politica. Eram muito activas e seguidas as suas relações com varios personagens importantes e com o proprio principe das Asturias, de quem fôra mestre alguns annos. Chefe e alma da conspiração, que então se tramava, apparentemente contra o valido, mas que punha mais alto as suas miras; embora não ousassem confessal-o entre si os conspiradores: Escoiquiz não tinha descanço. Escrevia cartas muitas horas por dia; tinha conferencias repetidas: frades seus emissarios, militares a quem pagava; audiencias com embaixadores; emfim era um moinho de palavras; pedante sempre, sempre fanatico e peçonhento.

No dia em que eu entrava ao serviço do turbulento conego, D. Consuelo era recebida em casa da rainha; que estava então, como toda a corte, em S. Lourenço do Escurial.

Ao despedir-me da minha formosa protectora, mais de

uma vez esteve a minha boca para soltar queixas amargas de namorado com ciumes. No meu coração referviam os zelos... — desvarios e inepcias da mocidade! —Consuelo, porém, soube ser tão graciosa e meiga, deu-me taes conselhos de prudencia, fallou-me tão a proposito dos interesses d'ella e meus, que não tive animo de a magoar.

Separamo-nos bons amigos; persuadidos que iamos ambos collaborar na generosa empreza de salvar o rei e a patria. O premio da nossa desinteressada dedicação já começava a apparecer. D. Consuelo mostrou-me um precioso adereço de brilhantes, que lhe dera o principe da Paz, para se poder apresentar bem na côrte. Eu — por saber o interesse que ella tinha por mim — mostrei-lhe uma bolça cheia de boas onças de ouro, que me fora entregue, para me pôr a salvo em qualquer eventualidade perigosa.

Para desvanecer as minhas ultimas suspeitas, a mulher do corregedor buscou persuadir-me, entre requebros e ternuras, que todo o seu amor era só para mim: o mais não passava de comedia de coquette e arte de pretendente na corte. Eu deixei-me persuadir, para descanço d'ella, e, ainda mais, para meu proprio descanço.

Pouco tardou que me eu convencesse de que eram

bem fundadas as suspeitas do principe da Paz. Escoiquiz era um d'esses homens activos, mais por amor á actividade do que pelo desejo de fazer coisa de proveito. Por isso, as suas imprudencias multiplicavam-se, o que tornava facil descobrir-lhe os segredos. A violencia das suas paixões estava de accordo com a desordenada actividade dos seus actos. Sempre buliçoso, sempre frenetico, colerico ; sempre a expedir cartas ou a tomar notas ; umas vezes disfarçando a letra, outras mandando-me copiar o que elle, em phrase nebulosa, havia escripto ; passando largas horas na sua livraria a consultar alfarrabios, a compulsar diccionarios, para, dizia elle, enriquecer a lingua hespanhola de bons modelos de estylo e de poesia ; gastando os dias e as noites em conferencias mysteriosas com homens de todas as cathegorias e profissões ; o antigo mestre do principe das Asturias tomava aquella perpetua agitação por manifestação de energia ; a actividade das correspondencias por habilidade de negociar ; as suas pesadas locubrações litterarias por provas de talento ; o seu trato continuado com os homens mais nobres ou mais humildes, mais dignos ou mais abjectos, indistinctamente, por pratica demonstração do seu atilado espirito de captação, da sua aptidão natural a governar os homens e dominar a politica. Eram

diarias as suas secretas correspondencias, quer com o duque do Infantado, conhecido inimigo de D. Manuel Godoy; quer com o duque de S. Carlos, aio do principe das Asturias, que uns diziam ser do partido do valido outros seu inimigo.

VIII

Devaneios politicos

Um dia Escoiquiz entregou-me um longo memorial de aggravos contra o principe da Paz, mandando-me tirar d'elle duas copias. Tirei tres, uma das quaes chegou logo á mão do meu protector; cujo poder e a vida mesmo andavam em perigo com os tramas do endemoninhado conego. Entregues as duas copias ao padre, que as mandara fazer, uma foi enviada, acompanhada de volumosa carta, a Mr. de Beauharnais embaixador de Napoleão: a outra, fui eu encarregado, com muito sigillo e cautella, de a ir entregar, no Escurial, a sua Alteza o principe das Asturias.

Antes de partir passei, secretamente, pelo palacio do principe da Paz, para lhe contar as rasões, que me levavam a crer que se tramava contra a corôa de El-rei e contra a vida da rainha, e se preparava, de accordo com a França, a subida ao throno de D. Fernando; para o

que julgavam, os conspiradores, indispensavel a prisão ou mesmo a morte do valido.

Verdade é que Godoy se não mostrou nem surprehendido nem assustado com a informação. Uma só cousa o impressionou vivamente : foi a miseravel duplicidade de Napoleão, que tinha tratos com o que mais tarde se chamou Fernando VII, para conseguir a abdicação de Carlos IV e a queda do valido, ao passo que andava em negociações com este, para dilacerar Portugal, creando com algumas das suas provincias um principado para lhe offerecer.

N'aquelle tempo, todos em Hespanha tinham postos os olhos no imperador dos francezes ; d'elle esperavam apoio para satisfazerem as suas ambições, auxilio para fortalecerem as suas intrigas. Nada ousavam sem que o novo Alexandre lh'o permittisse. Obedeciam-lhe, como se a Hespanha já estivesse conquistada. Era uma miseravel cobardia ao serviço da tyrannica dominação de um potentado estrangeiro, que pagava com o despreso a abjecção da côrte e a inercia da nação; creada no fanatismo e enfranquecida pelo absolutismo e pela inquisição.

—O desengano não tardou para todos—acudiu D. Facundo,—com energia.

—E' verdade,—affirmou enphaticamente D. Praxedes. —Na Peninsula, poude, o conquistador da Europa, ver como o amor da patria, em dois povos corajosos e apaixonaveis, soube defender a propria independencia, quebrando as orgulhosas aguias, que tinham atravessado victoriosas tantos campos de batalha.

— Nós — disse o general Calavera — defendemos heroicamente a Hespanha ; mas fizemol-o só, quando a familia real nos deixou livres, para pelejar contra as tropas francezas. Emquanto nós derramavamos o sangue e corriamos os campos, mortos de fome e quasi nús, a corte rojava-se aos pés do altivo imperador, seu falso alliado e traidor amigo.

— Foi uma época sem egual, aquella !—acudiu D. Facundo — O rei queixava-se a Buonaparte do filho, accusando-o de tramar uma usurpação e um duplo parricidio. O principe pedia, secretamente, auxilio ao conquistador, para se livrar da oppressão a que seu pae o sujeitava; accusava vergonhosamente a propria mãe e o principe da Paz, e contava com o auxilio estrangeiro para subir ao throno pela morte violenta de Carlos IV. Para facilitar aos inimigos a conquista de Portugal,—visinho, alliado antigo e sempre leal á Hespanha,—dava-se-lhes passagem franca pelo territorio hespanhol. Ao passo que os exer-

citos de Napoleão, ajudados pelas armas hespanholas, entravam em Portugal, talando os campos, roubando e devastando as cidades, abandonavam-se sem defesa as praças de guerra e entregavam-se ou se deixavam traiçoeiramente tomar aos batalhões francezes. Abdicava um rei para ir, dias depois, pedir ao imperador, rojando-se-lhe aos pés, que lhe tornasse a pôr na cabeça a coroa, que elle deixara cair cobardemente, diante de uma revolução de comedia. Um novo rei era acclamado pelos frades e pelos chulos de Madrid; e esse ia tambem, cobarde, abjecto, sem dignidade e sem pudor, pedir ao mesmo imperador, aos pés do qual se prostrara seu pae, perdão de haver recebido a coroa de um reino independente, de uma nação justamente orgulhosa e fidalga. Esta nação heroica, em quanto a corte a abandonava para ir em terra estranha proseguir ignobeis intrigas, empunhava as armas e esmagava com a sua rustica alparca a cabeça soberba das aguias vencedoras da Europa.

Como eu tinha maior interesse em ouvir a historia do general Calavera y Curci do que as declamações de Primigenius e do seu fiel Achates, o guanche Aguahuco, permitti-me interromper a conversação philosophico-historica, para pedir ao narrador que nos não deixasse por mais tempo esperar a sua chegada ao Escurial.

IX

Um beijo no claustro

A viagem ao Escurial era penosa n'aquelle tempo. Cheguei ali a altas horas da noite, cançado e empoeirado. Escoiquiz ordenara-me que fosse, sem demora alguma, procurar o antigo aio do principe das Asturias, o duque de S. Carlos: fui, apesar de tudo parecer recolhido no Escurial. Sabendo que eu era mandado por Escoiquiz, as portas, em S. Lourenço, abriram-se diante de mim. Logo que perguntei ao duque quando podia ser recebido por Sua Alteza, respondeu-me:

— Já, já. Sua Alteza espera impaciente essa carta que traz, Calavera, e que ha trez dias lhe foi annunciada pelo seu honrado mestre e amigo Escoiquiz. Vae para a meia noite, o principe ainda estará levantado. Sabe, D. Santiago, a que porta ha de bater; vá lá e leval-o-hão

aonde está Sua Alteza. Eu não o acompanho, para não levantar suspeitas. Toda a cautella é pouca, aqui no Escurial. Ha muitos amigos de D. Fernando mas ha tambem espiões, inimigos que nos atraiçoam. Somos todos vigiados como prisioneiros.

A minha consciencia não ouviu indifferente estas palavras do duque. Seria eu um dos taes espiões? — Que importava? Não era o meu fim servir a patria e a monarchia? Não era assim que pensava a... prudente e patriotica D. Consuelo, minha experiente mentora.

O proprio duque me deu saída, por uma porta secreta, para um claustro do mosteiro do Escurial, que ficava do lado dos aposentos do principe; e deixou-me só.

Para não ser sentido, caminhei cautelosamente pelo immenso claustro; escutando attento qualquer ruido, para evitar, sendo possivel, perigosos encontros.

Estava muito perto já do termo da minha excursão pelo claustro, mal alumiado, quando senti abrir uma porta, a mesma a que eu ia bater; e logo depois ouvi... Aqui o general fez uma pausa e franziu o sobr'olho.

—Ouviu o que, general?—perguntei com curiosidade.

—Ouvi um sonoro e prolongado beijo! Estremeci e olhei espavorido! Da porta, entreaberta, saiu gracioso

vulto de mulher tapada com mantilha; acompanhava-a o principe. Já no claustro, os dois se tornaram a despedir... como da primeira vez. A mantilha abriu-se um tanto... um raio de luz, que saiu da porta, illuminou em cheio a formosa e mais que voluvel Consuelo. A melodia do beijo já me havia dito o que a luz veio confirmar.

A porta cerrou-se cautelosamente, e D. Consuelo, só, ligeira e graciosa como uma gasela, caminhou rapidamente para onde eu estava escondido na sombra,

—Consuelo!—exclamei, quando a vi passar perto de mim.

Esta, que ao ver um vulto havia apressado ainda mais o passo, quando me conheceu a voz soltou inarticulado murmurio; tão cautelosamente, porém, que eu só, a dois passos d'ella a poderia ouvir.

— Consuelo! — segredei-lhe eu com voz tremula — Vi e ouvi tudo.

— Ver, verias — respondeu ella no mesmo tom — Ouvir é qne não, porque nada se disse.

— Mas.. eu ouvi...

— Já vês, men adorado Calavera — interrompeu ella, sem se desconcertar — já vês que tudo vae bem. Estou na maior intimidade com o principe das Asturias...

— De mais!...

— Nada é de mais quando se trata de descobrir segredos de estado... para salvar um rei e um grande ministro

— E de mim não te lembras, Consuelo?!

— Pelo contrario, lembro-me sempre. Lembra-me que ambos estamos empenhados em servir a patria e o rei.

E, sem mais esperar resposta, a sua mão branca e breve pousou-me com suave violencia nos labios, para me obrigar ao silencio.

Não ousei dizer nada mais, e creio — com vergonha o digo — que imitei o real exemplo que, pouco antes, me dera o herdeiro da coroa de Hespanha.

X

O transformismo nos Principes

Minutos depois entregava eu ao principe das Asturias a carta de Escoiquiz.

— D. Fernando — accudiu D. Facundo, levado pela sua mania dissertadora—devia ser então, como quasi todos os principes, um mancebo de severidade precoce, desafinada com a sua florescente juvinilidade. Os principes querem mas não sabem ser amaveis; dominados como estão pelo sentimen o exaggerado da sua grandesa pessoal;—dos privilegios da sua raça, direi mesmo da sua especie.—Os principes imaginam, de si para si, que são d'uma especie rara do genero humano, e d'ahi lhe provem muitas desgraças e numerosos inimigos.

— O principe D. Fernando era assim. Tudo n'elle era artificial e artificioso. Espirito desconfiado, alma ranco-

rosa, dominado por ambição sem escrupulos, envergonhava-se de ser homem como os outros, mas tinha mais debilidades do que os outros — observou D. Santiago.

— A julgar pelas informações — disse D. Facundo — o principe deixava perceber o rei que seria, e que foi. O seu miolo era como a lingua dos papagaios. Repetia mas não entendia. D'elle era só a ambição e a vingança. Carlos IV, pobre velho sem energia e sem caracter, valia mais do que elle: tinha de commum com os homens, os sentimentos de um bom homem.

— Está severo nas suas apreciações historicas, sr. D. Facundo, — disse eu.

— Severo! Não. — respondeu elle — Não tenho nem amor nem odio. Para mim, um principe é um homem como outro qualquer: vale pelo que é. Gosto, porém, de encontrar n'esses seres humanos, — creados n'um meio differente, sob influencias diversas das que actuam no commum dos mortaes, de geração em geração, — provas manifestas da acção dos agentes externos sobre o organismo, mesmo quando esses agentes são quasi exclusivamente moraes.

— Deixemos philosophias. Isso levar-nos-hia muito longe agora — acudiu o general.

E proseguiu a sua historia, sem esperar resposta.

— O principe das Asturias, quando cheguei á sua presença, estava destrahido, inquietos os nervos, perturbada a razão, desequilibradas as faculdades mentaes; como mancebo, a quem uma impressão amorosa, viva e ardente, profundamente commove no primeiro momento. O seu caracter, porém, não era para ternuras duradoiras. Logo que abriu a carta do conego conspirador, e lançou os olhos para o memorial contra o principe da Paz, mudou de physionomia. Apagaram-se, de subito, os vestigios da doce impressão que tivera. Um sinistro e sanguinario clarão, de odio e de vingança, lhe illuminou a face livida.

N'alguns minutos, D. Fernando passou pelos olhos os papeis mandados por Escoiquiz. Depois, sem uma palavra, sem um gesto sequer de agradecimento pelo penoso serviço que eu, com risco de vida, acabava de fazer-lhe; com aquella impassibilidade, estupidamente orgulhosa, que caracterisa as acções de alguns principes, mandou-me sair; dando-me a beijar a mão, como graça que devia, segundo elle, ter para mim valor inapreciavel.

Aquella grosseira mão, pouco antes, tinha apertado amorosamente as mãos delicadas da minha bella Consuelo! Senti que, do coração á cabeça, me subia o sangue em fluxo desordenado. Na minha mente allucinada pas-

sou, como exhalação, a idéa de cravar n'aquella mão a navalha catalã que trazia commigo.

Mas eu sempre fui prudente — proseguiu o general, moderando o tom tragico das suas ultimas palavras. — E' proprio de valentes a prudencia.

Beijei a mão do principe e saí.

Quando passava por um dos claustros mais escuros, saiu-me ao encontro uma dama, completamente tapada por um veu. Poz-me rapidamente a mão na boca, dizendo-me ao ouvido:

— Silencio, cavalheiro. Siga-me.

Deixei-me levar, não sem que pela imaginação me passassem as mais luminosas e douradas phantasias. Eu estava no tempo das surpresas; e em Hespanha reinavam Carlos IV e D. Maria Luiza, de picaresca memoria.

A dama que me guiava parecia ter azas nos pés; andava como se não pouzasse no chão. Abriu portas, que parecia guardarem com descripção os segredos de quem passava; baixou e subiu escadas; atravessou pateos; deslisou por duas ou tres salas; por fim, fez-me entrar n'um gabinete illuminado, onde resplendiam todos os primores da opulencia.

Fiquei deslumbrado.

XI

A manola coroada

Passada a primeira impressão vi, sentada em poltrona dourada, uma mulher ricamente vestida de *manola*. Pente alto: ligeira mantilha de renda branca, graciosamente traçada sobre o hombro esquerdo: sáia curta côr de fogo; corpinho de setim negro, que deixava amplamente nús, peito e braços; pé breve, primorosamente calçado. Anneis que lhe cobriam os dedos, colares que lhe vestiam o colo, brincos, pulseiras, tudo crivado de gemmas preciosas, ornavam em excesso a explendida *manola*.

Diante d'esta, com o classico vestuario profusamente bordado a passamenteria e lantijoulas, estava um toureiro, celebre n'aquella época pela sua pericia, pelo seu arrojo e, sobre tudo, pela perfeição e garbo da sua viril figura.

A *manola* tinha as costas meio voltadas para a porta por onde entrei. Fallava com extrema volubilidade, rindo a gargalhadas, e meneando com nervosa mão o activo e multicôr leque. Ella nem sequer se apercebeu da minha chegada.

O toureiro olhou para mim com a mais perfeita indifferença: depois, olhou para a minha companheira, que deixara cair o manto sobre os hombros, com um sorriso de namorado.

Este sorriso despertou a curiosidade, fez pôr de pé e voltar-se para nós a graciosa manola.

Era a rainha.

— Como Vossa Magestade me ordenou que entrasse, sem dar signal á porta...—balbuciou Consuelo; que esta era a minha dama embuçada.

— Fizeste bem de entrar. Estava impaciente porque chegasses — interrompeu bruscamente a rainha.

Voltando-se para o toureiro disse:

— Adeus, Pepe. Amanhã vou ver-te tourear. Trata de ser destro e valente.

— Farei o que poder, para agradar a V. M.—respondeu Pepe, quando ajoelhou em terra diante de D. Maria Luiza.

— Vae-te — disse esta, quasi duramente, ao toureiro,

voltando-lhe as costas e abrindo e fechando o leque com furor.

O sorriso do toureiro para a bella Consuelo não fôra indifferente, nem á rainha nem a mim.

— Vae-te tu tambem, Consuelo—proseguiu a rainha.

Mas, quando viu que esta se encaminhava para a porta por onde saira Pepe, apontou-lhe para aquella por onde haviamos entrado.

— Por ali — disse. — Espera na salla.

D. Consuelo obedeceu; mas não sem se pôr vermelha como uma romã.

Ficamos sós: a rainha e eu.

Digo-lhes a verdade, meus amigos—exclamou o general Calavera — tive, n'aquelle instante, inveja a todos os toureiros das Hespanhas.

D. Maria Luiza esteve um instante calada a mirar-me, como para bem avaliar a minha, n'aquella occasião, pouco avantajada pessoa. Eu não mudara o disfarce com que viera de Madrid e apenas havia sacudido de mim a mais grossa poeira.

— Trouxes-te cartas para Fernando, já sei—irrompeu a rainha—Que diziam ellas?

— Não sei, real senhora—respondi, de joelhos com simulada humildade e bonomia hypocrita —Vossa Mages-

tade bem vê, que eu não ousaria abrir cartas que vinham para Sua Alteza.

— Então para que serves tu?

— Para cumprir submisso as ordens de Vossa Magestade e as de Sua Alteza — respondi, sem me perturbar.

A rainha bateu o pé com impaciencia, e o buliçoso leque tornou a agitar-se vertiginosamente.

— A mim ou ao principe podes tu servir. A ambos não —disse impetuosa. E mudando de tom proseguiu:—Consuelo, que te ama muito, disse-me de ti maravilhas. Pelo que estou vendo, ou és um tonto ou um velhaco.

— Oh!—rosnou a voz do cura D. Serapião, de modo que parecia o *pezicato* d'um rabecão.

— A rainha era assim — concluiu o General — Impetuosa e benigna.

Quando a vi—proseguiu Calavera—tão fóra de si, tive medo: mas não o quiz mostrar.

— Senhora—disse—não sei o que D. Consuelo contou de mim a Vossa Magestade: mas o que eu sei é, que sou um vassallo humilde e fiel de Vossa Magestade e que, da minha pessoa e da minha vida póde Vossa Magestade dispôr, quando e como quizer.

Surprehendida pelo tom fidalgo em que lhe fallei, Sua Magestade dignou-se baixar os olhos sobre mim com

benignidade e... senti que lhe não desagradava o meu gesto militar e semblante energico de homem affeito aos perigos... de todo o genero.

Acalmada a momentanea excitação, a rainha sentou-se com languidos ademanes; e dando-me a mão a beijar, ordenou-me que me levantasse.

O leque multicôr balouçou-se, com suave morbidez, nas mãos da real manola.

XII

Rainha e favoritas rivaes

Passava dos cincoenta annos D. Maria Luiza e não fôra bonita nunca. O tempo tinha apenas modificado a nitidez e perfeição das fórmas esculturaes da rainha, fórmas que eram a gloria d'ella e a inveja de todas as damas de Madrid.

A graça primorosa dos gestos e admanes — graça em que a desenvoltura da *maja*, o voltear de mariposa da andalusa, realçavam a amavel benignidade da rainha — mantinha-se inalteravel pelo magico poder de um coração, que nunca se cançava de amar; coração para o qual o amôr era uma divindade impessoal, a quem ella adorava sempre sob todas as fórmas.

— Bravo! — exclamei. — Que poetico está, general.

— Não se admire — respondeu Calavera no tom da

mais sincera convicção.—Passei a vida a dizer finezas a formosas damas. É essa a minha melhor prenda.

— Fica bem a um guerreiro, que faz tremer o inimigo de medo—acudiu ironicamente D. Facundo—offerecer o incenso da adulação ás bellas.

—Mas não era adulação o que eu pensava, ao beijar a mão da rainha D. Maria Luiza, coberta de joias como a Senhora da Atocha—disse D. Santiago com vivacidade.

Depois, mais tranquillo, accrescentou — Creio que a rainha me leu nos olhos o que se passava em mim n'aquelle momento, porque a regia e delicada mão se esqueceu, alguns instantes, pousada sobre os meus labios.

— Como ficou Manoel?—perguntou, passado um minuto de silencio. Vendo que eu olhava para ella sem responder, e como surprehendido, a rainha disse, corrigindo-se—Como deixaste Sua Alteza o principe da Paz?... De certo o verias, antes de partir para o Escurial?

—Senhora, tive a honra de prostrar-me aos pés de Sua Alteza e de receber as suas ordens, depois que... meu amo, o cardeal—enganei-me real senhora—o conego Escoiquiz, me deu a carta para o principe das Asturias.

Apreciou muito, a rainha, o meu calculado equivoco. Todos na côrte diziam, que o desinquieto conego ambi-

cionava a purpura cardinalícia, e se preparava para ser o valido e director politico do futuro rei de Hespanha.

— O teu conego é um intrigante e um traidor: mas cardeal não o é ainda... nem o será. O que diziam as cartas?.. — e vendo que eu ia repetir o que antes dissera em resposta á mesma pergunta, acudiu, fazendo com o leque um gesto de ameaça — Bem sei já que as não abriste, apezar de Consuelo dizer que és esperto... e sem escrupulos... quando se trata de salvar o rei... Mas ao menos o que adivinhaste?

— Adivinhar uma carta fechada em grosso sobrescripto, é permittido — respondi eu: — e vou dizer a Vossa Magestade o que adivinhei.

Contei então á rainha o que dizia a carta e o memorial de aggravos contra o principe da Paz e accrescentei o que sabia dos tratos secretos de Escoiquiz com o embaixador de França e com os duques do Infantado e de S. Carlos.

— Pobre Manoel! — exclamou a rainha com sincera magua—Como lhe querem mal, só porque eu e el-rei lhe queremos bem! Vae, vae-te depressa para Madrid e diz-lhe que se acautele, que se não exponha ás traições dos seus... dos nossos inimigos. Vae-te... Não. Chama antes a Consuelo, que está esperando ali fóra.

Obedeci, e Consuelo entrou com uma cara muito contristada.

— Que tens, para estar tão triste?—perguntou-lhe D. Maria Luiza.

— Que tenho, minha senhora? Perdi a graça de Vossa Magestade—respondeu a mulher do corregedor em tom lamentoso, pondo-se de joelhos.

A rainha riu-se da velhacaria da sua nova favorita, e puchando-lhe ligeiramente a ponta rosada da orelha, como para a levantar, disse-lhe — Velhaqueta! podes levantar-te com a minha graça... e com o meu perdão tambem.

— Perdão!—clamou Consuelo contricta.

— Tens os olhos buliçosos de mais, Consuelo.

— Para adivinhar os desejos e pensamentos de Vossa Magestade.

— E para os imitar... ás vezes. Pois eu, Consuelo, não te quero imitar os teus... para te não affligir.

— Não é facil... affligir-me eu, minha senhora.

A estas palavras, ditas com a mais franca jovialidade, seguiu-se entre ambas troca rapida de significativos olhares. Mysterioso dialogo, que concluiu por um duetto de longas e sonoras gargalhadas.

Os leques das duas hespanholas fraternisaram nos seus vertiginosos movimentos.

— Riam-se do general?— perguntou D. Facundo.

— Deus lhes perdôe! Pareceu-me que sim. Pareceu-me que a voluvel Consuelo se queria vingar em mim do desgosto que soffrera por Pepe, o toureiro namorado e gentil.

— Ter um toureiro por preferido rival! — exclamou Aguahuco.

— Sr. D. Praxedes — acudiu o general, com gravidade — os toureiros, n'aquelle tempo, occupavam eminente logar na côrte e na cidade. A rainha havia posto os toureiros á moda.

— E que dizia a isso o principe da Paz ?—Perguntei.

— O principe da Paz vestia-se ás vezes de toureiro, para agradar á sua protectora.

— E nada mais?

— Nada mais e mais tarde saberá porque.

— E o rei?

— O rei — interrompeu D. Facundo — como elle proprio disse a Bonaparte, em Bayona: «todos os dias, inverno e verão, ía á caça até ao meio dia, jantava e voltava a caçar para a tapada até ao cair da tarde.»

— Voltemos á sua historia, D. Santiago Calavera — acudiu o cura, que não gostava de ouvir fallar dos reis com irreverencia.

— Quando acabou de rir, a rainha voltou-se para mim, dizendo:

— Tu não és ciumento, capitão? É um vicio que não fica bem nos Guardas do Corpo.

— Vou-me corrigindo d'esse... vicio, real senhora. A experiencia embota a sensibilidade.

— Dize antes que a apura, tirando-lhe as demasias, e cortando-lhe os contracensos. A sensibilidade é aptidão para gozar e não disposição para padecer.

Muito havia que dizer d'esta theoria da rainha; como ella, porém, a praticava conscienciosamente, e eu sabia a que tendiam aquellas palavras, respondi apenas com um respeitoso gesto de assentimento.

XIII

Missão delicada de D. Cansuelo

— Dize-me, Consuelo, já descubriste onde o principe das Asturias guarda... os papeis que elle tem mais em segredo?— perguntou a rainha.

— Minha senhora eu não sei senão... — e Consuelo olhou para mim como hesitando em completar a phrase.

— Dize, dize. Calavera não é ciumento como lhe ouviste. E que o fôra... quando se trata de salvar o rei... não ha que hesitar. Tu fizeste voto de obediencia em tudo... á rainha.

—Vossa Magestade quer... — e a perfida parecia gosar com a minha anciedade involuntaria.

— Mando — respondeu a rainha com um sorriso. — Dize-me, o principe não te pediu alguma prenda... como

lembrança da visita, que ha pouco lhe fizeste?—insistiu a rainha.

— Sim, minha senhora. Pediu-me.

— E tu deste-lhe?...

— Uma madeixa de cabellos... que elle proprio cortou.—E Consuelo cobriu os olhos com o leque.

— E não reparaste?— como tanto te recommendei — não viste onde a guardou?

— Obedeci pontualmente a todas as ordens de Vossa Magestade.

D. Maria Luiza, apezar da gravidade e perigo da situação, em que ella julgava acharem-se, o rei, o principe da Paz, e ella propria, não podia resistir á sua natural tendencia para o picaresco.

— E não as excedeste... em nada?—perguntou, dando com o impertinente leque na mão de Consuelo.

— Vossa Magestade queria saber os segredos do principe, e eu fiz quanto pude para os descubrir—respondeu D. Consuelo.

— Bem!—exclamou a rainha, tomando um tom severo. — Receberão os traidores o castigo que merecem. Não poderão já negar a horrivel conspiração. Os papeis que trouxe Calavera, estarão guardados com os cabellos de Consuelo. Fernando é moço e está enamorado de ha

pouco. Os teus cabellos, Consuelo, contam-se, por alguns dias ao menos, entre as cousas que meu filho guardará como das mais preciosas. Parta, capitão, parta já; vá contar tudo a D. Manoel. Diga-lhe que se apresse. Uma hesitação, uma fraqueza póde perder-nos a todos. Espere... Vou-lhe escrever duas linhas. Levando carta minha... será melhor. Não hesitará.

A' medida que fallava, a rainha ia-se exaltando. Por fim, agitava-se, corria a largos passos pela casa, batia o pé de raiva, estendia os braços com punhos serrados e ameaçadores. Assim, vestida de *manola*, espumante, rouca a voz e descomposto o gesto, D. Maria Luiza parecia mais uma regateira dos bairros baixos de Madrid do que a rainha de Hespanha.

Eu e Consuelo estavamos como fulminados, por aquella subita e desattentada colera, que tanto destoava do caracter lhano e jovial da rainha.

Passados minutos, D. Consuelo, em voz submissa e como a medo, ousou dizer:

— Nenhum perigo correrá Sua Alteza n'esta conjunctura, minha senhora?

A rainha, por tal modo estava preoccupada com os perigos de Manuelito, do principe da Paz seu favorito, que respondeu logo, outra vez incendida em colera:

— Elles querem arrancal-o de ao pé de nós! Querem atentar-lhe contra a vida, e cevar n'elle a sua feroz vingança! Mas não lh'o consentiremos, nem eu nem El-rei: antes serão elles... todos, todos... que sentirão a grandeza do castigo, que merece a grandeza de taes culpas.

Intimidada mais ainda, mas sem desistir do intento de chamar a attenção da rainha para o que lhe inquietava o espirito, D. Consuelo insistiu:

— Minha senhora... não é do principe da Paz... é de Sua Alteza que fallo...

— Do principe das Asturias!? — exclamou D. Maria Luiza, indignada. — Do filho ingrato!? Do traidor... do parricida... que anda conspirando contra El-rei seu pae, e contra a minha vida!?

— Haverão exagerado a Vossa Magestade as intenções do principe... de certo criminosas... mas não tanto!...

A rainha olhou, surprehendida, para a ousada dama. A nuvem de colera, que lhe assombrava as facés, esvaeceu-se quasi subitamente. Um riso, a principio mal esboçado, que depois se abriu em riso franco e alegre, brincou-lhe nos labios; havia pouco ainda contrahidos pela paixão.

— Já vejo, Consuelo, que excedeste as ordens que te dei. Esses cuidados sollicitos por Fernando!...

E, olhando para mim, accrescentou:

— Que pensas d'isto, meu capitão Calavera?... Coitado!...

Uma prolongada gargalhada de ambas foi epilogo d'este singular dialogo.

XIV

Carta da rainha e bilhete da favorita

Sentia-me impaciente. Ia-me irritando de mais a desorientada leviandade da rainha, e as demasiadas condescendencias de D. Consuelo, que lhes chamava necessidades da politica e provas de zelo pelos interesses da sua real ama. A consciencia, comtudo, de que cumpria um dever de lealdade ao rei, de que sacrificava á patria os meus mais ternos sentimentos e até a minha dignidade de homem, tudo me animava, tudo me dava forças para supportar o pezado martyrio que me estavam infligindo aquellas duas damas, feitas uma para a outra, e que o diabo deveria juntar, se antes o não houvesse feito D. Manuel Godoy.

— Se Vossa Majestade o consente—disse eu—parto sem demora para Madrid.

A rainha olhou para mim, surprehendida talvez da minha ousadia, em manifestar um desejo diante d'ella. Os seus olhos, pela primeira vez, se demoraram compla-

centemente a observarem-me. Não me foi por certo desfavoravel o effeito que produzi. Então era eu, rapaz, garboso, desempenado, nada feio. Ainda que pouco corpulento tinha toda a elasticidade de um guanche serrano, o que parecia realçar as boas proporções da minha figura, e accrescentar-me em altura o que me faltava para ser um esplendido guarda do corpo.

— Espera — ordenou a rainha sorrindo, e pousando benevolamente o seu boliçoso leque sobre o meu hombro.—Não creio que te deva parecer demaziado o tempo que passes aqui... aos pés da rainha.

Senti que me fugia a vista dos olhos. Aquelle leque real, que me pousava no hombro, parecia ter o magico poder de elevar-me... até onde havia chegado outro guarda do corpo; o principe da Paz. Balbuciei algumas palavras que não sei se a rainha intendeu. Eu, com certeza, não as entendi, porque nunca soube quaes foram.

— Vou escrever um recado para Manuelito — disse a rainha, sentando-se a uma meza para escrever.—Entrega-lhe esta carta, logo que chegues a Madrid. Dize-lhe, da minha parte, que não perca um momento. Tu, volta logo para o teu posto na guarda, são precisos aqui agora militares, homens fieis... que me sejam dedicados corpo e alma.

Emquanto ia fallando, D. Maria Luiza escrevia; e, como a carta não era longa, promptamente concluiu. Emquanto a rainha fallava e escrevia, D. Consuelo, acercando-se d'outra papeleira, posta ali por symetria, escreveu tambem algumas palavras n'uma tirinha de papel, que cuidadosamente dobrou e escondeu no seio.

— Olha, Consuelo — disse a rainha depois de acabar de escrever—fecha esta carta para o principe da Paz.

Voltando-se, então, para mim, proseguiu com insistencia:

— Entrega-lh'a logo que chegues a Madrid. Eu só lhe digo que não perca um minuto, que é urgente tomar uma resolução... que eu e El-rei tudo esperamos d'elle e só d'elle. Confio em ti, e conto que lhe digas o estado em que as cousas estão... a conspiração que se anda tramando contra a vida d'El-rei e a minha. Dize-lhe que o odeiam, que o querem derrubar do poder e sacrifical-o... sacrifical-o á ambição de Fernando. Este filho ingrato dirige o plano todo, porque deseja ser rei... e, para esse fim, tem tratos secretos com Napoleão. Eu não creio, não creio que o usurpador, tão nosso amigo como é... o imperador que tanto quer a El-rei e tem em tanta conta o principe da Paz, com quem combinou os seus vastos planos de conquista... não creio que o usurpador proteja

semelhantes intrigas. Isto tudo é obra do embaixador de França, que quer casar uma parente sua com o herdeiro da corôa de Hespanha.

Cansada de fallar com extrema volubilidade, a rainha calou-se um instante; mas logo proseguiu, incendida em colera e de punhos cerrados.

— O que é preciso—proseguiu ella—o que é preciso é inergia... que se não hesite em castigar os criminosos, para lhes não dar tempo a criarem forças. O mal deve cortar-se pela raiz... e a raiz está no Escurial.

Sentia-me embaraçado com a situação difficil a que as circumstancias me haviam arrebatado. Assim eu, simples capitão das guardas, achava-me nos segredos do omnipotente principe da Paz e da rainha; segredos terriveis, que podiam lançar a Hespanha n'uma guerra civil, e terminar por tragedia pavorosa!

A pelle arrepiava-se-me com um frio de morte, quando pensava... o enredo em que eu andava, entre Godoy e Escoiquiz, entre D. Maria Thereza e o principe das Asturias... tendo a confiança de cada um d'elles e enganando-os a todos.—E se tudo viesse a descobrir-se!

— Está fechada a carta—disse D. Consuelo, apresentando a carta fechada á rainha.

— Bem—acudiu esta. — É partir já.

XV

A visita da freira

Ia já para despedir-me da rainha, quando, muito subtilmente, bateram á porta, que dava para os aposentos interiores. Suspensa um instante, como se não atinasse com quem podia ter a ousadia de bater á porta do seu mais reservado gabinete, D. Maria Luiza ordenou-me que guardasse a carta para o principe da Paz, que eu ainda conservava na mão, e, com voz sonora e imperiosa, em tom impaciente e breve, fez a costumada pergunta:

— Quem é?

Voz de mulher, singular, muito harmoniosa, que mais parecia entoar sacra melopêa do que fallar, respondeu:

— Seja Deus com Vossa Majestade. Gente de paz.

Com signaes visiveis de descontentamento, a rainha foi, ella propria, abrir a porta. Uma freira de notavel bellesa, ainda moça,alta, esbelta, envolta nas pregas amplas e esculpturaes do alvissimo habito, que um escapulario escuro realsava; rosto pallido de marmore emoldurado em véo branco e pittoresco; olhos como diamantes negros que lançavam com desusado brilho subitos clarões de fogo; bocca serena e grave, em que se escondia a custo, a expressão violenta das paixões; gestos grandiosos que pareciam obedecer ao firme proposito de fazer impressão em quem os admirava: uma freira, que nada tinha de ascetico em si, mas a quem longo habito da vida claustral e talvez a vontade de impor aos outros a convicção da sua rigidez e devoção, dava apparente unção religiosa, — entrou solemnemente e ajoelhou, com um gesto de verdadeiro orgulho, aos pés da rainha e beijou-lhe a mão.

— Soror Theresa — exclamou D. Maria Luiza, procurando levantar a freira, e correspondendo aos beijos que esta lhe dava nas mãos com beijos reverentes na cruz que lhe pendia sobre o escapulario. Soror Theresa da Annunciação! sempre se vae hoje?... Vendo passar as horas estava já persuadida que se não ia.

— Vossa Majestade bem sabe, respondeu a freira pon-

do-se de pé, bem sabe que não posso por mais dias deixar a communidade sem a sua prelada. O meu dever e as minhas devoções chamam-me ao retiro do convento.

—Que feliz é, Soror Theresa, em poder passar os dias no recolhimento, na oração... fóra do bulicio do mundo e dos peccados dos homens, disse a rainha, com ar de contricção e tom de ironia.

A prelada olhou para ella; e, na ligeira contracção dos labios e, mais ainda, na expressão hostil dos olhos, que a colera comprimida illuminava, bem se via que não confiava na sinceridade da sua real interlocutora. Verdade era que, no rosto expressivo da rainha, facil era vêr que tambem não acreditava nem em si nem na freira.

—Bemdito seja o Senhor, disse Soror Theresa, que, por sua divina misericordia, me deu tempo para purificar esta minha alma peccadora; me concedeu paz e solidão, para me poder abraçar em espirito com a Virgem Maria, e me sentir abrasada nos ardores infinitos da contricção e do amor divino.

Eu estava pasmado a olhar para a freira, sem poder adivinhar se ella era uma fanatica, se uma actriz consumada. Nos supitaneos arrebatamentos d'aquella mulher, joven, robusta, cheia de vida e de energia, havia um que de mundano, que me não elevava ao céu o pensa-

mento. Olhos e bocca, em Soror Thereza, exprimiam energicamente a paixão mas não a devoção. O sensualismo dominava e suffocava o espiritualismo de convenção.

— Vá-se. Recolha-se ao seu convento, Soror Theresa —disse, depois de uma pausa, a rainha.—Não quero demoral-a mais tempo. Já dei ordem para estar prompto um coxe de viagem e uma escolta para a acompanhar a Madrid. Agora tenho uma cousa a pedir-lhe, Soror Thereza.

— Mande-me, Vossa Majestade.

— Desejo que leve a Nossa Senhora d'Atocha este colar e que junte as suas ás minhas orações, para que livre a El-rei e a mim, que livre os meus... os nossos amigos, de perigos e trabalhos, que a todos nos ameaçam... das traições que contra nós se tramam.

Dizendo isto, a rainha tirou um colar de grossas perolas, e o lançou ao colo da freira.

Mostrando-se, por um momento, surprehendida do que ouvia, a Prelada fez um gesto de duvida e exclamou depois:

— Traições contra Vossa Majestade e El-rei! Perigos e ameaças, para os que a omnipotencia divina poz no throno de Hespanha!... Senhora, que diz Vossa Majes-

tade?!... Não a andarão a enganar, os inimigos do throno e do altar, os jacobinos, os filhos perversos das idéas francezas... não enganarão Vossa Majestade, para a malquistar com aquelles, que mais dedicados são a Vossa Majestade, a El-rei e á patria?

Sobresaltada, visivelmente, a rainha ao ouvir estas palavras de Soror Thereza —palavras que pareciam encaminhar-se a sensurar as proprias paixões de D. Maria Luiza e as intrigas do principe da Paz — interrompeu com violencia a Prelada.

— São verdadeiras as traições, que se andam urdindo contra mim e El-rei. Não são invenções de intrigantes os perigos, que nos estão ameaçando. Ha provas... provas...

N'esta occasião os olhos da rainha volveram-se para o canto da casa, para onde D. Consuelo e eu nos haviamos retirado; e o impeto com que ía, inprudentemente, descubrir á prelada segredos d'Estado, subitamente se quebrou.

A freira, seguindo o movimento da rainha, pareceu ver-nos então pela primeira vez, e uma expressão de receio e desconfiança se lhe desenhou no rosto.

— Senhora — disse ella á rainha — se ha sacrilegos, que ousam pensar em offender, aleivosamente, a El-rei e a Vossa Majestade, permittirá Deus que esses recebam

o castigo que merecem. Vamos, vamos pedir a Nossa Senhora da Atocha que proteja os preciosos dias de El-rei, e guarde de todo o perigo a virtuosa rainha, a quem tanto devem, em Hespanha, a religião, a caridade... a paz. Nós, pobres mulheres, nada podemos, senão pedir a Deus, e ter confiança n'elle.

Pareceu-me que, na voz da prelada, transparecia um certo tom de ironia. D. Maria Luiza teve a mesma impressão, porque corou ao dizer :

— Não fallemos nas minhas virtudes; que as não tem, infelizmente, quem não sabe fugir ás fragilidades d'este mundo. Rogue a Nossa Senhora da Atocha por nós, Soror Theresa; que a hade ouvir a rainha do ceu. A graça do Senhor está com sigo, porque a pureza e a devoção da sua alma a soube merecer.

Chegou a vez de corar a freira, enleiada e confusa. Para disfarçar, talvez, o seu vivo embaraço acudiu ella, em tom humilde e contricto :

— Permittíra Deus que assim fosse! Visitada pela graça divina, minha Senhora, é essa bemaventurada beata Dorothea, que está enchendo Madrid das maravilhas sobrenaturaes de seus extasis e visões.

— Já n'isso ouvi fallar—acudiu a rainha—Conhece-a... a beata Dorothea?

— Vive recolhida n'uma cella humilde do nosso convento, essa serva de Deus — disse a freira. — Alli a visitam já muitos devotos; e todos ficam tomados de santo pavor ao verem aquella santinha, na hora em que a toca a graça divina, ficar hirta e fria, como se estivera já morta, e cahir em longos extasis, em que lhe apparecem celestiaes visões e lhe quer Deus, por sua infinita misericordia, revelar muitos mysterios.

XVI

A visão da beata Dorothea

Levada de supersticiosa curiosidade, a rainha pediu á formosa prelada, que lhe contasse algumas das milagrosas visões da beata Dorothea. A freira, claramente satisfeita com o pedido da rainha, tomou logo o gesto e o tom de missionario pregador e respondeu :

—Muitas e sobrenaturaes visões tem apparecido áquella serva de Deus, nos extasis milagrosos que, por celestes revelações, parecem desvendar-lhe o futuro. Nenhuma, porém, tão prodigiosa, tão cortada de terrores, tão cheia de altos mysterios que o espirito treme de interpretar, como foi a visão dos «anjos que choram.»

Commovida e tomada de mysterioso pavor, a rainha instou com Soror Thereza que lhe contasse detidamente a visão. A prelada não se fez rogar muito, antes mal dis-

farçou quanta alegria lhe davam as instancias da rainha. A freira ia vingar-se, era claro.

Menos supersticiosa do que D. Maria Luiza, ou talvez mais leve de consciencia, por pouco escrupulosa, D. Consuelo tocou-me no braço dizendo-me, ironicamente, ao ouvido:

— Temos scena! Ouçamos.

— A freira está inspirada — disse eu.

— A freira é de tomo e lomo.

— E de muita virtude?

— Oh!... Ladina! Namoradeira encapotada, e activa agente de frades conspiradores.

— E a rainha... não vê?

— A rainha não vê senão Manuelito...

— Quando não vê outros—accrescentei eu.

— Em politica... não vê senão elle. É sua alliada, sua cumplice... e sua rival.

— Hê-mos de vel-os ambos no throno.

— Hê-mos de vel-os apedrejados ambos.

— Então para que os servimos?—perguntei.

— O poder ainda está nas mãos d'elles, e é bom servir a todos... em tempos assim revoltosos — respondeu sentenciosamente D. Consuelo.

— Toma um conselho de boa prudencia — proseguiu

ella, depois de uma curta pausa. — Servir sempre o poder que está, lisongear as paixões do que ha de vir... Servir pessoas, isso nunca. Pode-se cair com ellas; mas nunca gosar com ellas as delicias do mando.

Em quanto esta rapida conversação se passava entre mim e Consuelo, a rainha havia tornado a sentar-se na sua doirada poltrona, e feito sentar junto de si Soror Thereza da Annunciação.

Esta começou a sua narrativa, com a expressão do mais vivo terror na pallida face; voz cava e tremula, gesto solemne, pausado e grave; como tolhida pelo susto, que lhe causava a portentosa visão da beata Dorothea.

— Arrebatado o espirito, pelo poder infinito da divina graça, a essa região vaga e mysteriosa dos sonhos e das visões; o corpo prostrado e gotejando sangue; por vezes hirto, frio, insensivel; por vezes agitado de convulsões e como luctando com as vascas da morte; a beata Dorothea víra, n'um céu caliginoso e profundo, subitamente apparecer intenso clarão, como de vastissimo e prodigioso incendio, em que houvesse a colera celeste abrasado a Hespanha inteira. Sobre aquelle sinistro clarão se lhe representou a aterradora visão.

A prelada fez aqui uma pausa, para dar tempo a que a rainha se compenetrasse bem da gravidade do que lhe

ia contar. A real *manola* agitou, convulsa, o boliçoso leque, e ajustou mais aos hombros a mantilha, como se sentira frio.

— A freira é bem fallante—segredei eu a D. Consuelo.

— Sermão estudado—repondeu esta.

— Como?!

— A visão corre hoje de bocca em bocca, entre os pariaes do principe das Asturias, e até pelas mãos dos monges do Escurial andam já copias d'ella.

— E a rainha não sabe?

— Estes senhores não sabem nada. Vivem em sonhos, n'um mundo de mentiras. A rainha não sabe senão o que se digna dizer-lhe... o seu Manuelito.

— E tu, Consuelo?...

— Eu não estou aqui para ser desagradavel .. para acordar a minha real ama.

Soror Thereza proseguiu.

— Sobre aquelle fundo, sinistramente refulgente, revelava-se ao espirito da beata Dorothea a pavorosa visão. Estava, em throno de ouro e pedraria, magestosa rainha assentada. Coroava-lhe a fronte precioso diadema, onde brilhava, com luz sobrenatural, um carbunculo immenso. Aos pés da rainha, nos degraus do throno de ouro, cravejado de diamantes, reclinava-se um homem,

um general, ornado com as gloriosas veneras das ordens hespanholas de cavallaria. Esse homem, esse general, tirava de uma guitarra sons mysteriosos, os quaes, pouco a pouco, imbeveciam a rainha. Ao passo que isto succedia, ia-se na real coroa apagando, como luzeiro no occaso, o maravilhoso carbunculo.

— Que ousadia!—exclamei eu.

— Já se sentem fortes, e ousam tudo — respondeu Consuelo.

— Mas aqui!...

— Querem aterrar a rainha, para mais depressa perderem Godoy.

— E depois?

— Governarem elles... com novo rei.

Decididamente a mulher do corregedor de Teneriffe dera em grande politica e sagaz dama de côrte. Tornava a sentir-me enamorado d'ella.

— Adoro-te, consuelo — murmurei.

— E eu a ti... se tiveres juizo—respondeu ella, sorrindo-se.

A rainha dava mostras de grande impaciencia. O leque andava n'um turbilhão, e levantava um temporal.

Sem se desconcertar, a freira continuou.

— Em obscuro recesso, apartado dos fulgores do

throno, para a banda do oriente... — E Soror Thereza accentuou as palavras «para o oriente» e continuou — a serva de Deus viu um joven e simpathico cavalheiro, triste, meditabundo e como opprimido por intima dor... Junto d'elle, dois formosissimos anjos sustinham nos braços as armas de Castella. Choravam os anjos, ao contemplarem o doloroso abandono em que estava o guapo cavalheiro, a cuja guarda a Magestade divina, mandara velar os proprios anjos. Não chegavam alli os sinistros e afogueados clarões, que illuminavam o throno, mas sim uma luz pallida, suave e pura como o primeiro clarear de serena manhã d'estio.

— Parece o final de um Auto de Calderon — disse-me D. Consuelo, rindo á sucapa.

E eu disse logo:

— Aqui diz o Filho como em *La viña del señor*:

«A su grave peso caigo
«Rendido; donde mi pena
«Descanso hallará?

Dando-me a replica, Consuelo acudiu:

«En mis brazos.

— Tu és a Innocencia, Consuelo?! — exclamei. — Ao cair-te nos braços o... principe disse-te:

«Si, que solo en ti, Inocencia
«Tiene egual pasion descanso.

— Cala-te. Escutemos. Vai continuar a freira.

D. Consuelo não gostara da allusão. A rainha tambem não gostava da historia da freira; dominava-a porém um serto pavor mystico, e escutava anciosa. D. Consuelo, que não era sujeita a vãos sustos, mandava-me calar.

XVII

Colera da rainha. — A freira triumpha

— Passados alguns instantes — proseguiu Soror Thereza — viu a beata Dorothea, na sua sobrenatural visão, levantar-se para o norte, lá no fim do immenso horisonte, um grande espectro envolto em amplo manto de purpura; cingida a fronte de virente corôa de louro, e na mão empunhando refulgente espada. Crescia sempre o espectro, crescia, crescia cada vez mais... dilatava-se-lhe na mão a espada ameaçadora, alongava-se-lhe o braço para o throno, em que estava sentada a descuidada rainha.

— Essa visão — exclamou por fim D. Maria Luiza, quebrando o leque de raiva—essa visão tem mais de enredo politico d'esses miseraveis, que andam conspirando contra mim e contra El-rei, do que de revelação divina

feita a uma piedosa e innocente serva de Deus.— Como se deixou enganar com esses embustes de frades, Soror Thereza?... Uma mulher de juizo e temente a Deus?

Perturbada um instante, mas recuperando promptamente o sangue frio, a prelada respondeu á rainha, socegadamente e simulando a mais sincera convicção e innocencia.

— Eu propria vi e ouvi a bemaventurada Dorothea, quando, ao tornar a si do seu longo o doloroso lethargo, nos contou, entre lagrimas e soluçados gemidos, a estupenda apparição que Nosso Senhor, por sua divina graça, lhe mandara n'aquella hora. Estavamos presentes algumas freiras, Fr. Innocencio, Fr. Simplicio, Fr. Pacovio, dos franciscanos, e o confessor da beata, varão de muitas letras e grandes virtudes.

Não convencida a rainha, e cada vez mais irritada, perguntou, com impaciencia, d'onde viera aquella beata Dorothea, de quem só havia poucos dias se ouvia fallar na côrte.

— Não se sabe, real senhora, não se sabe senão que veiu de remotas terras, d'alem-mar, onde os seus milagrosos extasis traziam já o povo commovido e entregue a praticas de muita penitencia. Chegou a Madrid, trazida pela muita devoção que tem a Nossa Senhora da Ato-

cha. Foi Fr. João de Jesus que me pediu para a recolher no meu convento; onde tem sido, para todos, exemplo de virtudes, modelo de vida espiritual e gloria para a nossa humilde communidade.

A rainha fez um esforço sobre si, para dominar os impulsos da colera que lhe refervia n'alma; meneou freneticamente o leque, para moderar o calor que lhe afogueava as faces, e, passados instantes, disse com apparente serenidade.

— Conte-me o resto da curiosa visão, Soror Thereza. A beata Dorothea, de mysteriosa origem, a não ser uma envìada do céu para castigar peccados de principes, como creem e apregoam os franciscanos, tem ao menos imaginativa.... e grande propenção para a politica.

A freira, a esta acre e ironica replica da rainha, enfiou de medo; e foi, com os labios convulsos e brancos, com manifesta hesitação e temor, que proseguiu na sua phantastica narrativa. Como actriz consumada, porém, buscou, na ousadia, um correctivo para o mau effeito da scena que estava representando.

— Quantos ouviram da bocca d'aquella serva de Deus a descripção do que ella vira em seu extasi milagroso, sentiram frio terror enregelar-lhe os membros, e de joelhos, pediram, a gritos, misericordia!

E, acompanhando com a acção a vehemencia da palavra, Soror Thereza caiu de joelhos, clamando:

— Misericordia, Senhor, Misericordia! Salvae a misera Hespanha!

Movida por irresistivel impulso, a rainha prostrou-se tambem de joelhos, murmurando suffocada:

— Misericordia, Senhor!

Consuelo e eu seguimos o exemplo da rainha.

Passaram-se alguns minutos de silencio. Dir-se-hia que todos estavamos entregues aos fervores da oração; mas em todos referviam as mais violentas e encontradas paixões.

Foi a freira quem rompeu o profundo silencio.

Ainda de joelhos, com os olhos em alvo e marejando lagrimas, os braços solemnemente levantados, Soror Thereza proseguiu:

— Estendeu o imperial espectro mão ousada para a corôa, que cingia a fronte da magestosa rainha. O general, que estava aos pés d'esta, em vez de empunhar a espada para a defender, levantou, com mão tremula, a ignobil, a vil, a despresivel guitarra... unica arma que elle sabia brandir para seduzir, por infernal sortilegio, a candura de almas nobres e generosas. A mão do imperador baixou sobre elle. Prostrado, vencido, o cobarde

resvalou do tbrono. Quiz a rainha acudir-lhe... e, n'esse gesto, desprendeu-se-lhe da corôa o mysterioso carbunculo; não já amortecido e sem brilho, como pouco antes o pozera a melodia seductora da execravel guitarra do general, mas incendido, candente, abrazador como a ira divina. Caiu sobre o réprobo o prodigioso carbunculo... e consumiu-lhe, como fogo do inferno, as carnes palpitantes que o peccado corrompera.

Era tão vehemente a palavra, tão vibrante a voz e tão inspirado o gesto; havia tanta paixão, energia e colera na esplendida freira, que todos nos sentimos subjugados. A fronte da rainha que, se conservara ajoelhada, curvou-se até ao chão.

— Venceu a freira — disse eu a Consuelo.

— Agora — respondeu esta. — Logo vencerá a guitarra.

— A rainha está commovida.

— É a *manola* fanatica quem se curva diante da grosseira invenção. A rainha altiva virá depois.

— E a rainha?!

— Tem que se vingar d'esta humilhação. O odio d'esta mulher contra o proprio filho será implacavel.

— Pois ella é...

— A alma de Agrippina n'um corpo de *manola*.

Segura do seu triumpho, a freira proseguiu, no mesmo tom inspirado:

— Nos anjos, que choravam, resplandeceu então uma alegria celeste; por verem realisado o castigo de Deus, no peccador.—Pouco durou esta alegria. A espada do imperial espectro voltou-se ameaçadora para as armas de Castella, que os anjos sustinham nos braços. O brioso cavalheiro, que junto dos anjos estava, arrancou da espada para defender o escudo nacional. A arma do conquistador era, porém, mais poderosa, porque estava com ella a vingança de Deus, offendido pela impiedade e pelos crimes da Hespanha. Torrentes de lagrimas innundaram então as faces pallidas dos anjos e do angustiado cavalheiro, e todas as vozes clamaram...

Aqui a freira poz-se de pé, estendeu tragicamente os braços para a rainha sempre de joelhos, e, com voz que parecia suffocada por intensa dôr, bradou violentamente:

— Rainha, escuta os gemidos de teu filho! Ouve, attende as suas supplicas! Desarma a ira divina, que a ti e aos teus reinos ameaça. Lembra-te que és mulher, lembra-te que és mãe, lembra-te que és christã! Rainha! A hora do arrependimento é esta!

Pallida, tremula, com a face demudada pela violencia das paixões que lhe tumultuavam na alma, a rainha le-

vantou-se hirta de pé, como impellida por invisivel mola, com voz dura, aspera, imperiosa disse á prelada:

— Basta! Calla-te.

Fez-se na sala profundo silencio. D. Consuelo e eu levantamo-nos, sem ruido; retrahimo-nos ainda mais para o canto, d'onde haviamos assistido áquella extraordinaria scena. Não ousavamos dizer palavra um ao outro, com medo de que nos ouvisse a rainha.

Por fim, D. Maria Luiza, já senhora de si, apezar da colera que a suffocava, estendeu a mão á prelada, que logo, vendo o gesto da rainha, se prostou de joelhos para beijar com humildade a real mão.

— É tempo de voltar para Madrid, Soror Thereza — disse Sua Magestade.—D'aqui a meia hora estará prompto o coxe, com a escolta,que a ha-de acompanhar. Para maior segurança — accrescentou, designando-me com o gesto — irá em sua companhia o capitão Calavera.

— Senhora! — acudiu a freira, visivelmente afflicta.

— Irá — atalhou a rainha.— Quero eu.

Depois disse como para minorar a aspereza da ordem:

— Leve, não se esqueça, esse colar que lhe dei, a Nossa Senhora da Atocha, para que me dê forças de punir os traidores... todos.

Soror Thereza saiu, sem dizer palavra.

XVIII

Colera de mãe — Infamias politicas

— Ouviste?—me perguntou a rainha, ainda accesa em colera, logo que D. Consuelo fechou a porta por onde saíra a freira.

E, sem esperar resposta, proseguiu.

— São tudo traições... todos traidores em volta de mim. Esta maldita freira trouxe-me enganada por muito tempo: e agora ousou... affrontar a minha colera... injuriar a rainha. Já se julgam victoriosos, talvez. Não sentem, que a hora do castigo chegou e que a todos os hei de punir como merecem. Esse, sobre todos, esse principe das Asturias, que anda conspirando contra o throno e a patria... esse filho sem consciencia, que não respeita no pae a magestade do rei, nem respeita a vida da rainha, da sua propria mãe... esse filho ha-de sentir o

pezo da minha colera... ha-de vergar sob a minha colera implacavel.

Fazia horror ver aquella rainha, em trajes mais que picarescos de *manola*, com a mantilha a cair-lhe dos hombros, os cabellos desgrenhados, a bocca a espumar-lhe de raiva, o gesto descomposto de uma Nemesis cigana, soltando imprecações contra o proprio filho.

Eu estava ancioso por me ver fóra do antro dourado d'aquella furia côroada.

— E haverá quem, de boa fé, creia que Fernando póde ser um bom rei!... elle, que não sabe ser filho, poderia dar, gloria, grandeza, paz e liberdade á misera Hespanha?!—proseguiu D. Maria Luiza.—Ai! como se enganam, esses ingratos vassalos do melhor dos reis, do virtuoso Carlos IV! Todas as paixões vis, todas as cobardias, toda a ferocidade de quantos tyrannos tem havido no mundo, estão ali concentradas n'aquella alma cruel e traiçoeira. Por largos annos, se elle chegar a reinar, a Hespanha sentirá os flagellos derramados por aquella mão parricida... no solo devastado da patria. Maldito!... maldito!...

Cansada já, a rainha calou-se subitamente. Por uma d'essas rapidas transições, que são caracteristicas nas mulheres d'aquella compleição e caracter, chegou-se a

um espelho; arranjou á pressa cabellos e mantilha, colares e aneis; sacudiu as franjas da curta vasquinha; abriu e fechou rapidamente o leque duzias de vezes; abanou-se depois com languidez quasi sensual; deu alguns passos insertos pela casa, com o donaire estudado de fingida andalusa; e, por fim, sentou-se, fazendo alarde dos pés pequenos e primorosamente calçados.

A illusão em mim tinha-se esvaecido. D. Maria Luiza era uma velha, que me fazia horror.

D. Consuelo estava tão anciosamente agitada como a rainha, mas não ousava dizer palavra. Os meus olhos por duas vezes encontraram os d'ella. Havia n'aquelles olhos o fulgor da colera, temperada pela ironica expressão do despreso, quando a rainha dera soltas ás suas rancorosas e sinistras paixões.

D. Facundo interrompeu o narrador.

— Grande necessidade tinha a *manola* coroada do seu *manolo*, ou antes do seu Manuel, n'esse momento. Muitas vezes ouvi affirmar, a quem o sabia de sciencia serta, que Godoy domava a fera... como se domam feras.

— Todos na côrte o diziam — acudiu o general. — E, mais de uma vez, ainda não apagados os vergões da... amorosa mão de Godoy, D. Maria Luiza se lhe humilhava aos pés para lhe offerecer novas honras, novos presentes...

—E para de novo o trahir—disse D. Praxedes Aguahuco.

— N'esse ponto nada deviam um ao outro. Os escandalos eram sem conto—proseguiu Calavera.—Godoy favorecia os escandalos da rainha, para ter mais liberdade; e depois, segundo se dizia, castigava-os, como se tivesse ciumes... mantinha o seu poder pela oppressão e pela brutalidade. A rainha tolerava os escandalos de Godoy, para melhor dar largas ás suas... volubilidades desordenadas. Mas não podia, nem ousava quebrar os laços em que o crime e a mais louca e incomprehensivel paixão a traziam fatalmente enleiada.—Eu conheço, senhores—proseguiu o General com emphaze—conheço um segredo, que ninguem sabe, que, a meu ver, tudo explica... e torna muito duvidosas todas as historias, que se contam, dos amores da rainha com Godoy.

— E o segredo...—perguntou D. Praxedes.

— O segredo... o grande segredo de todas as intrigas n'aquella côrte devassa, logo o saberão.

— Seja o segredo qual fôr —acudiu o Primigenius — o que é certo é que todas essas scenas repugnantes se passavam no Escurial, quando já as tropas francezas haviam transposto o Bidassoa, e no espirito de Bonaparte estava traçada a aleivosia villã e cobarde que, sob color

de alliança e de amizade, havia de desthronar a familia real hespanhola.

— Verdade é — observei eu — que o governo de Hespanha, dando as mãos a Napoleão, para juntos invadirem e despojarem Portugal da sua velha independencia e para arrancarem do throno portuguez uma dynastia, de quem Carlos IV se dizia amigo, alliado e parente, perdeu o direito de se queixar dos actos de prepotencia que o imperador dos francezes praticou na Peninsula. Foram os hespanhoes, que abriram as portas aos invasores francezes, levados pela louca cubiça de alargarem as fronteiras; e isto no proprio momento em que na America estavam a ponto de perder um imperio. Ensinaram o caminho aos exercitos imperiaes, e estranharam que estes o aprendessem.

— Não devemos esquecer — disse, interrompendo-me, D. Facundo — que Godoy não era a Hespanha; que Godoy era um tonto, a quem as grandezas fizeram perder a cabeça; que Godoy, emfim, aspirava a ser um *principino* com os despojos da estupida guerra, que elle proprio preparava contra Portugal. A Hespanha, se teve um momento de illusão, se sonhou engrandecer-se á custa de uma condemnavel violencia, de um attentado contra a justiça, de uma quebra da sua tradicional inteireza, prom-

ptamente se desenganou, soffreu o castigo do criminoso attentado de Godoy, e apagou no heroico sangue de seus nobres filhos a mancha que lhe lançára na honra um principe da Paz.

— Possa a Hespanha não esquecer a dura lição!

— Lição que todos nós, portuguezes e hespanhoes, pagámos bem cara — disse D. Facundo.

— E cara a fizemos pagar aos francezes, que nol-a vieram dar—acudio o general Calavera.

XIX

Reflexões graves — Conselhos de mulher

Apoz breve silencio, o General proseguiu a sua narrativa.

—Depois de me recommendar, que acompanhasse soror Thereza da Annunciação até ao convento, que escutasse bem o que lhe diziam, para contar tudo ao principe da Paz; depois de me repetir, com insistencia, que corresse logo ao palacio do principe, para lhe entregar a carta que ella me dera e lhe contar quanto vira; depois de me ordenar que buscasse quanto antes, saber donde viera, quem era e que relação tinha com os conspiradores, a beata Dorothea; depois de maldizer de novo o principe das Ásturias, de lançar doestos contra Escoiquiz e todos os amigos de Fernando, tendo ameaçado com as suas vinganças, quantos faziam guerra ao seu

querido Manuelito, havendo-se, ora agitado com raiva ora meneado com mais desenvoltura do que graça; havendo brandido ou sacudido convulsivamente o leque; depois de me estender por tres vezes a mão, para me despedir e, de, outras tantas, a retirar para me deter; havendo-me promettido muitas vezes a sua protecção e dado outras tantas um ar da sua graça; a rainha, por fim, deu-me a desejada liberdade.

Quando me vi só no escuro claustro, tomei folego, como se houvera saido do fundo do mar.

O silencio convidava á reflexão. Reflecti.

A minha situação não era de invejar. Estava compromettido com o principe das Asturias, cujos planos, em parte, conhecia; e que confiava em mim, por eu ser um quasi confidente do conego Escoiquiz. Estava nos segredos da rainha, como protegido que era do principe da Paz, e por me ter o acaso feito como que ver por dentro a alma, profundamente immoral, d'aquella funesta princeza.

Eu não era homem para trahir o principe das Asturias; nem podia, sem faltar á gratidão, deixar de cumprir a espinhosa missão que me confiara o principe da Paz.

Aproximava-se uma crise politica. Era evidente. A lucta entre a mãe, o amante e o filho: entre a rainha, uni-

da ao poderoso valido, e o herdeiro da côroa. Essa lucta hedionda, que ameaçava a paz da Hespanha, havia chegado ao seu auge e só pela queda de um ou a morte do outro podia acabar. A voz publica dizia, que a rainha se empenhava em levantar Godoy ao throno de Hespanha, e, para o conseguir, tudo ousaria. Propalavam os parciaes da rainha e do principe da Paz, que D. Fernando tramava contra a vida da propria mãe e conspirava para arrancar a côroa da senil cabeça de Carlos IV, seu pae.

Onde estava a verdade? Onde se escondia a mentira? Dizia-me um vago presentimento que, nem uns nem outros mereciam que os servisse um brioso militar, como eu. Mas as conveniencias... as prudentes e astutas conveniencias estavam-me aconselhando a que os servisse a todos, sem me comprometter por nenhum.

Quem venceria?

Irresoluto, absorvido nas minhas profundas cogitações, ia eu caminhando lentamente pelos silenciosos claustros, quando senti passos ligeiros de mulher, que se acercavam. Adivinhei que eram de D. Consuelo e parei.

— Que ha? — perguntei.

— Venho despedir-me de ti, Calavera, que me não deu para isso tempo a regia Manola — respondeu Consuelo — Venho despedir-me e encaminhar-te por onde

possas sair do Escurial, sem que te veja nem alguem dos da casa do principe das Asturias, nem algum... dos escuitas do principe da Paz. É preciso que uns e outros ignorem a nossa verdadeira situação em toda esta meada.

— E é bem singular a nossa situação!— exclamei eu, recordando as cogitações que acabavam de passar-me pelo espirito — Tu, Consuelo, estás na mais intima confiança de D. Fernando... Intima de mais, acho eu. És rival da rainha no coração... — seja coração!—do valido. A rainha confia-te os seus segredos, e por ti quer saber os segredos do filho. Eu estou ao serviço de Godoy; sou secretario de Escoiquiz; sei o que tramam os conspiradores; acabo de assistir... á scena que ambos presenciamos; volto agora para Madrid a guardar uma freira, que tem na alma toda a astucia da companhia de Jesus, e no corpo toda a formosura exuberante e orgulhosa de Juno.

— Olha, Calavera! Não vás agora namorar-te da freira!— exclamou D. Consuelo.

— Pois...

— Não quero eu.

— Repito-te o que, mesmo aqui, me dizias haverá uma hora. Nada é demais, quando se trata de descobrir segredos d'Estado... para salvar um rei e um grande ministro.

— Ah!—disse, ameaçando-me, a minha voluvel cumplice — Não consentirei, que tomes tanto á letra as lições... da politica.

— Sigo-te os exemplos.

— Vamos! — interrompeu D. Consuelo, despeitada— Não são cousas essas com que se brinque. Lembra-te de Santa Cruz de Teneriffe e da mulher do corregedor... que consagrou a tua gloria, melicianinho do demo, com um beijo diante do general e de todo o mundo. Essas coisas não as deve esquecer... um heroe...

E poz-se a rir, a louca!

— E tu?

— Cousas ha que póde esquecer uma fraca mulher.

E D. Consuelo soltou uma gargalhada, longamente trilada.

Os eccos do claustro repetiram o trilo argentino de D. Consuelo; e esta, surprehendida da sua propria imprudencia, levou-me, quasi correndo e recommendando-me silencio, direito á porta particular da rainha.

— Um conselho—me disse ella, mettendo a chave na porta.

— Dize.

— Está para succeder alguma coisa grave, aqui. Não

te compromettas... não nos compromettas, nem a um nem ao outro.

— Essa é a minha resolução—respondi—Mas como ?!

— Servindo a todos. Fazendo a cada um só meias confidencias do que soubermos dos óutros. Evitando tudo quanto possa causar a explosão d'essas paixões mortiferas, que andam por ahi refervendo. É n'um momento grave, n'um momento de verdadeiro perigo, salvando a todo o custo aquelle que de nós precisar.

— De quem queres tu fallar ? — perguntei.

— De D. Fernando e de D. Manuel Godoy.

— E da rainha ?

— Essa não precisa de nós; e se precisar... O dever de todo o bom hespanhol é servir o rei. Faremos o que fôr do serviço d'el-rei.... seja elle quem fôr.

Despediu-me então D. Consuelo, com carinho não simulado; fazendo-me muitas recommendações maternaes; dando-me muitos conselhos prudentes ; promettendo-me inalteravel affecto.

As suas ultimas palavras, foram :

— Cuidado com a freira ! Cuidado !

XX

Viagem com uma freira politica

Pouco depois de sair do Escurial, já cerca da estalagem onde me apeara, acercou-se a mim um homem emboçado em ampla capa. Não me causou estranhesa o caso, porque n'aquelle tempo ainda era mais facil encontrar um castelhano sem camisa do que sem capa. Na côrte ou na aldeia; em viagem ou em casa; na praça ou na egreja; de noute ou de dia; de verão ou de inverno; em paz ou em guerra; na prosperidade ou na miseria; em lances de amor ou em lances de honra; cobria sempre o castelhano a capa protectora.

—Cavalheiro! — me disse, cortezmente o meu encapotado. Parei não sem levar a mão á espada.

Elle proseguiu.

—É ao capitão D. Santiago Calavera, que tenho a honra de fallar?

— Sim senhor — respondi.

— Dentro em pouco, capitão, estará um coche de viagem a uma das portas do mosteiro de S. Lourenço, que dá para os regios aposentos. Uma dama, tapada com mantilha, entrará no coche. Manda Sua Alteza, que acompanhe essa dama a Madrid, e cumpra as ordens que ella está encarregada de transmittir-lhe. Para que a dama o reconheça, diga-lhe o capitão «Espere:» a esta senha responderá a dama «Fiel.»

Lembrando-me do que a rainha me ordenára, que acompanhasse Soror Theresa da Annunciação, ia replicar, quando de mim se afastou rapidamente o emboçado, escondendo-se nas sombras.

Depois de alguma hesitação, resolvi obedecer ás ordens do principe das Asturias. Tendo-se a prelada mostrado tão descontente de me levar por companheiro até Madrid, pareceu-me mais seductora a aventura passar a noite com uma desconhecida, que, ao menos, me trataria como correligionario politico, do que viajar com a freira, embora formosa, para quem eu não era mais do que odiado inimigo. De mais, não acompanhando a freira, eu podia provar a D. Consuelo que tomava em conta... os seus siumes.

O coche estava á porta do Escorial; atraz d'elle uma

forte escolta de Cavallaria; em roda, creados montados com arxotes acezos na mão, pouco depois, uma dama toda envolta em escuro manto, saía do Mosteiro e entrava apressadamente no coche. Ninguem a acompanhava.

Aproximei-me então. Um creado, que parecia estar-me esperando, afastando-se um pouco dos outros, chegou-se a mim:

— É o sr. capitão Calavera? — perguntou.

Ouvida a minha resposta afirmativa, proseguiu.

— Entre no coche... É a ordem de Sua Magestade a rainha.

Não hesitei: já não era tempo. De um pulo achei-me dentro do enorme carrão e sentado ao lado da mysteriosa dama. Um gesto, um suffocado grito de angustia e de espanto, foi o recebimento pouco lisongeiro que encontrei.

O coche, tirado por quatro possantes mulas, partiu a galope, acompanhada de numerosa escolta de soldados e creados.

— Senhora! — comecei eu.

O ruido infernal do coche sobre a calçada, não consentia nem phrase arrebicada nem melodias na voz.

A dama não respondeu senão por um novo gesto de horror.

— Senhora! — repeti. — Não tenha medo de mim. Sou

um capitão das guardas: respeitador e defensor das damas. E vendo que não dizia nada, prosegui.— Em mim não ha senão coração para as adorar... e uma vida para dar por aquella que melhor a souber merecer.

O coche ia sempre correndo pela aspera estrada. A dama conchegou mais a si o manto; e olhou assustada, em volta, para ver se creados e soldados iam ficando para traz.

—«Espero!...» disse então com energia.

A dama fez um movimento de surpreza; mas ficou *esperando* em silencio.

—«Espero!...»—repeti com mais vehemencia.

Depois de um momento de hesitação a dama, em tom de duvida e de interrogação, responde-me — «Fiel?»

—Sempre fiel — affirmei energicamente.

— Como se explica, então...— perguntou soror Theresa, porque era ella a dama encoberta — como se explica a sua presença nos aposentos da rainha?

Disse-lhe que estava, como ella, no partido do principe das Asturias, que trouxera secretamente uma carta do conego Escoiquiz para Sua Alteza; e que, para melhor encubrir a causa da minha vinda ao Escorial, trouxera tambem para a rainha, um recado.. do infame Godoy.»

Quiz a prelada saber como eu tinha tão estreitas relações com o principe da Paz, sendo o secretario de Escoiquiz; e como occupava este posto de confiança, sendo capitão das guardas. De tudo lhe dei explicações, não muito claras, que a convenceram da minha sinceridade; porque as acompanhei de violentas imprecações contra os inimigos de D. Fernando, que o eram tambem da patria, da religião. Tinha a freira um espirito exaltado e um coração terno: não me foi difficil convencel-a.

— Feliz general! — exclamou D. Praxedes.

— Bem se arreceiava D. Consuelo da viagem com a freira! — observou ironicamente D. Facundo Primigenius.

— Esta viagem — proseguiu D. Santiago Calavera, sem ter em conta as interrupções — esta viagem dicidiu, por então, da minha sorte. Quando chegámos a Madrid estava eu, de corpo e alma, na conspiração que se tramava a favor do principe das Asturias... E quem não havia de estar, ouvindo as fogosas palavras de patriotismo, que saiam em jorros da formosa boca da exaltada freira.

Era alevantado e nobre o espirito de soror Theresa. As suas aspirações a heroina levavam-n'a a lançar-se com paixão nas mais enredadas intrigas politicas. O fanatismo que lhe repassava a alma, sem contudo a desprender da terra e suas mundanidades, imprimia-lhe

nos actos e nos gestos, um certo caracter phantastico, dava-lhe ás idéas uma fórma mistica, que não fazia sempre pensar no céu aos que a viam e escutavam.

Lamentava ella que a rainha, com seus escandalos quotidianos e sobre tudo com a sua vil submissão ao arrogante e despresivel valido, fosse desprestigiando e abatendo a realeza; na qual o espirito hespanhol, cavalheiroso e avido do que é grande, buscava ainda encontrar uma emanação da Providencia divina. Descendo logo das alturas do enthusiasmo ás realidades da vida, a freira acrescentou:

— A rainha é mulher... é fragil... podem n'ella mais as paixões mundanas do que as elevadas aspirações do espirito e as admoestações da consciencia. Embora! As creaturas perfeitas são raras!... Seja comnosco a divina misericordia! Quem não sente por vezes a vontade flacida, o coração brando, e sem energia, a alma em frente do peccado?!

Aqui a freira deixou-se cair em morbido abatimento, exalando convulsivos suspiros. Pouco depois proseguiu, como recobrando animo:

—Os que Deus poz tão alto, que de todos são vistos e a todos podem dar exemplo ou escandalo, se não sabem resistir ás tentações do demonio, devem ao menos escon-

der do mundo os seus peccados e não fazer d'elles alarde. A Deus nada se occulta, é verdade; mas Deus perdoa muito. Aos homens, muito se póde occultar: perdoarem elles, nunca.

Passando logo a considerar o desordenado da politica em Hespanha, e a ponderar os perigos que a todos nos andavam de cerca ameaçando, a discursiva prelada soltou-se em imprecações contra os vicios da côrte, que só em baixas intrigas se entretinha; desfez-se em queixas contra a debilidade do rei, que passava os dias a caçar e as noites a dormir, quando as bestas feras lhe andavam em casa, devorando-lhe a honra e abocanhando-lhe a côroa; desatou-se em doestos contra a corrupção do povo, que deixava indefeza a religião offendida pelos impios revolucionarios, que ousavam já ameaçar os conventos e condemnar o santo-officio: desentranhou-se em furias, que pareciam quererem derrocar pela base o grande colosso da França, que levara a guerra e o exterminio, peior ainda, a peste da heresia, a peçonha corrosiva do atheismo, a toda a Europa e estava a ponto de as trazer á Peninsula: debulhou-se em prantos ao recordar que, dos tratos de Godoy com Napoleão — fructo deleterio da insania dá cobiça, da ambição, d'esse fautor de todos os vicios — proviera a ousadia dos francezes, entrando como por

terra conquistada, na Hespanha humilhada e indefensa.

— Deve saber ja, D. Santiago — proseguiu, com vehemencia soror Theresa — deve saber que os soldados do usurpador do throno de S. Luiz, do reprobo filho d'essa horrenda revolução que ousou decepar a cabeça de um rei ligitimo — ungido do Senhor — que os soldados francezes ousaram já transpor, ha tres ou quatro dias, a fronteira. A catholica terra de Hespanha já está devassada pelas armas estrangeiras. O moderno conde Julião foi esse, por escarneo da sorte, chamado principe da Paz que empunha a guitarra em vez da espada, foi esse homem que não arde em zelos mas se dessora em torpes amores... foi Godoy quem abriu ao inimigo as fronteiras da patria... Virgem immaculada! Virgem, mãe de Deus!... Porque deixas assim ao desamparo esta terra, que ha tantos seculos é tua? Não vez, Senhora, os corações que se consomem aqui em amor divino! Não deviam esses bastar a remir os peccados da Hespanha e a livral-a da guerra, fome e peste... — peste de impiedade, corrosiva e devastadora. Se não nos acodes, Senhora, vão desolar este catholico povo as mãos dos impios!

A manhã esparzia já formoso rosicler pelo ceu e pelos montes. Luz suave, rosada, com reflexos de ouro e pur-

pura,allumiava a formosa freira. Quasi ajoelhada, voltada para o oriente, a face pallida como marmore; os olhos arrasados de lagrimas; a bocca entre-aberta, como se houvesse de exalar todos os suspiros que, tumultuosamente, lhe agitavam o seio; os braços erguidos ao ceu; as mãos, primorosamente sinzeladas,agitando-se convulsas; sacudidas pela aragem da madrugada as alvas roupas e o veu; soror Theresa parecia, não acetica freira implorando a Virgem,mas sacerdotisa pagã adorando o sol.

Tive uma vertigem. Deslumbrado de tanto esplendor, allucinado o espirito por tentação irresistivel, dei nas maravilhosas mãosinhas da formosissima freira—n'aquellas mãos convulsas,onde pareciam estar resplandecendo as suavidades do divino amor—um ardente e apaixonado beijo.

Logo, assustado, arrependido, contricto, caí de joelhos, baixei a fronte e fiquei esperando o castigo da minha ousadia.

Sobre os meus cabellos passaram, ligeiras como o voar da mariposa, aquellas adoradas mãos.

Era a religiosa que, n'uma benção, me absolvia da culpa?

Era a mulher que, n'uma caricia, me perdoava a paixão?

XXI

A freira patriotica

Estavamos a chegar a Madrid.

Soror Thereza havia guardado obstinado silencio, desde a, para nós ambos, inexplicavel scena da madrugada. Eu, respeitando a reserva e premeditado retraimento da freira, receioso de entrar em explicações que poderiam antes prejudicar-me do que avantajar-me no seu conceito e no seu coração, conservava-me calado. Deus sabe quanto me pesava o silencio, cada vez que levantava aos olhos e admirava, á luz do dia, aquella faustuosa bellesa; parecendo-me divisar-lhe no rosto não a colera mas uma complacente benevolencia, e na bocca adivinhar-lhe, não desdenhosa severidade mas esse leve tremor convulsivo que, nas mulheres nervosas, é o precursor do riso involuntario.

— Vamos separar-nos — disse eu, como fallando commigo mesmo.

— E' verdade — respondeu a prelada, no mesmo tom.

Seguiu-se breve silencio.

— E separar-nos... assim? — perguntei supplicante.

Soror Thereza hesitou; depois, deixou-me entrever um sorriso, que havia tempo lhe andava brincando nos labios e disse.

— Separamo-nos... amigos.

Por entre as pregas do manto pendia-lhe, com graciosa morbidez, uma d'aquellas mãos de Virgem de Murillo, que me faziam enlouquecer. Collei n'ella a bocca, n'um transporte apaixonado.

A magestosa freira não esquivou a mão ás minhas caricias: mas, passado um instante, retirou-a brandamente, dizendo com socego e grave expressão:

— Sr. D. Santiago, estão confirmadas as pazes e á amisade poremos o sêllo da confiança, que deve ser da amisade o mais solido... o fundamento unico. Agora fallemos dos grandes interesses da monarchia e da religião, que a divina providencia, em seus insondaveis mysterios, confiou á nossa humildade.

Soror Thereza voltou a ser a prelada, solemne e alti-

va que, horas antes, se atrevera a afrontar as iras de D. Maria Luiza. Agora, porém, havia benevolencia, havia quasi doçura na sua voz bem timbrada, cujas modulações flexiveis tinham uma sensivel resonancia, como metallica.

Sem esperar que eu lhe respondesse, a freira proseguiu, tirando, da bolsa que trasia escondida por baixo do escapulario, duas cartas.

— E' para o conego Escoiquiz, esta — disse ella — E' necessario entregar-lh'a sem perder tempo. Corre perigo Sua Alteza o principe das Asturias. Haverá que acudir-lhe, que tomar promptamente algumas resoluções energicas... para livrar a Hespanha do seu flagelo. Esta outra carta — proseguiu, olhando para a segunda carta—é para...

De repente parou, fez-se pallida e balbuciou, commovida.

— E' para o embaixador de França... Pois tambem o principe confia no impio monstro, que domina a França e quer avassalar o mundo.

— Tudo póde o imperador Napoleão—acudi eu — Foi elle que restituiu á França a religião, que os revolucionarios tinham feito fugir, espavorida dos horrores da sua infernal impiedade. Foi elle que restabeleceu a nobresa,

que o povo esteve a ponto de afogar toda em sangue. Foi elle..

—Foi elle que poz na propria cabeça a coroa usurpada de San Luiz... Foi elle quem humilhou o Santo Padre... E' elle que está cobrindo de ruinas a Europa inteira, inundando de sangue a christandade... A religião, só a levantou d'entre os escombros da revolução o bastante, para lhe servir ás pompas do seu imperio... Da antiga nobresa, espoliada e opprimida, tomou as reliquias dispersas, para sobredoirar com ellas a falsa nobresa, com que pretende abrilhantar a sua côrte de soldados agaloados. Napoleão — proseguiu Soror Theresa, convulsa a voz e em fogo os olhos — Napoleão valerá muito, talvez, para os que se illudem com os écos longinquos das victorias e esquecem que essas victorias são contra a independencia das nações, contra o legitimo direito dos reis e a santa liberdade dos povos; valerá muito Napoleão, para os que não vêem o que ha de refalçado, de cruel, de hypocrita em quanto diz e quanto faz esse homem, que ostenta de heroe e que não é mais do que um comediante feliz, a quem o demonio illuminou com os funestos clarões do seu nefasto espirito: um comediante, que não tem nem religião, nem consciencia, nem acatamento a Deus, nem respeito aos homens. A revolu-

ção — força é dizel-o — fez os heroes, que se estão consumindo agora, no serviço do imperio... a destruir a liberdade pela gloria. E querem todos... o criminoso Godoy e o virtuoso principe das Asturias, os fautores da impiedade e os defensores da santa madre igreja... querem todos atrahir sobre a misera Hespanha o flagello da invasão francesa! Já ahi chegaram os primeiros soldados de Buonaparte. A traição abriu-lhes as portas. Quem lh'as ha de serrar depois?

— Nós, os hespanhoes! — exclamei.

— Sim — acudiu a freira — será o povo, sempre heroico, da Peninsula que, sacrificando vida e fortuna e ainda mais, perdendo a puresa das suas piedosas crenças o respeito tradicional e salutar ao rei e á religião, quem expulsará a ferro e a fogo esses estrangeiros. A cubiça e a cobardia de ambiciosos sem honra, de cortezãos sem juiso, de ministros sem probidade, ousou convidar a uma traição o menos escrupuloso dos conquistadores. Elle acceitou o convite. Mas a traição não será uma só; e os que julgam ser cumplices, para se engrandecerem, serão victimas tambem. Vem esses exercitos para invadir Portugal, para avassalar, traiçoeiramente, uma nação catholica como a Hespanha—com os mesmos interesses, com as mesmas tradições, com o mesmo amor e o mesmo di-

reito á independencia que nós temos. E esses cegos não veem, esses alienados não comprehendem, que a sorte que estão preparando a Portugal será tambem a sorte que nos espera. A invasão de Portugal, que Godoy ajustou, será a invasão da Hespanha. Julgaram, os nescios, que vendiam uma nobre e generosa nação, uma nação amiga, e venderam a propria patria.

Soror Theresa estava inspirada e levada de enthusiasmo prophetico. Cançada, calou-se alguns instantes e depois proseguiu :

— Eu bem oiço, por toda a parte, cantar os louvores do tyranno francez. Bem sei que todos os partidos, em Hespanha, esperam de Buonaparte—d'esse homem que não sabe dar mas sabe só vencer, para destruir e expoliar os outros, d'esse homem que tirou á França a liberdade a que elle proprio deve a existencia...—todos esperam do imperador a força que lhes falta, a energia que lhes fallece, a victoria que não sabem ganhar para si. Mas quanto se illudem todos! E tambem o principe, tambem D. Fernando vae estender agora mãos supplicantes para esse flagello da humanidade! Tambem elle, a nossa unica esperança de salvação, vae humilhar-se, vae abater a grande corôa de Carlos V aos pés de um imperador estrangeiro, que nasceu hontem d'um

turbilhão revolucionario para desapparecer ámanhã no turbilhão das batalhas!

—Então não se entrega a carta do principe ao embaixador de França?—disse eu, dominado pela energia de convicção com que fallava a prelada.

A freira deteve-se; olhou para mim com surpreza, e exclamou:

—Pois não se hade cumprir uma ordem de Sua Altesa?! E' preciso, hoje mesmo, entregar esta carta ao embaixador de França. Talvez, capitão, talvez seja eu que me engane. Talvez aconselhassem bem o principe. Eu já ouvi dizer a quem me merece confiança, que Sua Alteza ia pedir, ou pedira já a mão de uma parenta de Buonaparte, para alcançar d'elle o preciso apoio contra as oppressões que cruelmente o ameaçam. Deve esta carta tratar d'esse assumpto... d'esse vergonhoso, d'esse deploravel, d'esse perigosissimo negocio. Não importa. E' preciso entregar a carta, porque é essa a vontade de D. Fernando. Consequencias funestas das vis intrigas de Godoy, das vergonhosas debilidades da rainha, da fraquesa e cegueira d'el-rei!

Iamos chegando ao convento de Soror Theresa, quando ella fez esta ultima exclamação.

Entregou-me as duas cartas que eu escondi cautelosa-

mente, e, ao entregar-me a que era para o embaixador, a prelada disse em tom prophetico.

— Leve a fatal carta, leve-a hoje mesmo; e prepare a espada, D. Santiago, para defender a patria... que todos trahem. Não tardará que a Hespanha, lastimada, precise do esforço e do sangue de todos os seus filhos.

XXII

Os segredos de Godoy

Corri logo a entregar a carta do principe das Asturias ao embaixador de França, antes que podesse Godoy saber que eu era chegado a Madrid. O embaixador, monsieur de Beauharnais, recebeu-a com alvoroço.

Um instante depois era da embaixada expedido um correio, directamente, a Napoleão.

Caia a noute, quando eu me encaminhava para o palacio do principe da Paz. Nenhum obstaculo se me oppôz e fui, sem demora, introduzido na vasta sala, que se chamava o gabinete de trabalho de Sua Alteza.

Ardiam já os candelabros, os lustres, as placas. Brilhavam por toda a parte, com mil reflexos fulgurantes, os cristaes e os bronzes. A luz ondeava nos damascos, e esbatia-se nos veludos; resaltava dos espelhos e caia

em torrentes do tecto, onde se enlaçavam os cupidos e as flores sobre fundo de ouro e azul. Os explendores do luxo cercavam sempre o faustoso e sensual Godoy, que parecia querer assim representada ao vivo, em roda de si, a origem depravada da sua escandalosa fortuna.

Elle, coberto de dourados, carregado de veneras e collares das ordens hespanholas e estrangeiras, estava sentado em face de um espelho — talvez para melhor a si proprio se admirar — tangendo, com requebros e languidos tregeitos, n'uma viola primorosamente marchetada. Ao lado estava uma dama, bella ainda sem ser nova, grave na physionomia e no gesto, de porte nobre mas singelo. A dama dava mostras de estar mais impaciente do que attenta e não escondia a tristeza, ou antes a dôr, que lhe pungia no coração; pois que, depois de olhar para o descuidado principe, levava o lenço aos olhos para limpar as lagrimas.

Como não fiz ruido ao entrar e os creados, certos que seu amo me esperava, me não annunciaram; nem o principe da Paz, nem a desolada dama deram pela minha presença.

— Manoel! — disse a dama, pondo a mão no braço de Godoy — a tua imprudencia assusta-me. Estás a ponto de commetter um grande attentado; para satisfazer as

indignas paixões da rainha, e não te commove o perigo!?

O principe riu-se e continuou a tocar.

— Conheço-te — acudiu a dama. E, na sua voz tremula sentio-se a indignação, modificada por modulações carinhosas. — Conheço-te. E's sempre o mesmo. Não é a paixão que te arrebata. Não é uma grande ambição que te domina. Não te vem da coragem esse despreso pelos perigos. Não te arrastam, nem o amor nem o odio...

Godoy parou de tocar e, com fleuma imperturbavel, perguutou:

— Então eu não tenho nada... nem ambição, nem paixões, condessa?

— Tens... vaidade. Crês que as mulheres todas te adoram, e que os homens não pódem senão imital-as. Roja-se-te aos pés uma rainha, e julgas que te ha de a sorte dar um throno. O rei, que enganas com miseravel ingratidão e que te quer com amor de pae, entrega-te o poder, faz-te o arbitro da Hespanha, e tu não pódes supportar a ideia de que haja um principe com direito ligitimo á corôa, que um dia ha de herdar. Corres á perdição, Manuel e comtigo perdes a Hespanha, sem consciencia do que fazes. Isto que te digo é duro, mas é verdadeiro. E' politica de mulher, em que o coração falla mais alto do que a cabeça; politica de que não gostam os homens,

porque lhes falla á consciencia e lhes não lisongea sempre o amor proprio.

— Cega-te o ciume, condessa. Tens ciume da rainha.

— Ciume!... da rainha!...— exclamou a condessa de Castillo-Fiel.

A dama era D. Josepha Tudó, favorita de Godoy, a qual, para muitos, passava por sua mulher, conjunctamente com D. Maria Theresa de Bourbon, prima do rei. A bigamia era, na voz publica, um dos crimes do principe da Paz.

— A rainha é uma velha—proseguiu D. Josepha.—Tu pensas ter n'ella ainda um instrumento da tua politica? Enganas-te. Agora és tu que serves para ella saciar as suas monstruosas vinganças, para sevar os odios que a devoram contra seu proprio filho, para... para satisfazer, á tua sombra, os seus apetites... de Messalina.

— O ciume, Josepha, é que te leva a faltar ao respeito á rainha—interrompeu Godoy, atirando violentamente com a guitarra, a qual soltou, ao caír, um gemido doloroso e prolongado — Esqueces que Maria Luiza é a minha... é a nossa protectora... que tudo devo a essa mulher.

—E quantas vezes te esqueces tu, Manoel, do que lhe deves?—acudiu a condessa, sem se perturbar com a co-

lera, verdadeira ou fingida, de Godoy.—Nem como rainha tens para ella a sombra da gratidão... nem como mulher a respeitas.

—Josepha! — bradou o principe, levantando-se furioso.

—Nada de coleras contra mim,—disse pausadamente a condessa—Bem sabes que eu não sou a rainha... O que a rainha... o que a rainha te supporta, Manuel, não t'o poderia supportar uma dama.

Ambos ficaram, por algum tempo, calados. As ultimas palavras de D. Josepha Tudó parecia haverem impressionado vivamente Godoy. O principe da Paz deu algumas voltas pela casa; e depois, acercando-se da condessa, perguntou-lhe com doçura.

—Que tens tu hoje, Josepha? Porque estás assim, tão exaltada?

— Porque?!... Porque estou eu fóra de mim? Pois não sabes, Manuel, que te quero com toda a minha alma? Que tu és a minha constante preoccupação? Não sabes, Manuel, que não são as dignidades e honras que te engrandecem, nem o fausto que te cerca, nem as riquezas que te exaltam... que não é nada d'isso o que eu vejo em ti, mas unicamente... mas sempre o gentil e obscuro official das guardas que tanto amei, que me tanto amava?

Eramos felizes, Manuel, quando a ambição te levou a cometter um odioso crime, a casares-te com a filha innocente do infante D. Luiz, sacrificando-me á tua deshonra. Eramos felizes, quando os amores da rainha te vieram separar de mim. Ficaste deslumbrado com o esplendor das grandezas, e nem sequer viste... a baixa cobardia que te obrigavam a commetter. Tu, o namorado, o singelo, o modesto militar, perdeste a faculdade de amar e com-ella perdeste todos os sentimentos puros e generosos da mocidade. Envenenaram-te o coração e a alma, a ambição e os impuros amores da rainha...

Via-se que n'aquella pobre mulher fallava o coração, n'uma linguagem eloquente que Godoy não entendia. Este, visivelmente aborrecido, interrompe-a, dizendo:

— Mas a que vem agora, isso tudo?

— Tens razão, Manuel. A nada—respondeu tristemente a condessa de Castillo Fiel.—O que eu te queria dizer, o que queria aconselhar-te era, que te não compromettesses com o principe das Asturias...

— É o meu maior inimigo!—exclamou Godoy.

— Talvez. Mas é o futuro rei de Hespanha. Lutar contra elle, é lutar contra direitos que vem de Deus; direitos, que todos nós, todos os hespanhoes, devemos acatar e defender.

— Mas a rainha...

— A rainha odeia o proprio filho. A rainha falta a todas as leis divinas, a todos os deveres de rainha e de mãe. Como mãe e como rainha, D. Fernando não a pode, não a deve punir dos seus crimes, por mais monstruosos que sejam. Deus a castigará um dia. Mas tu?...

— Eu?! Em quanto o rei e a rainha viverem, ninguem ousará tocar-me—accudiu, com soberba, o principe.

— Quem sabe? São muitos e poderosos os teus inimigos. O rei está velho e fraco. A rainha...—força é confessal-o—está desanimada. O povo vê n'ella uma manola de mau caracter, e não uma soberana. Se o principe das Asturias se pozer, decididamente,á frente da revolução—apoiado pelos frades e pela maior parte dos grandes de Hespanha—a tua perda é inevitavel e a resistencia impossivel. Não tenhas tanta confiança. Os reis são ingratos e fracos. Sacrificam, sem hesitar, os seus melhores amigos... á necessidade.

— O principe já é o chefe da conspiração—disse Godoy, recostando-se nas almofadas com um gesto de despreso—Não é contra mim, bem o sabes, que elle prepara os seus golpes... É contra seu proprio pae, é contra o rei que elle conspira. E ousa pensar, até...—o virtuoso principe, o adorado dos frades, o idolo dos grandes te-

mentes a Deus—e do povo das praças e das portarias dos conventos... ousa pensar em afastar do caminho da sua cubiça, pelo ferro ou pelo veneno, a rainha, sua mãe...

— Cala-te—exclamou D. Josepha—Que ousas dizer?

— A verdade.

— Horrores d'esses não se creem... nem se dizem.

— Josepha! Extranho hoje a tua incredulidade... Muitos se enganam com elle. Não o conhecem. D. Fernando tem em si a crueldade implacavel de um Tiberio e a loucura sanguinaria de um Caligula. Muitos, dos que hoje o ajudam nos seus planos parricidas, hão de pagar com a vida a sua credulidade.

O principe da Paz pronunciou, com violencia e convicção, estas palavras. Eu, que era involuntaria testemunha d'essas perigosas confidencias, d'essa scena intima entre o poderoso Godoy e a sua amante—alguns diziam sua mulher e sua fiel conselheira—senti correr por mim todo um frio mortal.

XXIII

Conselhos de D. Josepha Todó

Quando ia a entrar na sala, para onde me haviam encaminhado, sem me annunciarem, os criados do principe da Paz, vi o valido entregue aos encantos da musica, tendo ao lado a condessa de Castillo Fiel. Não ousei interrompel-os e deixei-me ficar escondido atraz do reposteiro, á porta.

Á medida que a conversação progredia e tomava um caracter grave, crescia o meu embaraço. Pouco a pouco o embaraço mudava-se em angustia, transformava-se em terror. O terror chegava quasi a delirio.

Não podia ir-me d'ali sem me apresentar a Godoy. E se elle suspeitasse que eu estivera escutando-lhe os segredos? Ficava perdido o meu futuro e em risco, talvez, a minha vida.

Pensei então em quanto me havia dito soror Thereza.

Pezei as rasões que a freira me dera em favor da causa sancta do principe das Asturias: resolvi difinitivamente abandonar o serviço do principe da Paz e fazer vida... de homem de bem... de militar honrado.

Emquanto eu seguia estas reflexões, que me tranquilisavam o espirito; emquanto tomava uma resolução, que me rebustecia o coração; proseguia o interessante dialogo entre D. Manuel e D. Josepha.

— Talvez seja uma prophecia, isso que dizes Manuel— observou D. Josepha, dominando a agitação do espirito. —Mas, se o é, não poderás evitar que se realise.

— Porque?—perguntou D. Manuel.

— Porque não tens poder para isso, — respondeu a condessa — A tua força vem-te da rainha; e ella nem para si tem força já. Na hora do perigo abandonar-te-hão todos, Manuel, deixar-te-hão sem defeza nas mãos dos teus inimigos. Acredita-me, quero-te muito para que não haja indagado tudo, ponderado tudo; e sei, a não duvidar, que o teu poder hoje não é já senão um phantasma... ámanhã não será nem mesmo isso.

O principe caiu um instante em profunda meditação, e depois exclamou:

— E o apoio, a amizade do grande imperador dos francezes?

— Crês n'elle ? ! A esta hora não terá elle feito já um pacto com os teus inimigos ?

Godoy não respondeu. D. Josepha continuou, em voz supplicante e commovida:

— Manuel, toma os meus conselhos. A hora da tua queda aproxima-se. Sei que te afflige que eu te diga isto. Mas é inevitavel. Estão de ha muito os animos irritados contra ti. Uns odeiam-te por inveja: outros, porque odeiam a rainha e despresam o rei... muitos porque julgam, que o teu valimento é uma humilhação para a grandesa de Hespanha, uma affronta para a nação.

O principe fez um gesto indignado.

—Deixa-me continuar — proseguiu a condessa — Accusam-te e accusam a rainha de quererem ambos tirar a corôa ao seu legitimo herdeiro, de quererem talvez assassinar D. Fernando, para ambos se sentarem no throno de Hespanha. É absurda a accusação, porque seria irracional o crime; mas a accusação faz-se e muitos creem n'ella ou fingem que creem. Contra ti levantam-se os clamomores do povo porque foste tu—affirmam—que, pela vã promessa de um principado no Algarve, abriste as fronteiras ao exercito francez e os mesmos que te acusam rojam-se aos pés de Napoleão, para lhes pedirem que os ajude a destruir o teu poder, a desthronar Carlos IV.

— Parece, Josepha, estares fallando pela bocca dos meus inimigos—interrompeu Godoy, despeitado.

— É bom que ouças estas tristes verdades, Manuel, da bocca de uma mulher que te ama... da unica pessoa que talvez no mundo te ama. Escuta-me. Abandona o poder. Vamo-nos de Hespanha.

— Que diriam os meus amigos?! Como me despresariam os meus inimigos?! Que seria da rainha?

— Não tens amigos. Na hora da desgraça o verás. Os teus inimigos odeiam-te tanto, que já te não podem despresar mais do que te despresam. A rainha ficará mais tranquilla, mais segura no throno, no dia em que tu te afastares d'ella. Talvez o povo se ponha a adoral-a, no dia em que ella, em vez de um principe, tiver só toureiros por amantes. Vamos, Manuel. E' tempo ainda. Vamos para longe de Hespanha. Vamos viver com tua filha longe dos perigos e das paixões.

— Quanto me estás dizendo são loucuras. Agora vejo que te domina ainda essa pertinaz ideia... de fazer de mim um bom pae de familia. Esta mania perturba-te a razão, sempre tão clara, tão prespicaz...

O tom em que Godoy disse estas palavras era de tal frieza e ironia, que a pobre condessa fez um gesto de indignação.

—Alma e coração de pedra!—exclamou.—Fallei-te de tua filha, que não é minha filha, porque acreditei que em ti havia algum sentimento... de homem... Enganei-me, Não és senão um manequim da côrte... um fructo amargo da ambição. Tua filha é um anjo... e não a quizeste ver nunca. Deus te dê a consolação de ella te querer nos braços á hora da morte.

Era tempo de sair da situação perigosa em que me encontrava. Demais havia ouvido já. Um passo que o principe ou a condessa dessem para a porta, onde eu estava escondido, um creado que viesse a entrar, bastavam para me perder.

Fiz ruido, como quem acaba de chegar, e penetrei no gabinete de Sua Alteza.

XXIV

A leitura das cartas

Ao ver-me, Godoy quiz logo ser informado do que se passava no Escurial. Contei-lhe que entregara ao principe das Asturias a correspondencia de Escoiquiz: narrei-lhe quanto se passára no aposento da rainha, supprimindo porem o toureiro: expuz-lhe as apprehensões de sua magestade: dei-lhe conta, attenuando quanto possivel o que n'ella havia de grave, da scena com que soror Thereza da Anunciação tanto irritára D. Maria Luiza; e terminei entregando ao principe da Paz a carta que esta lhe escrevera.

D. Manuel Godoy abriu, sem grande precipitação, a carta, perguntando-me ao mesmo tempo com vivo interesse!

— Capitão! Julga justificada essa impaciencia, esse susto da rainha?

— Eu não posso dizer nada a Vossa Alteza — respondi.—O que Sua Magestade me recommendou foi que lhe repetisse, meu senhor, que não havia tempo a perder, que o perigo era imminente; e que a raiz do mal estando agora no Escurial, ahi era preciso promptamente cortal-a

— E D. Fernando estava muito agitado, quando lhe fallou, D. Santhiago? Deixava perceber que o preoccupava algum pensamento importuno?

— Senhor... Não ouso dizer a Vossa Alteza... — respondi, com simulada hesitação.

— O quê?..— perguntou Godoy com desassocego.— Quero saber tudo... tudo...

— Quando chegava aos aposentos do principe das Asturias, despedia-se elle mysteriosamente...

— De quem?

— De uma dama.

— E o capitão, ouviu?

— Um beijo, principe...

O principe da Paz riu-se ao ouvir-me e concluiu, dizendo a D. Josepha Tudó:

— Já vês, condessa, que os terrores da rainha... e os teus não tem fundamento. Fernando não se occupa tanto

de conspirar que se esqueça de fazer a côrte ás damas...

— Quantos, na propria hora do perigo, pensam descuidosos em coisas futeis !!... Em mulheres que os não amam, por exemplo ! — respondeu gravemente a condessa de Castillo Fiel.

Fingindo que não entendia, D. Manuel Godoy, acabou de desdobrar a carta da rainha, perguntando :

— E quem era a dama ?

Ao abrir a carta cahiu de dentro d'ella um papel, que o principe não viu, e que a condessa apanhou dessimuladamente.

— A dama... — disse eu, respondendo á pergunta e persuadido que ia dizer uma cousa pouco agradavel a Godoy, e vingar-me um tanto das inconstancias de D. Consuelo — A dama... era uma dama da rainha, que V. A. conhece... e eu.

— Consuelo ?!... — exclamou D. Manuel, manifestamente irritado.

— Ella propria, principe.

— Consuelo ? — acudiu D. Josepha, rindo ás gargalhadas — Consuelo? A mesma que escreveu este bilhete ao principe, que vinha dentro da carta da rainha ? lê, Manuel.

Godoy tomou o bilhete e leu em voz alta, córando de despeito, quasi de colera.

Meu principe querido.

Terei eu a felicidade de não estar esquecida por quem tanto vive na minha alma e tão exclusivamente domina o meu triste coração? Amo-te Manuelito da minha alma...

— Estilo de Maria Luiza! — interrompeu Godoy, rindo de má vontade, e proseguiu na leitura.

«...da minha alma. Estou com saudades de te apertar sobre este coração, que os suspiros suffocam. Ai! Quando penso que uma rival tem a ventura de te afagar, talvez n'este momento em que eu estou longe de ti, meu amor!... Um dia, assim o espero, serei eu, só eu a tua companheira, a tua, para sempre tua...

Consuelo.

— Famosa picara é esta dama! — exclamou o principe.

— E nem por isso deixou de merecer-te os favores... e os amores... Manuel. — irrompeu a condessa com colera.

E tirando o bilhete das mãos de Godoy rasgou-o em mil pedaços.

Godoy córou um pouco, mas retomou logo o seu ar natural e disse:

— A esta dama devo eu a fortuna de ter mais um amigo fiel. Não é verdade, capitão?

— Senhor! E' verdade que a não ser D. Consuelo não haveria eu alcançado a benigna protecção de Vossa Alteza. — respondi.

— Já vê, capitão. Devemos perdoar-lhe... todos, a sua inconstancia. E' talvez um modo... de a todos nos servir melhor — acudiu sentenciosamente D. Manuel.

E poz-se a ler a carta da rainha.

A leitura impressionou vivamente o principe da Paz. As impaciencias, os sustos, as coleras da rainha communicaram-se-lhe rapidamente. Levantou-se agitadissimo, passou a carta á condessa de Castillo Fiel, e, dando algumas voltas pela sala, disse:

— Tem razão a rainha. E' tempo de tomar uma resolução energica, uma resolução que aterre os meus inimigos, e acabe de uma vez com todos os obstaculos que ainda me separam...—e calou-se; como se sentisse que ia soltar uma palavra perigosa.

— Não te deixes levar da colera, ou de outra coisa

peior, que te aconselhe mal — acudiu D. Josepha. — E' tempo, Manuel, de ouvir a voz da razão e da prudencia...

— Sempre o mesmo! — interrompeu, colerico, Godoy.

— Sempre... tens razão. A verdade é uma só, e eu digo-a. E' tempo é, de attenderes ao que o dever... o dever de hespanhol, de subdito fiel ao rei e defensor leal da legitima dynastia, de christão... e de...—A condessa deteve-se.

— Calla-te!... — exclamou Godoy.

— ...o dever de fidalgo, de homem... de filho... exigem imperiosamente de ti. — concluiu ella.

Fazendo notar á condessa, com um gesto imperioso, que eu estava presente e escutava, Godoy disse, dominando-se:

—Capitão Calavera, é preciso que volte outra vez ao Escurial a levar uma carta á rainha. De madrugada, amanhã deverá partir. Mandar-lhe-hei preparar um coxe. Agora, vá procurar Escoiquiz... Não trouxe recado nem carta de D. Fernando para elle?

— Não, meu senhor — respondi eu sem hesitar.

— E' singular! Não importa. Explique-lhe, como en-

tender, a sua volta ao Escurial. Se elle lhe der alguma nova carta, ou lhe disser alguma cousa de interesse, venha-m'a dizer esta noute, ás onze horas ; e, então, lhe darei a carta para a rainha.

Todas estas ordens deu-as Godoy em tom imperioso, duro e irritado. Evidentemente preparava elle algum acto de violencia, que ia pôr em perigo a paz publica, e talvez a vida do principe das Asturias.

A condessa teve as mesmas apprehensões que eu, porque disse afflicta :

—Manuel ! Não cometas imprudencias que...

—E' preciso acabar com esta situação. Maria Luiza tem razão. Para nos defendermos, precisamos atacar e não esperar.

Estas palavras de Godoy deram força ás minhas suspeitas e firmaram-me na resolução de abandonar promptamente, a perigosa situação em que a voluvel Consuelo me collocára, para me proteger, saciando ao mesmo tempo a sua desregrada ambição. Agradecendo, mentalmente, os favores com que me brindara a minha formosa protectora, não poude deixar de reflectir; que ella subira a favorita da rainha, amada por dois principes e senhora de todas as intrigas da côrte, e eu não era mais do que um amante enganado, agente secreto de Godoy, obrigado a

mentir a todos e a não servir ninguem; e, por cima de tudo, condemnado sempre a correr a bom correr na estrada do Escurial, sem ver chegar o posto promettido de commandante das guardas do principe da Paz nem a pensão que o valido me annunciou quando pela primeira vez se dignou fallar-me.

— Principe — disse eu, resolutamente. — obedecerei ás ordens de Vossa Alteza. Irei amanhã para o Escurial. Peço, porém, a Vossa Alteza que me deixe lá ficar. Eu tenho mais disposições para soldado do que... para diplomata cortezão. O meu posto é nas guardas e não no escriptorio do conego Escoiquiz.

Godoy olhou para mim com desconfiança; mas a minha cara, serena e resoluta ao mesmo tempo, pareceu desvanecer-lhe as apprehensões.

— Quer deixar o meu serviço capitão, — perguntou.

— Eu fico sempre ao serviço de Vossa Alteza... mas como soldado que sou. Demais é esse o desejo de Sua Magestade a rainha, que se dignou ordenar-me que voltasse para o meu posto no Escurial.

— Da rainha!... exclamou Godoy, com surpreza.

— Sua Magestade disse-me que precisava ter junto de si subditos fieis e dedicados.

Um sorriso desdenhoso passou nos labios do valido, ao dizer-me:

—Pois vá, capitão, vá. Sua Magestade dignar-se-ha recompensal-o dos valiosos serviços que nos tem feito... a ambos.

E despediu-me, recommendando-me que voltasse á noite a buscar a carta para a rainha.

XXV

Calavera despede-se de Escoiquiz

Logo que sahi do palacio do principe da Paz, corri a casa do conego Escoiquiz. Entreguei-lhe a carta do principe das Asturias; a qual o presumpçoso clerigo leu com balofa solemnidade.

Acabada a leitura, perguntou-me elle:

— E a carta para o embaixador de França?

— Entregue, já — respondi.

— Tudo vae bem.

— Não. Tudo vae mal—disse eu.

Escoiquiz, sem fazer caso do que eu dizia, proseguiu:

— Não tardará que o scelerado Godoy caia sob o peso da vindicta publica. Então veremos no throno o grande principe: o meu illustre, o meu virtuoso discipulo

Com os meus conselhos, o futuro reinado será o feliz reinado de Augusto... de quem eu serei o Mecenas.

— Senhor conego — disse eu, com o fim de lhe dar um choque violento, que o acordasse do seu sonho dourado — Senhor conego: talvez não tarde que Augusto e o sr. Mecenas tambem estejam na cadeia.

O conego deu um pulo na cadeira, não de medo mas de indignação.

— Na cadeia! — exclamou com voz troante — Na cadeia!... Sua Alteza o principe das Asturias, o herdeiro da corôa... que será rei amanhã... na cadeia!

— Na cadeia, talvez não. N'uma fortaleza... ou talvez na sepultura, para maior segurança.

— Está louco, Calavera. Você está louco rematado. Quem se atreveria a levantar mão sacrilega contra D. Fernando? Não são por elle o clero, a nobreza, o povo... E, demais a mais, agora que elle conta com o apoio do grande Napoleão... o sustentaculo dos thronos e do altar!

— Essas... extravagancias é que fazem a fraqueza do principe das Asturias, sr. conego.

— A sua fraqueza!

— Sim, porque está nas mãos dos seus inimigos, e os

amigos vivem de illusões e não pensam senão na victoria, que ainda não é sua... e em vinganças...

— É preciso castigar os traidores!...—bradou o conego.

— É preciso tel-os antes na mão... e não é sempre justo, e não é necessario nunca o castigo.

Escoiquiz estava fulo de raiva.

— Metta-se n'aquillo a que é chamado. A grande politica não é para homens como você, que a não entendem —exclamou o conego.

— Socegue, senhor conego—acudi eu — Não volto a fallar em cousas tão importantes com v. rev.ª; mas deixe-me dizer ainda algumas palavras, para descargo de consciencia. Os perigos a que fica exposto o principe das Asturias são grandes, se os inimigos d'elle persuadirem el-rei de que o filho conspira contra a vida de Sua Magestade e da Rainha. Se D. Carlos IV se convencer de que o filho lhe quer usurpar a corôa...

—E quem o ha de persuadir?

—Os que receiarem as vinganças... com que vossa reverencia os anda ameaçando. Godoy persuadirá a rainha... a rainha convencerá o rei. Elles todos odeiam D. Fernando, porque teem medo d'elle.

— Tudo isso que diz, são loucuras, capitão. Falta-lhe

a experiencia dos homens e das cousas—affirmou Escoiquiz.

—Talvez...—insinuei eu.

—Calle-se—interrompeu o conego, com violencia—Quer saber mais do que eu, homem? Eu, um politico prudente, versado nos negocios publicos?

Pensei para mim, que o enfatuado conego nem sequer conhecia os negocios da cathedral de Toledo, e que os homens e as cousas o enganavam sempre, sem comtudo lhe moderarem as incontinencias da vaidade.

Era melhor não insistir. Para concluir disse-lhe:

—Senhor conego, eu volto para o Escurial. Lá é que está o perigo; lá é que se póde fazer algum serviço a sua Alteza.

—Deixa-me?

—Deixo—respondi—Se quer alguma cousa para o principe, dê-me as suas ordens.

—Nada. Não quero nada—respondeu o clerigo irritado—Pode ir-se...

—Não quer avisar Sua Alteza?

—Avisar de que?...

—Bem. Eu o avisarei. Agora; direi só a vossa reverencia que se acautele.

— Guarde os seus conselhos...

— Guardarei — respondi. — O meu dever está feito.

Despedi-me do estonteado Escoiquiz, e sahi.

XXVI

O grande segredo

De casa do conego corri ao convento de Soror Thereza.

Apenas lhe poude fallar alguns instantes, por ser tarde.

Mais prudente do que Escoiquiz, a prelada ficou assustada quando lhe communiquei as minhas justas aprehensões. Disse-me que ia avisar os seus amigos e preparar a defesa do principe das Asturias, para o caso em que ousassem atacal-o na sua liberdade ou na sua vida; o que ella julgava possivel e até provavel.

Recommendou-me que, no caso de haver novidade importante, buscasse vir a Madrid, para de tudo a avisar.

Animada pela paixão politica, quando deixou ver toda a sua intelligente energia, a formosa freira era maravilhosamente seductora. Em mim tinha ella uma influencia prodigiosa. Sentia-me namorado: o meu coração ia para ella como atraído por força sobrenatural; ao mesmo tempo, um sentimento mal definido e vago, temor ou adoração, me detinha os impulsos da paixão, me callava as palavras na bocca, me paralysava os movimentos, me intorpecia os sentidos.

Já soror Thereza havia acabado de me dar as suas ordens—quando ella fallava as suas palavras eram ordens —e ainda eu a estava escutando, como se escuta instinctivamente uma musica celestial tempos depois que esta acaba, e nos deixa em suavissimo enlevo.

Vendo-me embevecido a olhar para ella, sorriu-se e estendeu-me a mão, com um gesto em que a auctoridade suprema se escondia em graciosa caricia, e disse-me com a sua voz suave e imperiosa ao mesmo tempo:

— Vá capitão. São horas de se preparar para a penosa viagem. Eu tambem tenho as minhas freirinhas esperando... sou obrigada a deixal-o.

—Já!?...—exclamei eu, involuntariamente e beijando-lhe avidamente a mão.

— São horas. Deus ha de acompanhal-o e protegel-o.

— Ir-me... sem ousar dizer tudo...

— Não ouse, capitão. E' melhor não ousar — interrompeu ella com muita doçura—Com o tempo tudo se adivinha... sem nada se dizer. Vá... e não se esqueça de mim,

— Impossivel!... esquecer-me!...

— Tudo é possivel e é bom que seja possivel.

O sorriso que acompanhava esta affirmação dava-lhe um duplo sentido. Era evidente.

Seria uma esperança ou uma ameaça?

Não pude decifrar então, porque a Prelada se retirou sem me dar tempo para isso, mas não sem me illuminar com um olhar resplandente.

Sahi do convento como levado por azas invesiveis, que me não deixavam nem de leve tocar no chão.

— Bravo! general!—exclamou D. Facundo—Bravo! Que poetico devia de ir assim, voando sem o sentir. As azas de certo eram as de cupido. São essas de que usam os namorados.

— Seriam de cupido, seriam—disse o general—O que é certo é que me levaram como em sonhos a casa do principe da Paz; e que ainda não havia de todo desapparecido o meu doce arrobamento quando cheguei ao Escurial.

Procurei logo fallar a D. Consuelo, que me veio ao en-

contro n'uma alameda erma no jardim da casa do Principe. Tive tempo apenas para lhe entregar a carta de Godoy para a rainha.

Sem perder um momento; dirigi-me aos aposentos do principe para lhe contar quanto soubera em Madrid dos perigosos tramas dos seus inimigos.

Quando sahia dos aposentos de Sua Alteza, encontrei Consuelo, que evidentemente se encaminhava para onde a esperava o seu real amante.

Sem se perturbar, disse-me ella:

— Bem, meu capitão. Gosto de te encontrar aqui. Vejo que sabes cumprir os teus novos deveres. Servir a uns e a outros com egual zelo.

— Com egual zelo, não — accudi eu. — Agora sou pelo principe e contra Godoy, o favorito.

— Assim deve ser — observou ella ironicamente — O principe das Asturias é o poder que chega e não tarda. Godoy é o poder que se vae, para não voltar.

E como viu que aquelle cynismo me escandalisava, accudiu logo, fazendo-me uma caricia maternal:

— Nada de amuos. Nada de desconfianças, agora. Não temos tempo para essas cousas. Precisamos ir de acordo, para navegar sem perigo por estes mares procelosos. É necessario, meu amigo, sabermos tudo, vêr-mos

tudo, servirmo-n'os de tudo, para não dar n'algum baixio desconhecido e não haver naufragio. Vem, Calavera, vem vêr o que se passa no quarto d'el-rei.

E, sem esperar resposta minha, levou-me rapidamente pela mão, atravessou dois vastos salões e entrou na alcova da rainha, em cujas paredes, ornadas de bellos tapetes hespanhoes, se via representada a real manola tendo de joelhos aos pés um bello toureiro galanteador.

Consuelo aproximou-se de uma porta falsa, que dava para o quarto de Carlos IV; levantou uma ponta do tapete da parede, e d'alli, por uma pequena fenda se via e ouvia quanto de mais intimo se passava no quarto d'el-rei.

A rainha estava de pé, profundamente agitada; tendo na mão a carta do Principe da Paz, que eu lhe trouxera de Madrid. O rei estava ainda na cama.

Carlos IV era um velho alquebrado e abatido, em cuja physionomia pallida se revelavam as angustias de uma alma atribulada e as dôres das enfermidades physicas.

— As coisas chegaram a ponto de se não poderem mais tempo supportar, sem perigo e sem deshonra para Vossa Magestade e para mim — clamava freneticamente a rainha. — Fernando conspira abertamente contra o

throno de Vossa Magestade e, o que é peior ainda, contra a minha vida, contra a vida de sua propria mãe. São cartas e conluios todos os dias. Correios que vão e que vem entre o Escurial e Madrid, entre o principe e o perfido... o infame Escoiquiz. A alma excommungada de todas estas traições.

— Talvez tudo isso sejam intrigas — dizia o rei, arrastando a fraca voz, como se lhe faltassem as forças— O principe tem inimigos... não querem que elle chegue a reinar... temem-n'o.

— O principe tem inimigos!... tem-n'os porque os merece ter—bradava D. Maria Luiza — As indulgencias de Vossa Magestade dão-lhe para tudo ousadia...

— Mas as provas... as provas — dizia o rei com mais energia.

— As provas! Aqui as tem Carlos... a carta que acabo de receber de Manuelito, e que diz tudo.

— Manuelito é inimigo de Fernando. E Deus sabe que o não devia ser... Deus sabe quanto isto me afflige... —suspirou o velho monarcha, sinceramente angustiado— Que dôr esta?... Que discordia na minha familia, que emaranhadas e ruins paixões por esse reino todo, e até em minha casa!... Olhe Vossa Magestade a que martyrio estou sujeito; eu, a quem todos chamam o rei.. A

minha pobre cabeça já mal pode supportar tantas angustias! Fernando, o herdeiro da corôa...

Ao ouvir estas palavras, a rainha, como se lhe mordera no coração venenosa vibora, correu com gesto de furia para o velho monarcha, que se encolheu espavorido.

— O herdeiro da corôa!—gritou ella—herdeiro da corôa, o inimigo de el-rei seu pae, o filho que conspira contra a vida da rainha, sua mãe!

— Horrivel accusação!—exclamou o triste velho.— As provas!... as provas.

— As provas, aqui as tem Vossa Magestade. Agora não poderá duvidar... Não poderá Vossa Magestade accusar o pobre Manuelito... o fiel, o dedicado filho, que se sacrifica por seu pae em quanto o outro tem n'alma as paixões de um parricida.

— Filho!...—balbuciou o rei.

— Tambem Vossa Magestade o quer renegar agora! —rugiu a rainha, fóra de si.—Lembre-se que este segredo é de Vossa Magestade, e não meu. Eu saberei fallar alto; nada me pode deter. Como filho m'o confiou Vossa Magestade; e eu tenho tido a coragem de arrostar a calumnia injuriosa, para guardar melhor o segredo do rei, que nem o proprio Manuelito suspeita sequer. A historia

não saberá nunca explicar a fortuna do principe da Paz, nem o carinho que por elle temos, um e outro, porque não saberá nunca o segredo.

— Que hei de fazer?—perguntou Carlos IV, aterrado.

— Salvar a corôa e a paz de Hespanha, a vida da rainha e a do principe da Paz. Veja Vossa Magestade estes papeis—proseguiu D. Maria Luiza pondo nas mãos do rei uma boceta de tartaruga lavrada—veja e resolva.

D. Consuelo, tremula e fria de medo, exclamou com vivissima angustia:

— Os papeis do principe das Asturias! Estamos perdidos.

— E foste tu que os entregastes á rainha?

— Não, mas fui quem lhe disse onde estavam escondidos.

— E agora?

— Fiz a ferida: eu a hei de curar.

E D. Consuelo partiu correndo: deixando-me só na alcova da rainha.

XXVII

Graves successos

Errante, atravessando salões e claustros, cheguei aos aposentos do principe das Asturias e vi ainda entrar D. Consuelo e cerrar rapidamente a porta que dava para o claustro.

Não me pareceu prudente seguir a minha voluvel companheira.

Esperei.

Poucos minutos depois saiu D. Consuelo, pallida e agitada. Vendo-me escondido no vão de uma janella, correu a mim dizendo-me, em voz suffocada, ao entregar-me uma carta:

— Estamos perdidos. O principe ficou... aterrado.., mas ha de vencer, espero. Corre a Madrid e leva esta

carta a soror Thereza. Depressa. D'aqui a pouco acharas um cavallo para voares a Madrid. Coragem, Calavera.

Sem esperar resposta, foi-se correndo aos quartos da rainha.

Escondi, surprehendido e assustado, a carta que me dera Consuelo: resolvido a obedecer. Apenas dera alguns passos quando, junto de mim, passou o governador do conselho, acompanhado de guardas, que se encaminhavam para os aposentos do principe das Asturias. Esquivei-me a custo, para não ser visto e, rapidamente, desci a escada, corri pelos claustros que dão saida ao convento. Em menos de um minuto, estava na rua.

Caminhando depois vagarosamente, para não levantar suspeitas, percorri a alameda que desce do Escurial e, a poucos passos do parque dos infantes, esperei.

Ao cabo de meia hora veio a mim um creado com um cavallo e, após elle, D. Consuelo, com o rosto demudado, os cabellos e mantilha em desordem.

— Está consummado o crime. Agora não podemos ter esperança senão na bondade d'el-rei, na energia dos amigos do principe das Asturias e da Hespanha e na fraqueza e medo de Godoy.

— Que mais ha?—perguntei.

— Que ha? O principe está prezo. O proprio rei lhe tirou a espada. Os papeis... Deus me perdoe! Os papeis estão nas mãos de severos juizes.

— E agora que faremos?

— Não abandonar os vencidos. Não dar suspeitas aos vencedores. Ajudar-nos um ao outro. Parte. Entrega a carta á freira e leva as noticias a Godoy. Assim ficaremos bem com todos.

Parti n'um cavallo ligeiro como o vento. Em poucas horas estava em Madrid.

Fui logo ao convento de Soror Thereza da Annunciação.

XXVIII

A beata em extasis

A formosa prelada estava na cella da beata Dorothea, que havia caido em extasi e parecia arrebatada pelo espirito sobrenatural das prophecias.

A celasinha era estreita e nua. Apenas da parede pendia uma grande cruz negra, cuja base mergulhava em pequena pia de agua benta. No centro estava a beata em leito estreito e pobre.

Em volta, de pé, dois ou tres frades, a Prelada e algumas freiras.

Escoiquiz, o conego conspirador, empunhando o hyssope, psalmodiava orações latinas para exorcisar a beata Dorothea. Apesar dos exorcismos, o extasis continuava, a inspiração sobrenatural da serva de Deus proseguiu.

Logo o diabo não estava ali, estavam os anjos presididos pela milagrosa Virgem da Atocha. Frades e freiras convinham n'isto quando eu entrei.

Dirigi-me com precipitação á Prelada; mas ella fez-me imperioso signal de me calar. Calei-me.

O Auto Sacramental ia principiar.

A beata Dorothea estava estendida sobre a cama, hirta como um cadaver. Era uma mulher de uns vinte annos, de magresa extrema, livida, de olhos dilatados, bocca contraida, faces encovadas. Dir-se-hia que estava morta, se não fôra a respiração anelante que lhe agitava o peito e as palavras entrecortadas que lhe saiam, a custo e como involuntariamente, pelos labios serrados.

Coisa extranha! O habito branco que lhe envolvia o corpo completava-se por um veu escuro que lhe cingia a fronte. D'esse veo escapavam-se gotas vermelhas que, lentamente, escorriam pela face livida da beata.

A beata suava sangue. Milagre muito commum entre as beatas d'aquelle tempo.

— Eil-o—murmurou a beata — Ei-l'o, o principe perfeito, coberto de grilhões, arrastado perante um tribunal sanguinario... A rainha desce do throno para o accusar e o general aleivoso leva-a pela mão. O carbunculo da regia corôa já não brilha... os anjos da guarda largam o

escudo de Castella, para chorarem pelo principe e pela patria.

Sentando-se no pobre leito, com gesto iracundo, aspecto pavoroso e sobrenatural, a beata Dorothea bradou.

— Acudam... acudam-lhe... salvem o principe... salvem o defensor da Hespanha... a nossa esperança... o nosso rei. Salvem-n'o... para que o não matem os traidores...

Quantos estavam ali se agitaram, espavoridos, aos gritos da beata.

Escoiquiz repetiu attonito:

— Salvem o principe.

Chegando-me então a Soror Thereza disse-lhe ao ouvido:

— Salvemos o principe.

— Que?! — exclamou ella.

— O que diz a beata é a verdade — acudi eu, respondendo á Prelada. — D. Fernando está preso.

Foi só então que Soror Thereza comprehendeu a catastrophe, que estava eminente. A comedia tinha-lhe escondido a realidade:

Então bradou, voltando-se para Escoiquiz.

— Salvemos o principe das Asturias, que está preso

em poder de seus inimigos... da rainha e do principe da Paz. Estamos perdidos!

Ao grito angustioso da Prelada respondeu um gemido geral. O extasis da beata Dorothea passou,como por milagre,sem exorcismos nem nada, e a beata fugiu correndo, innundado o rosto do liquido vermelho que lhe escorria do veu.

No meio da geral desordem levantou-se de um canto obscuro da cela, para onde eu não tinha olhado ainda, uma mulher coberta de espesso veu, que se ouvia soluçar com extrema angustia. Dos braços da dama embuçada soltou-se uma creança, de uns dez a doze annos, que se lançou precipitadamente no seio da Prelada!

Com as roupas brancas, os cabellos soltos em graciosa desordem, os olhos formosissimos, brilhantes de lagrimas, mais parecia a encantadora creança um anjo desprendido do céu luminoso sonhado pela beata Dorothea, do que um ser humano. Era uma apparição,que deixou a todos assombrados em momento tão solemne.

— Siga-me—me disse Soror Thereza.

E, quasi correndo,sem soltar dos braços a gentil apparição, entrou n'uma salinha onde a segui. Depois serrou a porta,dando entrada primeiro ao conego Escoiquiz, cujo tremor convulsivo indicava bem o estado atribulado do

seu espirito e o terror que os successos do Escurial lhe causavam.

— Falle. Conte-nos tudo—disse a prelada.

E como visse, que eu olhava attonito para o anjo que ella apertava ternamente nos braços, julgando que era hesitação o que não era senão adoração supersticiosa:

— Pode fallar livremente, capitão; Saturnina pode ouvir tudo e é bom que oiça tudo. É energica, prudente a minha filha querida; e pode ser util á boa causa. Tem poderosos protectores.

A gentil menina surrio por entre as lagrimas, e deu na bella Prelada um beijo de terno affecto, de vivo reconhecimento.

Contei rapidamente quanto se havia passado no Escurial n'aquelle dia, e entreguei á freira a carta que me dera D. Consuelo.

Assustado, cada vez mais, o conego Escoiquiz, exclamou:

—Estamos perdidos. Tratemos de nos salvar das iras do negregado Godoy.

— Não ha para que pensar em nós, agora—interrompeu com energia Soror Thereza.— Pensemos no nosso bom principe, na Hespanha e na Sancta Fé, que estão em perigo. Godoy, agora principio a crel-o, aspira ao thro-

no, e para esse fim nos entregou aos francezes, rojou-se aos pés de Buonaparte. Todos aqui se tem rojado aos pés do tyranno francez. Cobardes! Veremos em pouco penetrarem na catholica Hespanha as ideias funestas da revolução franceza: veremos triumphar os atheus dos fieis. É preciso ser energico. Chamar ao combate todos os nossos amigos, os amigos do throno e do altar. Os frades, que são muitos, devem pregar a guerra sancta, a revolta contra os inimigos da religião.

— Que havemos de fazer? gemeu o conego.

— Vossa reverencia pergunta-mo? Não foi vossa reverencia quem animou o principe das Asturias a levantar a voz da revolta? Não foi Vossa Reverencia quem lhe aconselhou a cobardia de supplicar a protecção de Buonaparte?—exclamava a freira indignada.

O conego estava aterrado e com a cabeça perdida.

— Ai! Os papeis! Os papeis, que eu proprio escrevi e Calavera copiou, cairam nas mãos dos nossos inimigos. Estou perdido.

A cobardia do padre era ignobil, depois da jactancia e ousadia com que urdira o trama de que não sabia agora como sahir.

Voltando-se para mim a Prelada disse-me que fosse descançar, porque voltaria ao Escurial de madrugada.

Sahi do convento com a alma cheia da suave imagem da Saturnina. O mundo inteiro desapparecia diante d'aquella angelica imagem; de modo que nem sequer pensei nos perigos da minha singular situação, nem senti o cançasso de tão asperas viagens continuadas entre Madrid e o mosteiro de S. Lourenço do Escurial.

XXIX

Em casa de Godoy—A intervenção de um anjo

Antes de me recolher á minha estalagem, na triste rua de Ave-Maria, corri ao palacio do principe da Paz. Era prudente e podia evitar assim qualquer contratempo e talvez descubrir algum segredo importante, para a causa do principe das Asturias, que era a minha agora... que era a causa da justiça, a causa da legitimidade.

Com grande pasmo meu, encontrei as salas de Godoy cheias de cortezãos, vestidos de gala e com todos os signaes de *politicos triumphantes*, que é a peior casta, a mais miseravel feição de politicos, que ha de haver em todos os tempos.

Logo que soube da minha chegada Sua Alteza, que eu no meu fôro intimo mandei mil vezes ao diabo, man-

dou-me entrar, o que excitou as murmurações e o pasmo dos cortezãos.

O principe da Paz não estava só, acompanhava-o a condessa de Castillo Fiel, a sua dedicada companheira e leal conselheira.

Vendo-me entrar D. Josepha Tudó, que estava por extremo agitada, exclamou:

— É elle, o capitão Calavera; elle que sabe tudo e que tambem assistiu ás funebres revelações da beata Dorothea.

Ao ouvir isto senti-me esfriar todo, porque me julguei descoberto. O meu susto cresceu ainda, quando o principe me disse, em tom entre ironico e colerico:

— Já voltou do Escurial, bem vejo capitão. E antes de tudo foi ver soror Thereza, a freira conspiradora. Para que?

Inspiração subita me salvou n'aquelle instante!

— Fui ao convento—respondi—por ordem de Sua Magestade a Rainha. A Augusta senhora queria que eu soubesse o que fazia e dizia a beata Dorothea.

— A prophetiza da conspiração!...—disse o principe.

— Um dos mais perigosos agentes do partido dos frades—observou a condessa.

— É preciso suprimil-a... dar cabo d'ella...

— Não. É preciso sanar as feridas, Manuel; e não irrital-as. O momento é solemne, repara. Não se põe impunemente mão sacrilega no herdeiro da corôa—observou D. Josepha, com prudencia.

— Não fui eu, bem sabes—acudiu Godoy como um pequeno apanhado a fazer uma maldade, mas visivelmente aterrado.

— Não serias; mas a ti é que deitarão as culpas de tudo.

— Em quanto eu os não esmagar a todos não fico descançado—clamou Godoy, fóra de si, de raiva e de terror.

— Não ha que pensar agora em esmagar os outros: mas sim em evitar que as cousas se agravem, para que te não esmaguem a ti. Tu não vês senão esta phantasmagoria da côrte e não vês a irritação do povo e dos frades. A côrte abandona-te em te não sentindo forte; o povo irrita-se mais em te sentindo fraco... É preciso pôr termo á tragedia do Escurial...

— Tragedia!... Não. E elles bem o sabem.

— Peór, porque vendo a tragedia degenerar em farça, medem por ahi a tua fraqueza.

Voltando-se depois para mim, a condessa disse-me então:

— Conte, conte ao principe quanto se passou no Escurial. Só para isto veio o pobre capitão a Madrid concluiu a condessa.

Sentindo-me apoiado, contei então o que se passara; exagerando um tanto os perigos de D. Fernando e o mau effeito produzido no povo pela violencia, de que fôra victima o herdeiro da corôa.

O espirito de Godoy fluctuava entre paixões e resoluções encontradas. O medo, porém, parecia que dominava tudo.

— O povo é contra mim e a favor do principe das Asturias, dizes tu?

— Digo a verdade e o que,creio,é em serviço de Vossa Alteza. O tempo das illusões passou. Agora as illusões são perigosas—respondi eu.

— Accusam-me de entregar a Hespanha ao imperador dos francezes?! Foram elles que o fizeram?... Não se prostrou D. Fernando aos pés do grande heroe, pedindo-lhe uma princeza para noiva?... Todos que veem o sol voltam os olhos para elle... e a mim, querem-me mal porque faço como elles!...

Ia o principe proseguindo em suas declamações, inspiradas pela ira, pelo despeito e pelo medo, quando um creado entrou com uma carta que entregou a D. Josepha.

Abrindo-a precipitadamente esta entregou-a a Godoy dizendo, com as lagrimas nos olhos.

— É a intervenção de um anjo!... É uma carta da innocente Saturnina... que conta as suas aprehensões infantis e pede pelo principe das Asturias. Pobre creança! São inspirações que vem do céu, estas!

Visivelmente enternecido, Godoy passou a carta pelos olhos e entregou-a outra vez á condessa, dizendo:

— Corro já ao Escurial e porei cobro a todas as violencias. O difficil é vencer a colera da rainha. Vá capitão, vá preparar tudo para me acompanhar.

XXX

Conversação politica

—Poucos dias foram precisos ao valido para regular negocio que tão intrincado e perigoso parecia. Não porque lhe sobrasse sagacidade e o dirigisse a boa apreciação dos homens e dos negocios, mas porque o dirigia o medo e lhe dava poder a sua influencia sobre a rainha e o seu regio protector.

Contava-se que a sua promptidão em por termo ao violento processo, intentado contra o principe das Asturias e seus cumplices, era o resultado do medo que elle, como todos em Hespanha ou antes na Europa, tinham da coiera de Napoleão. Ao medo de Napoleão juntava-se o receio das consequencias futuras de uma affronta ao herdeiro da corôa, e o desalento com que Godoy conside-

rava a impossibilidade de ver realisados os sonhos ineptos da maldosa D. Maria Luiza.

— O principe da Paz tinha a illusão,que cega muitas vezes os poderosos do acaso. Suppunha que podia acalmar, com um procedimento generoso, os adversarios fanaticos; e enganava-se. Deixava-lhe apenas maior liberdade de lhe prepararem rapidamente a queda.

—Em politica todos os sentimentos que, fazem a gloria da humanidade, facilmente desaparecem: sobre tudo a gratidão. Ninguem em politica atribue o beneficio á generosidade dos outros, mas ao favoritismo, ao receio, á seducção... á generosidade, nunca. Godoy deu armas aos seus inimigos, mas não lhe modificou nenhuma das ruins paixões. É sempre assim.

A dissertação de D. Fecundo promettia prolongar-se indifinidamente se o general a não interrompesse.

— Com magico poder—proseguio o general—Godoy, n'aquelle tempo, podia sublevar ou acalmar as tempestades da côrte. Aquelle foi o ultimo acto d'esse poder insensato.

Uma conferencia com a rainha; outra com o fraco monarcha, a quem aterrava tudo quanto podia perturbar-lhe a paz senil; algumas palavras trocadas com o real presioneiro, cujo animo possilamine não ousava lutar com

a força ou com o simulacro da força: trouxeram a paz onde reinava a guerra e onde parecia que a conciliação era impossivel.

Quando tudo parecia apasiguado, os successos estavam preparando a ruina de Godoy, que precedeu pouco a ruina de Hespanha.

Os exercitos de Napoleão, sob color de irem á conquista de Portugal,—acto de brutal violencia preparado pela tresloucada ambição de Godoy, haviam já invadido a Hespanha inteira. Godoy ensinara o caminho dos Pyrineus ao conquistador francez, e agora admirava-se de que esse caminho não esquecesse ao dominador da Europa. O principe das Asturias rojara-se aos pés de Napoleão, e agora estranhava que este o tratasse como inepto vassalo seu, cujos dominios não valia a pena de conquistar pela força. Carlos IV chamara o orgulhoso potentado em seu soccorro nas questões deshonestas de familia e achava estranho, que o chefe da França, que contava com os reis e não sabia ter em conta os povos, apesar de haver nascido de uma revolução popular—preparasse synicamente a queda dos Bourbons de Hespanha.

O povo hespanhol—mais energico, mais poderoso, mais tenaz, mais patriotico do que os seus chefes dege-

nerados—provou a Buonaparte que, para aquem dos Pyrineos, nasciam do solo guerreiros armados; das serras baixavam, em torrentes, heroicos defensores da patria.

. . . . . .

XXXI

A revolução

Mezes depois, estranha agitação se manifestava no povo, sempre tranquillo, de Aranjuez, em cujo palacio esplendido, cercado de formosos jardins, estava então a côrte, como era costume na primavera.

Paizanos armados, muitos d'elles vindos de Madrid, guardavam de perto o paço real e ainda mais a casa do principe da Paz, que tambem n'aquelle tempo habitava o real sitio.

Dizia-se que, seguindo o exemplo da côrte portugueza, a côrte de Hespanha queria ir esconder na America a sua fraqueza.

As corôas fugiam espavoridas. Os povos ficavam para defender a patria. Nobre missão a dos povos! Deploravel cobardia a dos reis!

A sombra de Napoleão esparzia por toda a parte o terror e, com elle, o dominio de ferro da tyrannia gloriosa, que é a mais implacavel e cruel das tyrannias!

— O colosso ia quebrar-se na Peninsula — acudiu D. Facundo, interrompendo o general. — Mas não faltaram cobardias para lhe amortecer a queda.

— O povo, sobresaltado, não queria que Carlos IV e a real familia abandonassem o seu posto de honra: e o rei tanto sentia que o povo tinha rasão que buscou, aconselhado por Godoy, enganal-o com uma proclamação em que se desmentia o que da viagem se dizia publicamente.

Os guardas do corpo estavam em armas, para defender a real familia de qualquer violencia; mas quasi todos, essim como as tropas vindas de Madrid, sympathisavam com a causa popular, que era a causa da Hespanha.

Á frente das tropas francezas, Murat acercava-se de Madrid, e isso dava maior violencia ás inquietações e apprehensões populares, e maior força aos que queriam que o rei fugisse para a America a levantar ali novo imperio. A liberdade e a independencia dos povos fugiam para o novo mundo, porque no velho mundo eram tudo ruinas, amontoadas para servir de pedestal a um guerreiro, que destruira a liberdade da França para soffocar depois a independencia da Europa.

— Sorte singular! exclamou o dr. Wearisome, com desusado impeto.—Isto mostra quanto é fallivel o juizo dos homens. O prodigioso conquistador, que fez dos excessos da liberdade um imperio no qual quiz englobar a Europa inteira, foi acabar a vida n'um desterro, n'uma ilha perdida no Oceano, e não fez senão semear os germens da liberdade nos povos que buscou subjugar. A grande obra de Napoleão foi a que elle fez involuntariamente. Carlos IV queria ir á America firmar o seu dominio absoluto, constituir um imperio, e por fim não foi; mas o sonhado imperio francez desfez-se em republica...

— Isso que succedeu ao imperador dos francezes só prova dr. Wearisome, disse D. Facundo, que ganhar batalhas, vencer pela força, não é conquistar a consciencia dos povos... é, muitas vezes, despertal-a.

— Bem acordada estava a consciencia do povo em Aranjuez, no dia em que se afirmava, que o rei sahiria para Sevilha a fim de embarcar para a America—acudiu o general.—Como uma tempestade que vae crescendo, crescia a agitação do povo. A principio movido pela magua e pelo terror: depois, como acontece sempre, a magua converteu-se em cego e evidentissimo furor contra Godoy.

— As paixões populares—observou D. Facundo—não

podem por muito tempo persistir em estado, permitta-me a phrase,... em estado abstracto. Precisam consubstanciar-se em determinado individuo; quer sejam de odio quer de amor, essas paixões.

— N'este caso, o odio dominava... odio implacavel e feroz, contra o principe da Paz—disse Calavera.—Atribuiam-lhe a elle todas as desgraças da Hespanha, todos os males de que soffria ou que ameaçavam a nação. A devassidão da côrte; a miseria publica; a invasão franceza... tudo.

— Injusta accusação—disse D. Facundo—Os francezes, chamaram-nos todos, todos esperavam d'elles apoio para as suas vis paixões, ignobeis vinganças e vergonhosos triumphos.

— Para conhecer a verdade, corri aos quartos do principe das Asturias, a perguntar o que havia. Sua Alteza, em pessoa, dignou-se dizer-me. «É esta noite a viagem e eu não quero ir.» Não foi preciso mais. Corri de grupo em grupo a annunciar a triste nova. Mas, ao mesmo tempo, dizia a todos, que não havia por que desanimar, pois que, se o rei se queria ir, ficar-nos-hia D. Fernando, que valia mais do que seu pae e que nos livraria da vergonha de ver os destinos da patria na mão do valido, e a honra da corôa entregue á devassidão da rainha.

O momento da crise aproximava-se. Era tempo de seguir á letra os prudentes conselhos da ladina Consuelo.

Quando vi sufficientemente irritado o espirito dos populares, por entre os quaes as manolas e os frades agitavam os incendidos brandões da revolta, encaminhei-me para casa do principe da Paz, onde escondidamente penetrei.

O principe estava aterrado; palido, livido, convulso; balbuciando apenas palavras desconexas. Junto d'elle estava uma dama, tapada por espessa mantilha.

Quando eu entrei, a dama disse em tom breve e energico.

— Coragem, Manuelito! Esses canalhas não merecem todos senão a forca .. e a forca hão de ter, como merecem. Coragem!

Dizendo isto a dama desappareceu acompanhada de D. Consuelo que a estava esperando.

Era a rainha.

XXXII

Sustos de Godoy

Contei ao principe da Paz o que pensava; e mostrei-lhe os inevitaveis perigos que lhe ameaçavam a vida, se não buscasse logo fugir dos assaltos da revolta popular.

Godoy era fraco, a luta assustava-o. Mas receiava abandonar as grandezas porque via que, para sempre, as ia perder, e, sobretudo, afrontava-se do triumpho dos seus contrarios.

—É preciso lutar—balbuciou Godoy n'um tom de desanimar.—Os meus inimigos, não hão de vencer ainda. Ainda não darei occasião aos amigos para me abandonarem, como desejam.

—Senhor! Eu não venho propor a guerra a Vossa Alteza—disse eu — É preciso deixar passar a borrasca, contra a qual não ha que luctar n'este momento. Povo e

soldados todos estão conformes em impedir a partida da real familia... tudo arde em furor... furor injusto contra Vossa Alteza... E' preciso desistir da viagem, e pôr-se Vossa Alteza a salvo... esconder-se...

—Esconder-me?... Onde? Como?

—N'algum logar recondito do palacio. Não ha que pensar em sair agora—disse eu.

—Não seria melhor acalmar o povo? Dizer-lhe que el-rei não partirá... que fica, para o cobrir de beneficios?

—Ninguem acreditará em tal, senhor. O tio Pedro, o orador do povo, prega por toda a parte a revolta... e é contra Vossa Alteza que se voltam todas as iras.

—Quem é o tio Pedro?—perguntou Godoy.

—Um homem que anda por todos os grupos, que falla a homens e mulheres, que faz uma proclamação a cada canto, que parece um vivo demonio... E' o conde de Montijo, disfarçado.

A este nome o principe fez-se ainda mais livido e caiu prostrado n'uma cadeira.

—Montijo! Um dos meus mais crueis inimigos!—exclamou—Estou perdido então.

N'esta occasião o alvoroto crescia; o povo precipitava-se sobre a casa do principe e já se ouvia arrombar as portas.

Tomando o principe nos braços, depois de ver que não tinha por onde lhe dar fuga, levei o desgraçado, quasi morto de susto, para um sotão, onde o escondi entre umas esteiras velhas. Fingindo depois que percorrera toda a casa em busca de Godoy, para o entregar a seus inimigos, precipitei-me ao encontro dos amotinadores, bradando:

—O miseravel Godoy fugiu... escapou ao justo castigo dos seus nefandos crimes! Fugio ao povo glorioso.

—O povo revoltado é sempre glorioso—disse D. Ferdo. E' coisa sabida, por quantos querem colher os fructos da revolta.

— Consuma-se quanto pertenceu ao inimigo da patria—prosegui eu fallando ao povo—Ao fogo... quanto foi d'elle. Uma fogueira já, na praça.

O povo, quer levado pelas proprias paixões, quer por indignação artificiosamente excitada, facilmente se deixa distrahir pelo que pode dar prompta satisfação ao seu energico desejo de acção. Levados por este impulso de fera, os amotinados sevaram a sua raiva nos moveis, nas joias, nos ornamentos da casa do valido.

Minutos depois ardia grande fogueira na praça de Aranjuez, e o povo, que antes ardia em furia, parecia celebrar a noite de S. João e bailava e cantava diante da fogueira.

XXXIII

Calavera salva o principe da Paz

Tudo parecia socegado. O povo continuava, nas praças e nos jardins de Aranjuez, entretendo, em festas e bailes, o tempo, para celebrar a queda de Godoy e esperar os acontecimentos; como se influencia secreta o detivesse ahi, afim de mais tarde promover novos e inesperados alvorotos.

Por entre o povo andavam muitos frades e homens de má catadura, que declamavam contra o rei e contra Godoy, por haverem aberto as fronteiras aos invasores francezes.

—Vê como as verdades se dizem nos tumultos populares!—me dizia Consuelo na noite seguinte á do primeiro tumulto—Elles todos chamaram os francezes a Hespanha. Godoy, para elles invadirem Portugal e o fa-

zerem principe dos Algarves; o principe das Asturias chamou o imperador para lhe vir pôr na cabeça a corôa do pae; o Carlos IV chamou o heroe da França para o defender do filho...

—São uns cobardes! todos!—exclamei.

—Serão. Mas a nós não nos pertence, nem nos convem, julgar os homens nem as cousas. Agora o que é necessario é salvar o pobre Godoy, que deve estar a morrer de fome e de medo no esconderijo em que o meteste. E' difficil e perigoso n'este momento ir buscal-o; mas ha que lhe levar um pedaço de pão.

—Eu não me atrevo.

—Pois atrevo-me eu—disse D. Consuelo.

E entrando denodadamente pela casa deserta, cuja porta estava guardada por sentinellas, chegou ao logar onde o principe da Paz estava escondido, e, sem dizer palavra, deitou um pedaço de pão para onde estavam as esteiras que o cobriam.

—Agua!...—murmurou em voz sumida, o desgraçado que, pouco antes, era realmente rei de Hespanha—Agua!... se não morro.

D. Consuelo fez que não ouvia, e retirou-se sem a menor emoção.

—Talvez não morra até ámanhã—me disse ella de-

pois no jardim—Bem ves que se prepara novo tumulto. Querem levar o rei a abdicar no filho. Quem ganha com isso são os inimigos da Hespanha, não D. Fernando nem os seus parciaes.

—Que havemos nós fazer?

—No meio do tumulto salvar Godoy.

Separámo-nos.

No dia seguinte desusado tumulto me chamou a attenção. Corri á praça, onde me encontrei com D. Consuelo, que acompanhava a freira D. Thereza e a sua gentil pupilla, que eu apenas entrevira no escuro do convento no dia do extasi prophetico da beata Dorothea.

As tres damas vieram a mim, quasi correndo.

—Salve-o—exclamou a prelada, antes que Consuelo abrisse a boca—Salve-o. Não perca um instante.

Estendendo o braços para mim e com os olhos arrasados de lagrimas, a gentil Saturnina murmurou, com extrema angustia:

—Salve... salve meu pae. Pelo amor de Deus!

—Que ha?—perguntei eu, pasmado de ouvir a freira pedir por Godoy, que ella ajudara a perder, e, ainda mais pela revelação involuntaria que a formosa menina acabava de fazer-me.

—Que ha?—acudiu D. Consuelo com energia—Não ouve, não vê esse povo a correr para a casa do principe da Paz? Corra já, vá... vá buscar as guardas do corpo... Manda a rainha.

Sem esperar mais explicações, corri ao quartel e, quando voltei com a minha companhia, tive apenas tempo de salvar das mãos do povo o pobre Godoy, o qual, ferido e sem alento, podemos ainda levar quasi a rastos até ao quartel: sendo preciso fechar as portas para o livrar das injurias e violencias da fera popular.

Estava eu inquieto e sobresaltado por quanto acabava de succeder: receioso pela vida do meu principe e não menos receioso por mim proprio; cuidando que o odio do principe das Asturias me puniria pelo arrojo de salvar a vida do odiado Godoy; cogitando com pasmo no encontro da Consuelo com a prelada e a sua encantadora pupila. Estava sem poder atinar com a explicação do interesse ancioso da freira, inimiga do valido, pelo valido vencido; e sem saber o que significava o nome de pae que Saturnina dera ao principe da Paz. Estava eu perdido n'um turbilhão de conjecturas e de receios, quando ouvi abrir-se com precipitação a porta do quartel, o tumulto popular acalmara-se subitamente, e vi o principe das Asturias entrar e caminhar

em direcção a Godoy, que estava quasi deitado sobre dura enxerga.

Tive, por um momento, a fatal aprehensão de que D. Fernando ia assassinar o seu inimigo. Godoy teve o mesmo sentimento e arrastou-se de joelhos até aos pés do principe.

Mas qual foi a minha surpreza quando o herdeiro da corôa, estendendo-lhe a mão para o levantar, lhe disse:

—Venho perdoar-te e salvar-te a vida.

O, havia pouco, poderoso valido, sempre prostrado aos pés de D. Fernando, teve ainda força para perguntar:

—Vossa Alteza é já o rei?

—Ainda não, mas logo o serei—respondeu o principe das Asturias.

As predições politicas de D. Consuelo realisavam-se. A sublevação de Aranguez não tinha por fim, nem a queda do valido, nem o impedir a partida da familia real para a America. O fim era desthronar Carlos IV e pôr a corôa na fronte do principe das Asturias.

As intrigas de Escoiquiz venciam; mas a patria ficava em maior perigo do que nunca.

A generosidade milagrosa do principe das Asturias foi comprada por uma corôa. Famoso exemplo de gran-

deza d'alma, que se podia tomar por annuncio do que mais tarde havia de ser Fernando VII.

Como a paga tardava, promoveu-se, horas depois, outro tumulto, por futil pretexto, e o velho rei abdicou n'essa mesma noite, o que causou grande alegria no povo, que julgou vencer. O povo gosta de novidades, mas de certo não tem o dom de adivinhar; o que o povo tem, muitas vezes, é a loucura de celebrar um triumpho, real ou supposto, com desatinos, violencias, e actos de distruição.

O povo de Madrid, para glorificar o novo tyranno que o havia de opprimir mais tarde e começava por appelar para os inimigos da patria, abrindo caminho aos exercitos estrangeiros, o povo de Madrid percorreu as ruas da cidade á luz dos archotes, penetrando em muitas casas aonde destruia tudo, em nome da patria e da religião.

Ao passo que se desencadeava, contra Godoy e seus parciaes, uma furia insana, que pela minha propria sorte me fazia tremer ás vezes; em quanto se abria contra a rainha um processo monstruoso, preparado pelo odio e pela cubiça de muitos d'aquelles que a haviam baixamente lisongeado; varios duques e outros grandes de Hespanha partiam para servirem de introductores e mes-

tres de ceremonia a Murat na sua chegada a Madrid: outros iam buscar o *desejado* Napoleão á fronteira, onde era esperado a cada instante.

Cinco dias depois da abdicação de Carlos IV, entravam as tropas francezas triumphantes em Madrid. No dia seguinte entrava em Madrid o novo rei de Hespanha, não como chefe de Estado mas como chefe de uma revolução popular.

Elle ! O inimigo da liberdade !

XXXIV

Uma mascarada solemne

—A sua historia, general—disse eu—é toda a historia de Hespanha, durante a invasão franceza.

—E'—disse o Calavera—E' porque eu tomei parte em quasi todas as batalhas; fui de quasi todas as guerrilhas; tomei assento em muitas juntas revolucionarias; fiz tudo, emfim, que mais de cerca se intretece com os successos d'aquella memoravel época. Mas não quero abusar da sua paciencia, contando-lhes as minhas campanhas. Só lhes direi os factos que interessam de perto á minha vida intima... só lhes contarei o que me é pessoal.

—Conte-nos os successos da sua interessante vida, meu caro Calavera y Cursi—accudiu D. Fernando—Tenho ouvido já alguns episodios interessantes das suas

muitas aventuras; mas a historia seguida é a vez primeira que a ouço. E depois, a historia d'esse tempo é a historia dos heroismos populares e das cobardias dos grandes: mas, sobre tudo, é a historia das illusões perdidas e dos enganos felizes.

—Illusões perdidas foram as do principe da Paz: quando esperava ser principe dos Algarves, caiu do poder n'uma masmorra. Illusão foi a dos seus reaes amos: quando contavam com o apoio de Napoleão perderam a corôa. Illusão, maior ainda, foi a de Fernando VII: quando esperava ser posto no throno por mão do imperador dos francezes, este, tres dias depois de entrar em Madrid o novo rei, offerecia o throno de Hespanha a um irmão seu.

—Grande lição a politicos, essa!—disse o medico inglez, interrompendo o general—Onde fermentam, tumultuosamente as ambições, não ha nem moral nem honra: não ha senão a força, nada vale senão a victoria, nos campos de batalha ou nas lides da politica.

Interessado na historia do general Calavera, e receando que as philosophias de D. Facundo e do Inglez interrompessem a cada momento o narrador, propuz que o deixassemos fazer seguidamente a sua curiosa narrativa.

Visivelmente lisongeado pela minha observação, o general proseguiu.

—Então, feita a celebre abdicação, representou-se um cruel sainete, de que era auctor Napoleão, e principaes actores os reis desthronados e o filho ingrato e cubiçoso. Escoiquiz era o lorpa da comedia e os comparsas não tinham conto. Carlos IV dava por nula a sua abdicação. Fernando VII pedia uma noiva ao imperador francez e queria que este lhe segurasse na cabeça a mal firme corôa. Escoiquiz, animado pela propria vaidade, fascinado pelo poder do Jupiter francez, empurrava o seu augusto pupilo para o captiveiro que o aguardava alem dos Pyrineos. A cegueira comica dos parciaes do novo rei de Hespanha levava, um d'elles, a percorrer o meio dia da França, em busca da noiva do rei Fernando e a perguntar por ella aos francezes, que encontrava no caminho. Tudo era fazer lisonjas a Napoleão, que tratava com um soberano despreso ao rei Fernando, a quem não reconhecia como rei, ao passo que o enganava e o attrahia a Bayona.

Poucos dias depois de estar no paço de Madrid, sem que Murat, que commandava o exercito francez de occupação, o visitasse sequer, os conselheiros do novo rei, angustiados pela posição indifinida em que D. Fernando

se encontrava, imaginaram uma procissão ridicula, a qual encheu de pasmo e de indignação Madrid inteiro.

Eu assisti á mascarada ignobil—proseguiu Calavera com gesto indignado—Dois grandes coches de gala tirados cada um por seis nedias mulas, cohertas de ouro e purpura, seguidos de creados a pé, correios a cavallo e um brilhante destacamento das guardas reaes, levaram ao general francez a espada de Francisco I, um dos trophêos da gloria hespanhola. Carlos V vencia, o rei Fernando queria apagar os vestígios da victoria. Este precioso presente não valia ao rei Fernando uma palavra de agradecimento. A Hespanha despojava-se das suas grandezas para lisongear o seu conquistador e acentar no throno de Carlos V um tyranno liberticida.

Não admira!—proseguiu o general, cujas apreciações, dos homens e das coisas, me iam dando d'elle melhor opinião do que a principio formara de seus modos amaneirados e quasi ridiculos.—Não admira! As cabeças andavam então n'uma desordem que reinava quasi em loucura. E os mesmos que praticavam taes desatinos, não punham a menor duvida mais tarde em sensurar a desordenada guerra com que o povo hespanhol, entregue a si proprio, sem administração e sem recursos, de-

fendeu, heroicamente, a patria contra os invasores estrangeiros.

Assim como um grande de Hespanha entrava desatinado por França a perguntar, a quem encontrava nos caminhos, pela noiva do rei Fernando: assim o proprio D. Fernando ia, de cidade em cidade, em busca de Napoleão, o desejado protector e auctor da cruel farça politica. Se D. Fernando buscava a noiva e o imperador, este por certo não deu mostras de o esperar em Bayona, onde o ambicioso principe chegou quasi só e onde ninguem o veio receber, senão quem lhe annunciou a sentença imperial de que «os Bourbons nunca mais reinariam em Hespanha».

Para dar força a esta triste affirmação viu, D. Fernando e os seus parciaes, partirem poucos dias depois, para Bayona, o principe da Paz, cuja liberdade Murat exigira; e, em seguida o velho rei, acompanhado de Maria Luiza: havendo Carlos IV protestado, antes da sua partida, contra o acto de abdicação que lhe fôra extorquido em Aranjuez.

Então cresceu a desordem dos espiritos, cresceu a fraqueza da patria, a que estava nominalmente entregue o governo, e cresceu ainda mais a impaciencia e a irritação do povo. Madrid estava envolto em cadeias pelos

invasores, estava sem força, sem defesa, sem prudencia tambem.

Em Bayona se deviam juntar os restos da real familia. Era preciso que em Hespanha não ficasse Bourbon algum.

D'este embate de opiniões, da colera impotente do povo e da fria crueldade dos francos, resultou uma sublevação, promptamente afogada em sangue, destroçada a ferro e fogo.

XXXV

O 2 de maio

A' lucta succedeu um curto periodo de apparente tranquillidade. Eu, que tinha andado na refrega, buscando, em vão, pôr em ordem os movimentos desconcertados e confusos dos paizanos, que pareciam correr a uma morte certa sem esperança de offenderem o inimigo; eu, quando vi entrar tudo em socego, corri ao convento de soror Thereza, onde a encontrei na igreja em oração, acompanhada da sua formosa pupila e de Consuelo. Estavam todas tres aterradas e, quando me viram, correram a mim para saber as novidades.

—Felizmente tudo parece socegado, agora—disse eu —Mas isto não vae durar muito. Os francezes aproveitarão a primeira occasião para nos aterrarem...

—E para saquear Madrid. E' isso que elles querem. O

ouro e a prata dos conventos excitam-lhes a cubiça—disse a prelada.

—Conte-nos tudo, capitão—acudiu D. Consuelo, com evidentes signaes de terror.

—Diga-nos como foi esta desgraça. Eu não tenho medo—interrompeu a bella Saturnina. E a sua voz, energica e pura contrastava com a da mulher do corregedor de Tenerife.

Contei tudo. O tumulto do povo á porta do palacio d'onde estavam a partir, para o captiveiro de Bayona, a rainha de Etruria e o infante D. Francisco; a descarga dada pelas tropas francezas contra o povo de Madrid, e revolta geral; a batalha nas ruas; a intervenção pacificadora da junta de governo nas treguas ordenadas por Murat.

—As tregoas não podem durar muito, porque não são sinceras—disse soror Thereza—Não podemos continuar aqui nem eu nem Saturnina. D. Consuelo quer ir comnosco tambem. Aqui tem, capitão, o necessario para dispor a nossa fuga esta madrugada—e deu-me uma bolsa de dinheiro—O capitão acompanha-nos, não é verdade? Aqui, em Madrid, é impossivel combater os invasores. Mas a Hespanha inteira se levantará em armas, e não faltarão campos de batalha onde o capitão sirva a patria e acrescente a sua fama.

Aqui o surdo ruido de uma descarga veio cortar a palavra da prelada. D. Consuelo caiu nos degraus do altar como em deliquio: a formosa pupila ergueu-se em sobresalto. Os dois olhos da formosa Saturnina lançaram chispas de reconcentrado fogo quando, energicamente, disse:

—Não podemos ir-nos. Combate-se aqui. Vá para o seu posto capitão.

Ia a sair já, quando entrou, pallido e tremulo um velho que logo reconheci. Era o marido de D. Consuelo, o antigo desembargador de Tenerife.

—Estamos perdidos—balbuciou o corregedor, entrando—perdidos de todo. Os francezes começaram a fuzilar na Porta do Sol os cidadãos pacificos. Está formado na casa de correios, um tribunal militar, um verdadeiro tribunal revolucionario, levam presos ali os cidadãos que encontram nas ruas e mesmo os que vão buscar ás casas, e, condemnados sem appelação, levam-n'os a fuzilar. Ai! justiça! justiça! Estamos perdidos, Consuelo. É preciso fugir... para França, onde está el-rei...

—Qual?—perguntou D. Consuelo.

—Que importa?... O rei de Hespanha—respondeu o velho. Está tudo preparado para fugirmos, logo que possa ser.

Deixando o corregedor e D. Consuelo entregues aos seus terrores e duvidas monarchicas, saí para me informar dos successos pavorosos de que fallara o velho juiz e para preparar a fuga das duas damas, que se haviam confiado á minha protecção.

Não tardou muito que eu visse, com os meus proprios olhos, os actos de inutil crueldade, de estupida e cobarde politica, dos invasores. Convencido de que a lucta em Madrid era impossivel; com a alma irritada pelo furor da vingança patriotica; sentindo em mim referver toda a paixão, todo o orgulho de verdadeiro hespanhol; seguro de que, de um a outro extremo da peninsula corria fremente o grito da patria desolada; temendo pelos dias preciosos e pela segurança da formosa donzella, que era já senhora do meu coração, corri a dispôr tudo para a nossa fuga de madrugada, sem a mim proprio confessar que sentia um grande alivio, ao pensar que D. Consuelo, a minha voluvel protectora, não iria comnosco, agora que estava sob a fragil protecção do seu velho marido.

A Hespanha não esquecerá nunca a lugubre e funesta noite de 2 de maio. Ao ruido das descargas homicidas succedia o silencio da morte, apenas interrompido pelos gritos de agonia das victimas d'aquellas horrendas heca-

tombes de patriotas innocentes, e pelos prantos do afflicto povo de Madrid.

Não era, porém, o terror que dominava os espiritos dos feros hespanhoes, era a colera e uma sede implacavel de sangue e de vingança.

Obtida uma licença para sairmos de Madrid e disposto um coxe para viagem, partimos de madrugada em direcção a Saragoça, onde a prelada e a sua pupilla deviam recolher-se n'um convento.

Conseguimos chegar, não sem difficuldade. As duas senhoras entraram no convento e eu parti para as provincias do norte, onde esperava encontrar tropas hespanholas, fieis á patria e dispostas a defendel-a.

A' despedida, um timido olhar da formosa creança, recompensou-me largamente dos meus breves serviços.

Uma palavra de Soror Thereza,—que parecia haver totalmente esquecido a scena do coxe, quando ambos voltavamos do Escurial para Madrid—lançou-me no coração vaga e inefavel esperança.

—Vá—me disse ella—Vá, capitão, defender a patria. Os interesses da Hespanha estão acima de tudo. Mas fique certo de que eu saberei recompensar os seus sacrificios... e Saturnina tambem.

XXXVI

Fraqueza de um pretendente

Em toda a Hespanha se agitava o povo, cego de raiva, transido de dôr, n'um paroxismo heroico de louco patriotismo. Declamando nas praças, correndo impotente ás armas, sacudindo por toda a parte o funebre facho da revolta, o povo da cidade e do campo não cuidava da propria vida, esquecia familia e haveres, para só pensar em tirar do estrangeiro inimigo uma vingança digna de uma nação orgulhosa, valente e nobre.

Os povos cultos denominaram, aquelle heroismo sobre-humano, guerra de barbaros. Não entenderam nunca o patriotismo, esses. Não sabem que o patriotismo é uma grande e nobre paixão; mas é paixão. É como um

amor sublime e zeloso. Não quer que toquem na que amam; não quer que a opprimam e deshonrem.

Nós, os d'essas raças d'aquem dos Pyrineos, temos um amor da patria que é facil de incendiar, mas que nada póde subjugar, nem mesmo a morte.

—Tem razão, meu general—accudio D. Facundo—Tem razão. A historia ahi está para o provar, em todos os tempos o provou... na Numancia, nos campos de Viriato.

—Pouco depois de chegar perto da fronteira, fui encarregado por uma junta revolucionaria de ir, com alguns centos de miqueletes, esperar o rei Fernando, que devia fugir de Bayona, auxiliado por homens conhecedores dos caminhos na montanha.

Esperámos em vão mais de dois dias; até que chegou um francez chamado João Barteau, que trazia noticia de que o principe recusava a fuga que lhe propunham e de que eram principaes agentes, dizia elle, uns francezes amigos da Hespanha e inimigos de Napoleão. Não esqueceu a Barteau, não de certo, em louvor do principe, dizer que em nome e por ordem de D. Fernando, haviam os conselheiros d'este recebido o dinheiro que os patriotas hespanhoes tinham mandado para preparar a fuga.

Affastando-nos da fronteira, abatidos por successo tão

desastroso, que nos fazia perder a esperança em principe tão pussilanime; tomámos o caminho das Asturias, onde havia rebentado a revolução e se achava já proclamada a independencia.

Durante a jornada foi-me o francez contando a ultima parte da triste comedia, principiada no Escurial, continuada em Aranjuez e concluida em Bayona. Comedia vergonhosa para Napoleão; humilhante para os principes hespanhoes; pobre no enredo; rica em miserias e baixezas; comedia em que a sorte de dois povos era friamente sacrificada á cubiça de um conquistador sem alma e ás ambições rivaes de um principe sem vergonha.

—Por singular acaso—dizia Barteau—eu assisti ás duas scenas terrivelmente grutescas, que decidiram, em Bayona, da sorte da Hespanha.

—Assistiu, como?—perguntei.

—Eu acompanhava D. Fernando, o rei pequeno, quando as scenas se deram—respondeu o francez.—Andava em tratos para a fuga do principe. Suppunha tel-o animado a praticar uma acção ousada, quando elle perdeu tristemente o animo e a corôa. Eu tive o pezar de perder toda a esperança.

—Conte-me como se passaram as cousas—perguntei, com curiosidade.

—Vou contar-lh'o em poucas palavras. É inutil saber-se com quem podem contar os hespanhoes na ardua empreza de salvarem a patria... Com D. Fernando não contem: digo-lh'o eu—concluiu o francez, baixando a voz.

XXXVII

Scenas de uma grande comedia

Andavam acezas as correspondencias entre o pae e o filho, sobre qual dos dois havia de ser o rei de um reino, que já não era nem d'um nem d'outro, sobre qual dos dois havia de cingir a corôa que ambos tinham perdido. Esta lucta tragico-burlesca, parecia divertir muito o imperador Napoleão, que a não tomava, no fim de tudo, indifferentemente. D. Fernando, que tirára a corôa ao pae no meio de um tumulto popular por elle preparado com a ajuda dos frades, sem pensar nunca nos direitos da nação nem nas cortes, escrevia agora a Carlos IV que lh'a não podia restituir sem o consentir a nação, representada em côrtes. O imperador começava já a achar longa de mais a scena ultima da comedia politica, que elle proprio havia preparado; e, por isso, julgou neces-

sario ferir com golpe violento, para apressar o desejado desenlace. Foi esta uma das causas, a principal talvez, do terrivel 2 de Maio em Madrid. As intenções do imperador foram excedidas por Murat, mas o effeito foi completo.

Napoleão, em cuja alma poderosamente ambiciosa, não dominava senão uma paixão: o desejo de imperar no mundo; Napoleão levou elle proprio a fatal nova ao velho Carlos IV e a Maria Luiza, persuadindo-os de que a lugubre tragedia de Madrid, tinha por causa unica a ambição de D. Fernando e as suas intrigas contra o pae e o poder francez, que lhe defendia a causa.

O velho ex-rei mandou chamar o filho á sala em que todos estavam reunidos.

Era ao cair da tarde. O rei e a rainha de Hespanha estavam sentados dos dois lados de uma larga meza dourada. O rei triste, abatido, alquebrado pela edade e ainda mais pelas magoas de uma alma sem energia, mas em que dominavam os affectos de um pae de familia. A rainha altiva, a boca espumante de raiva, a fronte contraida de rugas e assombrada por duros e espessos cabellos negros, os olhos cavos que derramavam sinistros clarões.

No alto da meza, sentado em larga poltrona, os vestidos modestos de soldado ondulando em largas pregas,

o corpo um tanto descaido e com uma magestade na qual se mostrava o cançaço das grandezas, o olhar profundo onde sobresaia a expressão do dominio mitigada pela expressão do despreso, a boca levemente contraida pelo asco e pela ironia, estava Buonaparte presidindo ao grutesco e repugnante tribunal.

Perante este tribunal de familia compareceu Fernando. Vinha pallido, convulso, transtornado pelo medo, como se uma inevitavel sentença de morte houvesse de ser preferida e applicada contra elle. O pae e a mãe pareciam dominados pelo furor: o filho por uma pussilaminidade vil e cobarde.

A este principe, que um tribunal extraordinario queria despojar da corôa usurpada, mas que a vontade do povo hespanhol fizera rei, nem se quer offereceram uma cadeira para sentar-se. Ficou de pé como um réu humilde.

No fundo da sala, em logar menos illuminado, eu e mais dois ou tres guardas, assistiamos á scena tenebrosa. Ao vermos D. Fernando, nós os que sympathisavamos com a sua causa sentimos fría indignação. O principe da Paz, que se escondia por detraz de nós, fez um gesto de triumpho. Era o inimigo vencido diante de um juiz estrangeiro. — Que importava a Hespanha?

Ao entrar o filho, Carlos IV fez um gesto de indignação e soltou contra elle uma violenta accusação de traidor, de parricida, e lançou-lhe as culpas dos successos de 2 de maio, accusou-o de haver provocado a morte de tantos innocentes, mortos por elle que o não merecia, e, por fim, intimou-o a que largasse a corôa usurpada.

—A corôa é minha e não tua, malvado. Tiraste-m'a pela violencia, pela violencia a vais restituir a teu pae. As tuas mãos gotejam sangue e não podem tocar, sem sacrilegio, na corôa de S. Fernando. Restitue a corôa que me roubaste, senão declarar-te-hei usurpador, traidor, e terás castigo como mereces e os teus vis amigos tambem.

E o velho, cego de raiva, poz-se de pé, como para maltratar o filho, que tremia, balbuciando palavras incoherentes.

N'esta occasião, Maria Luiza poz-se de pé tambem, como uma furia, os punhos cerrados, e a velha boca cheia de doestos.

—A corôa! A corôa! —clamava ella—A corôa que nos roubaste, filho indigno, deshonra da humanidade. Queremos salvar a Hespanha da tua perfidia sanguinaria. Serias o algoz da patria se algum dia chegasses a reinar. Não. Não póde ser.

E voltando-se para o imperador, a transtornada velha gritava, como uma possessa, estendendo os braços descarnados.

— Salve Vossa Magestade a Hespanha de um novo flagello. Basta já o de 2 de maio, que este usurpador causou. Salve Vossa Magestade a Hespanha. Um patibulo é que este criminoso merece.

Napoleão fez um gesto involuntario de indignação ao ouvir estas palavras de uma rainha e mãe. Reportando-se, porém, e com um gesto solemne e uma voz que fazia tremer, disse com severidade e ironia:

— Soceguem Vossas Magestades. O principe restituirá a corôa usurpada a el-rei seu pae.

Terror supersticioso se apoderou do medroso principe, e, sem hesitar mais, prometteu abdicar... sem cortes, como antes exigia com extemporaneos escrupulos.

— Agora torna a ser rei o velho D. Carlos?! — exclamei eu.

— Não — respondeu, rindo, o francez — Não. Carlos IV já na vespera cedêra a coroa a Napoleão. Tudo isto era uma farça e nada mais.

— A Hespanha já não tem rei Bourbon — proseguiu o francez — A dynastia é outra agora, e não póde ser senão da familia Buonaparte. Quasi ao mesmo tempo par-

tiam de Bayona duas proclamações. Uma, escripta pelo tonto de Escoiquiz, diz ao povo hespanhol «que esteja socegado, esperando as sabias medidas que Napoleão haja de tomar.» Outra, redigida pelo principe da Paz, diz ao mesmo povo hespanhol «que não ha para elle prosperidade nem salvação senão na amisade do grande imperador seu alliado.» Bem vê D. Santiago que todos estão de accordo.

— Menos o povo, que não tomará conselho senão das armas e do patriotismo. Bem vê o movimento de enthusiasmo que por toda a parte se desenvolve.

— Mas sem chefes! — exclamou o francez.

— Cada um de nós será chefe. Em cada aldeia haverá uma junta de defeza, em cada homem um soldado e um general.

XXXVIII

Heroica sublevação hespanhola

— Os chefes naturaes da Hespanha abandonaram a causa da patria, abdicaram a corôa em Napoleão e foram mandados para dourados desterros, depois de cuidarem carinhosamente das pensões que haviam de receber, em recompensa da comedia vergonhosa representada em Bayona.

O povo ficou só, livre de quem lhe tolhesse os movimentos; em breve tudo estava armado, e declarava, — elle, pobre, extenuado de fome e quasi nú, — a guerra ao poderoso imperador francez, de quem os monarchas da Europa tremiam.

De toda a parte se levantavam gritos de guerra. Do norte ao sul a Hespanha estremecia toda, agitada pelo furor da vingança, excitada pelo amor da patria.

Era urgente que não ficassem abandonadas ás proprias forças, sós, com as armas na mão, as provincias do norte.

Parti para Sevilha, mandado pela heroica junta da Asturia.

Quando cheguei á capital da Andaluzia, estava a cidade, que já conhecia as terriveis catastrophes do 2 de Maio, profundamente commovida. Por toda a parte corriam homens armados, em cujos gestos e palavras descompostas se divisava a colera, o desejo de vingança, o tumultuar das paixões mais energicas e poderosas.

N'um largo, ao pé da torre *del Oro*, de pé sobre um marco de pedra, um homem do povo excitava o povo á revolta; e o povo, a quem os gestos e a eloquencia andaluza do orador enthusiasmavam até á loucura, bradava e rogava pragas sem conto, como se as suas vozes houvessem de fulminar os inimigos da patria.

Muitas palavras e poucos factos, á maneira andaluza. Fogo de palha!

O orador popular era um contrabandista desordeiro, chamado o Tap. A sua popularidade de momento era evidente. Convinha aproveital-a, mas não o deixar medrar, porque isso seria perigoso.

Depois de me informar do estado das cousas, tomei

o conselho de um prudente membro do *ajuntamento* e assentamos ambos, que o mais seguro modo de combater a popularidade de Tap era a rivalidade de outro *chulo* de alta classe, que tambem andava excitando o povo á revolta.

Procurei pois o conde de Tilly, o chulo fidalgo, e encontrei-o furioso contra o seu rival, o contrabandista Tap, mas ainda com elle associado! No dia da Ascenção rebentou a sublevação em Sevilha. Tap, foi o escolhido para nomear a junta suprema. Entre os membros nomeados, dois, traiçoeiramente denunciados, desagradaram á multidão.

Levantou-se grande alarido contra estes e contra Tap; provocando a desordem o proprio Tilly, que antes era o companheiro do contrabandista e que lhe lembrara os nomes que haviam excitado a colera do povo. Tilly aproveitou a occorrencia e Tap passou do auge da popularidade para a cadeia, onde por muitos mezes jazeu.

Scenas eguaes se repetiram em muitas partes.

— Nada mais perigoso do que a popularidade — exclamou o general sentenciosamente. — Eu sempre a evitei cuidadosamente. Nunca fugi do inimigo. Da popularidade, sempre. Tenho medo d'ella.

Como para remir os actos de feroz barbaridade, com-

mettidos em diversas cidades da Hespanha, actos de inaudito valor e de heroico patriotismo se praticaram por toda a parte. De uns e outros não tenho que fallar agora. Todos os conhecem e admiram. Vou contar apenas os que á minha historia se referem.

Entre os feitos prodigiosos de heroismo, de que se gloriava o povo hespanhol, tinha o primeiro logar a defeza de Saragoça. Contavam-se prodigios d'esta cidade indefeza, onde o patriotismo soube oppor á furia e arte da guerra dos soldados de Napoleão, a firmeza e energia de um povo inteiro, e soube conseguir o que os exercitos aguerridos da Europa não haviam nunca alcançado.

Ouvindo a historia maravilhosa eu sentia pungir-me a mais cruciante angustia, por não saber novas de Soror Thereza e da formosa Saturnina. Quando estava na mais cruel incerteza e sentia crescer em mim, com a ausencia e o perigo, um sentimento vivissimo de attracção para a formosa menina que vira apenas alguns instantes em duas memoraveis occasiões, fui eu, pelos vaivens da guerra, levado á Catalunha.

Nova Saragoça, a cidade de Gerona era theatro então de conflictos diarios, cercada e combatida por um exercito inimigo, defendida por uma população heroica, governada por um general, inflexivel e intemerato.

O cerco durava havia mezes: os ataques haviam sido energicamente repellidos. Aos que commandavam as sortidas e perguntavam ao governador para onde se retirariam se fossem batidos, respondia o energico D. Marianno Alvarez «*ao cimiterio.*» E ninguem ousava oppor-lhe objecção alguma.

A fome e a doença iam sem piedade, rareando as fileiras dos defensores de Gerona. Alvarez não dobrava a cerviz aos pesados golpes da sorte. A um official, menos energico que, n'um conselho ousou fallar de capitulação, Alvarez, disse · «Como! Não ha aqui senão um cobarde! Quando de todo faltarem os viveres comeremos, por comer, a este e aos da sua egualha, e depois pensaremos no que ha a fazer.»

N'aquelle memoravel sitio de Gerona, as mulheres eram tão heroicas como os homens. Isto explica tudo.

XXXIX

A freira moribunda e o noivado de Calavera

Tratava-se de introduzir na cidade um comboyo de viveres. Uma columna de tropa commandada por O' Donell, um valente general, acompanhava o comboyo salvador. Atacado pelos francezes, não se poude conseguir o desejado fim e apenas algumas cargas penetraram na cidade, acompanhadas de um pequeno destacamento, á frente do qual ia eu.

Nas ruas esperava-nos o povo faminto. Mulheres e creanças sobretudo. As mulheres com um porte quasi militar, pareciam promptas para o combate. Entre as que nos esperavam, duas me chamaram a attenção. Eram estas, Soror Thereza e a encantadora Saturnina.

A prelada havia perdido muito de suas fórmas esplendidas, da lindeza e magestade de sua formosura. Havia

emmagrecido, estava desfeita e macerada; no rosto a pallidez da morte; nos olhos um fulgor sobrenatural; desordenados os cabellos onde se divisavam innumeros fios de prata. Já não era a grandiosa Juno do Escurial; era uma Niobe dilacerada pelas angustias do amor maternal.

Saturnina, ao contrario, estava mais bella do que nunca. Soberbo o gesto; arrogante o porte; erguida a cabeça. Ligeiramente pallida; dos olhos parecia que lhe saíam chispas de luz. Os cabellos quasi soltos assombravam-lhe a fronte alva e polida. No gracioso e ligeiro das formas era uma Diana: no gesto guerreiro uma Bellone affeita ás batalhas.

Quando me viram, a prelada e Saturnina, correram a mim. A formosa pupilla lançou-se-me nos braços com indisivel candura.

Já não era a soberba guerreira: era agora um anjo de inefavel doçura, cujos membros tinham uma flexibilidade morbida, em que se podiam admirar todas as bellezas da curva escultural.

—Bravo!—não poude deixar de exclamar D. Fernando com ironia.—O general está poetico como um namorado em crise.

—Tambem fui poeta quando era moço. Quem o não

foi alguma vez? Quando me lembram os tempos passados, sinto-me enamorado... de Saturnina—respondeu Calavera com certa hesitação.

—Ainda bem—concluiu o bom padre Serapião—A senhora D. Saturnina tudo merece.

O general, com a sua velha presumpção de militar pouco dado ao sentimentalismo e aspirando ainda, em theoria, ás aventuras amorosas, não gostou das interrupções e gostou ainda menos que lhe descobrissem os segredos do coração, namorado ainda da sua propria mulher.

Para disfarçar não respondeu e continuou a sua historia aventurosa.

—A prelada disse-me com voz cava e tremula, que, ao cair da tarde a fosse procurar ao convento, em que estava recolhida.

Era ao anoitecer de um dia de inverno, triste e frio. A sala onde a prelada me recebeu era apenas alumiada por estreita janella de rotula e uma lampadasinha, que ardia com luz murtiça diante de um oratorio, onde resplandia um christo de marfim sobre cruz negra. O aspecto era lugubre como o de camara mortuaria, mas era ainda mais luguhre o aspecto de soror Thereza encostada sobre almofadas n'uma pobre cadeira de páo. A pobre frei-

ra parecia agonisante; tão palido e domudado estava o rosto, tão amortecidos estavam os olhos, tão angustiado era o gesto com que apertava nas mãos um crucifixo de prata! Saturnina estava de pé ao lado da sua protectora e lagrimas de viva dôr lhe marejavam dos olhos purissimos.

—Venha aqui, capitão—disse soror Thereza com voz amortecida.

Obdeci respeitosamente.

—Não sei o que Deus disporá de mim, mas sinto que pouco me resta de vida... e essa é para a dar á patria que a quero. Permitta-me nossa senhora que eu me possa ir arrastando até acabar este flagello da guerra, que opprime a patria.

Busquei dizer-lhe algumas palavras para a animar.

—É inutil—acudiu ella, interrompendo-me.—Eu bem me sinto. Se não fosse o espirito e o amor de Deus, que me animam já tinha morrido de fome e de doença, como tantos outros que valem mais do que eu. Mas graças á Providencia que não morro...sem lhe recommendar esta infeliz innocente... que não tem ninguem... que ficará só no mundo.

—Só!—clamou Saturnina, juntando as mãos com profunda tristeza e abatimento.

—Só, não—acudi eu—Emquanto Deus me der vida serei sempre o escravo submisso e dedicado d'este anjo.

—Louvado seja Deus!—disse a freira estendendo-me a mão que eu beijei com fervor—Saturnina tem pae... era melhor que o não tivesse... Os segredos d'elle não os posso dizer. É orfã... é como se o fôra... Se um dia seu pae a buscar... o que Deus não permitta... entreguem-lhe esta cruz que tenho nas mãos, e que elle deu á filha, ao separar-se d'ella... entreguem-lh'a e digam-lhe que fui eu que os uni... que os não separe... nunca...

Ao dizer estas palavras a enferma perdeu os sentidos e ficou inerte e livida,como se houvesse exalado o ultimo suspiro.

XL

A queda do governo—O poder da liberdade

A fóme ia consumindo a população e, com a fome, as enfermidades se multiplicavam cada vez mais. Os hospitaes não podiam conter os doentes. Gerona agonisava.

Os gemidos, de todos os lados, se erguiam em côro doloroso. A morte, com mão desapiedada, ceifava os tristes e já desalentados defensores da heroica cidade. D. Mariano Alvarez parecia haver consubstanciado em si toda a energia de um povo, e Alvarez não queria render-se nem ás armas francezas, nem á fome implacavel, nem á despiedada morte. Por fim uma suprema calamidade veio juntar-se a tantas outras. O governador caiu prostrado por atroz enfermidade, e, com elle, caiu Gerona.

Quasi moribundo, prisioneiro dos francezes, o heroico

defensor de Gerona foi assassinado, dizem, por ordem do governo francez.

— Isso não pode ser verdade — interrompi eu, indignado.

— Não póde!?.. — respondeu D. Facundo. — Tudo pode ser. O povo francez é nobre, generoso, heroico muitas vezes. Mas uma das desgraças dos povos é terem a responsabilidade dos actos ineptos ou crueis d'aquelles que os governam.

— Rendida Gerona pela fóme — proseguiu Calavera — busquei transportar, com os necessarios cuidados, Soror Thereza, apenas convalescente e a sua formosa pupila, ao mais proximo porto de mar; donde partiram, quando foi possivel, para Tenerife. A' despedida, a prelada reiterou-me as recommendações, que já me havia anteriormente feito, e, pondo na minha a branca mão de Saturnina, uniu-nos na mesma benção.

Quando vi partir a minha noiva, levada pela brisa sobre as aguas do mar, senti-me só e como abandonado sobre a terra de Hespanha. Busquei tomar animo: lembrei-me que a patria precisava de todos os seus filhos; que os exercitos castelhanos precisavam... da espada do general Calavera y Cursi.... e corri aos combates...

Estas palavras declamou-as o general em tom quixo-

tesco, que fez assomar o rizo mesmo aos labios do funebre padre Sarapião.

—Para que hei de eu lembrar aqui—proseguiu o narrador fanfarrão — todos os actos heroicos que pratiquei? Contar a minha é contar a historia da guerra da Peninsula e os meus hospedes bem a conhecem.

Depois de mil combates, cuja memoria os francezes conservam, vim ter á formosa Cadiz, onde estavam reunidas as côrtes. Eram animadas as discussões, profundo e energico espirito de liberdade excitava todos os animos. Ao mesmo tempo, porem, ferviam as intrigas, irrompiam as ambições, tramavam-se as conspirações e tudo parecia trabalhar para o enfraquecimento de Hespanha em face dos perigos da guerra que recrescia.

N'unca porém o poder da liberdade se mostrou mais invencivel. Intrigas, ambições, conspirações, perigos de uma guerra desegual contra o primeiro poder militar do mundo... tudo a liberdade venceu.

O Estado sem chefe ; sem governo o povo ; o exercito sem organisação; sem pão, sem armas; tudo, pela liberdade, rebustecida com o amor da patria, foi sem effeito na guerra santa da independencia.

Os heroes de hoje tornavam-se os conspiradores do dia seguinte : os que se diziam os defensores do throno

eram os maiores inimigos dos patriotas, que lidavam no campo da batalha e no parlamento; a liberdade, porem, vencia e os estrangeiros perdiam, de dia para dia, o que haviam ganho nas vergonhosas conferencias de Bayona.

Todos celebram hoje as faceis victorias ganhas durante a paz em incruentas luctas parlamentares. A verdade, porem, é que nunca houve esforço mais heroico para conquistar a liberdade do que o das côrtes de Cadiz.

Como sempre — proseguiu Calavera — formaram-se em Hespanha dois partidos: o partido dos reformadores; o partido dos anti-reformadores. Os primeiros queriam a liberdade: os segundos a velha monarchia absoluta. Aos primeiros faltava um chefe: os segundos tinham um chefe que traíra a causa da patria em Bayona, que estava prisioneiro em Velencey e representava só as ideas velhas, os abusos de todo o genero e a odiosa Inquisição. Estas divisões deploraveis, em face do inimigo, originaram a intolerancia politica... a mais fatal e a mais estupida das paixões.

O medico inglez, que parecia quasi dormir, animou-se e exclamou, ao ouvir aquella phrase do general.

— E' verdade... tem razão, general. A intolerancia

é a mais evidente manifestação de irracionalidade, que o homem pode dar. E' uma paixão de selvagens. A intolerancia mata todas as ideias politicas e religiosas. A primeira republica franceza morreu afogada em sangue, derramado pela intolerancia. A religião catholica foi queimada nas fogueiras da Inquisição.

Um grunhido de desaprovação, do cura Serapião, interrompeu o imprudente inglez.

XLI

Perplexidade dos liberaes

As intrigas cada vez eram mais numerosas e mais ousadas. Os homens contrarios ás reformas andavam buscando uma cabeça para lhe pôrem a corôa de Hespanha. Os adversarios deixavam medrar os absolutistas.

Luctas diarias se travavam nas côrtes e fóra d'ellas. A regencia não tinha forças e mudava com frequencia, conforme os vaivens da fortuna e da politica.

Eu andava exaltado, apaixonado, enthusiasmado pelas ideias de liberdade e de reforma novas. Até que n'um dia memoravel de março de 1812, a constituição foi jurada em Côrtes, com o applauso de todos os liberaes e a indignação de todos os absolutistas.

A guerra proseguia sempre, pouco favoravel ás armas hespanholas, apesar do vigor da defeza, da tenaz e he-

roica pertinacia do povo. Dessiminada, empobrecida, mas não desanimada nem abatida, a população por toda a parte se derramava em guerrilhas, se escondia armada pelos bosques, pelas serras, pelas anfractuosidades dos valles, para combater o invasor estrangeiro. A palavra magica «liberdade» havia-lhe dado novas forças.

Uma cousa perturbava o espirito dos patriotas: a desconfiança de que o rei Fernando quizesse acceitar a constituição e reinar pela liberdade e com a liberdade. Os anti-reformadores, que parecia estarem nos segredos do rei, conspiravam contra a nova ordem de coisas e, por toda a parte, clamavam que Fernando VII odiava a constituição e os liberaes, que era um rei absoluto que só acceitaria a coroa para dar maior vigor ao throno e ao altar.

Em situação tão precaria muitos pensavam em firmar no throno o rei José, o rei intruso, irmão de Napoleão; e só contra esta opinião militava a politica insensata do imperador, que dera a José um governo incompleto, que depois lhe queria tirar para pôr na propria fronte a corôa de Hespanha, quando isso lhe conviesse: por esta forma buscava elle manter uma tuturia humilhante sobre um monarcha fingido, que não passava de ser um delegado seu, com menos poderes do que os de Murat.

Formava-se uma vasta conspiração em sociedades secretas, para resistir ao dominio estrangeiro e á liga dos anti-liberaes. Faltava, porem, um principio, um laço de união, um grito de guerra, um centro em volta do qual se juntassem as forças vivas da nação. Muitos tinham a grata esperança de que Fernando VII, por quem a nação combatera, a não abandonaria no momento da victoria, como na hora do perigo não havia querido juntar-se a ella; tinham muitos a esperança de que Fernando VII não ousaria opprimir a liberdade de quem ia receber a corôa, independente e gloriosa. Os que estavam disilludidos, como eu... e aqui o general baixou a voz — viam uma esperança na possibilidade de uma republica.

— São sempre os reis — acudiu D. Facundo — que provocam essas ideias revolucionarias. Não se desenganam elles que a sua força está na nação e não na tradição, e que a nação só é forte quando é livre.

— Em volta dos pobres reis cerra-se um véo espesso de lisongeiros e cobiçosos... e de ineptos tambem, que lhes não deixam ver a luz, a verdade... Creem que a liberdade é inimiga d'elles, quando deve esta ser a sua melhor alliada —, disse sentenciosamente o general.

—Os liberaes tem grande culpa d'essa funesta illusão. São elles que os persuadem de que as suas doutrinas são os mais irreconciliaveis inimigos dos reis... — acudiu o dr. Wearisome.

— E' porque — observou D. Facundo — os tontos e os cubiçosos não estão todos junto do throno.

— Seja como fôr — proseguiu o general — é certo que a ideia republicana difficilmente lavrava no povo hespanhol: e quando Fernando VII entrou em Hespanha, mandado por Napoleão como flagello, para castigo da nobre nação que lhe soubera resistir, a nova ideia tinha poucos proselitos. Assim mesmo fazia sombra ao novo rei, que entrava na Hespanha com os emigrados; os quaes, como todos os emigrados, eram totalmente estranhos ás ideias liberaes da nação como o haviam sido a todos os sacrificios. Não tardou que todos se desenganassem, quando viram D. Fernando recusar-se a jurar a constituição, cobrindo a patria, que tão heroicamente acabava de defender-se e de recobrar a independencia, — de victimas innocentes de uma tyrannia e obscurantismo estupido.

As côrtes foram encerradas, os seus actos solemnes condemnados pelo rei. As prisões encheram-se de nobres patriotas.

A entrada de Fernando VII em Madrid foi como um novo 2 de maio; tão cruel mas ainda mais cobarde do que o primeiro.

XLII

Protecção da prima Consuelo

Appareceu por este tempo um francez, que chamou a attenção de quantos, professando em publico ideias liberaes, nutriam em segredo esperanças de as assegurar, constituindo a Hespanha em republica. Viam estes provada a incompatibilidade da restauração de Fernando VII e da conservação da liberdade e, por outro lado, repugnava-lhes sacrificar a patria ao dominio de um estrangeiro e, demais, irmão do poderoso tyrano de França e oppressor da Europa. N'esta situação aspiravam á republica. Esta ideia lisongeava tambem o espirito separatista das provincias hespanholas que, por tantos seculos, formaram reinos distinctos e independentes.

O francez dizia ser general e chamava-se Luiz Audinot: accrescentava que vinha buscar, em Hespanha, a li-

berdade que a França perdera, por mão de um conquistador glorioso. Todas as sociedades secretas se deixaram enganar pelas declarações apaixonadas de Audinot. Eu e muitos militares entramos em conspiração patriotica, de que o general francez parecia ser o centro activo, apoiado pelos republicanos de França.

Um dia encontrei-me com Luiz Audinot. Qual foi o meu pasmo quando vi que elle era um impostor, que eu havia muito conhecia.

Audinot, o general, era o mesmo João Barteau, que eu encontrara na fronteira, quando estava á espera de Fernando VII, era o mesmo que me contára as vergonhosas scenas de Bayona.

Depois de ficar um tanto desconcertado, ao ver-me, João Barteau apertou-me as mãos com simulada effusão: exclamando para que os presentes ouvissem todos.

—Que prazer tenho em o tornar a ver, general — Eu então era já general—Depois de tão longa e penosa guerra, de tantos perigos, de tantas batalhas, é dupla alegria ver um amigo vivo ainda, feliz, coberto de gloria.

Correspondi ás felicitações.

Baixando então a voz, o francez disse-me :

— Não diga quando nos conhecemos. Quero fallar-lhe a sós: tenho que lhe dizer.

Minutos depois estavamos um com outro, em minha casa.

— Que me quer... general Audinot?—perguntei eu em tom ironico.

— Deixemos isso — interrompeu elle, que entendeu as minhas disposições. — Eu quero ser-lhe util e é preciso que me seja util tambem.

— Estou prompto... para tudo — respondi.

— Para tudo, talvez não. Para guardar os meus segredos, sim. E isso basta.

Fiz um signal de assentimento e sentamo-nos ambos ao lado nm do outro.

— Lembra-se de quando nos encontramos, e sabe qual é o meu verdadeiro nome. Mas o que não sabe, general, é o motivo porque eu me interesso vivamente por si... Somos quasi parentes.

Olhei para elle com espanto e murmurei.

— Parentes!..

— Vai entender já. Oiça. Estou casado de ha pouco com sua prima D. Consuelo, a qual ha poucos mezes enviuvou. Consuelo, diz ella, protegeu-o muito em Tenerife, onde o general Calavera praticou feitos heroicos contra o grande Nelson.

Eu estava pasmado d'este parente inesperado, que me

apparecia agora, com a viuva do corregedor, a minha ingrata Consuelo. Respeitando a phantasia da voluvel dama, perguntei ao falso general Audinot, com interesse:

— E como está a minha formosa... prima Consuelo?

— Boa. Deixei-a bem em Valencey, onde é a companheira, a favorita, a conselheira de Fernando VII.

— Ainda bem que el-rei tem tão boa conselheira.

— E' verdade. Foi ella quem aconselhou ao rei o tratado com Napoleão.

— Que tratado? — perguntei.

— O tratado assignado em Valencey entre D. Fernando e Napoleão, e que valeu ao rei a liberdade e a corôa.

— E D. Consuelo...

— Consuelo foi o agente principal das negociações com Mr. de Laforest. Foi tambem Consuelo quem aconselhou o rei a soffocar, em quanto era tempo, os tramas dos republicanos e jacobinos...

— Mas isso é horrivel! — exclamei eu. — Sacrificar a patria e punir os que a defendem.

— Sacrificar a patria, não; porque D. Fernando acceitou o tratado com a intenção de o dar por nullo ao

voltar a Hespanha, como claramente o mandou dizer á Regencia. Punir os defensores da patria !.. Pois esses não forão os frades, os amigos fieis do throno e do altar ! ?.. — Consuelo é um grande politico, um conselheiro, que sabe ter em conta todos os interesses... d'el-rei e da boa causa...

Ia para dar soltas á minha indignação, quando o francez me interrompeu, dizendo-me :

— Calle-se, general. Por pensar assim é que eu lhe quero revelar o meu segredo.

— O seu segredo ! Bem o conheço — disse eu — Bem sei quaes são as suas ideias republicanas... o que vem fazer a Hespanha... O que eu não sei explicar, é o que acabo de lhe ouvir agora. Estou pasmado !

— Os homens mudam e a experiencia para alguma cousa serve... para alguma cousa lhe deve servir tambem, Sr. Calavera.

— Então ?..

— Já fui republicano — respondeu Audinot — quando isso me convinha... em França. Agora sirvo a realeza. Um governo serio, que ha de um dia triumphar em França e aqui tambem.

— Todos aqui o tomam por um agente... dos jacobinos, sr. Audinot.

— Nunca viu caçar perdizes, aqui em Hespanha? — acudiu o francez — Um bom chamariz tem muito valor. E' preciso que as perdizes vejam que é outra perdiz que as chama. Apanham-se todas assim. E' preciso que os jacobinos creiam que eu sou jacobino como elles... para acudirem ao chamariz. Agora ja entende tudo. E' necessario guardar-me o segredo: sou eu quem lhe salvo a vida... Não venha ao chamariz e deixe vir os outros. A protecção de Consuelo ainda dura.

— Pois eu hei-de trair os meus companheiros? disse eu.

— Ninguem os pode salvar... da colera de D. Fernando e da ira da egreja. Fuja. Fuja de Hespanha quanto antes, para se livrar de tentações. Consuelo manda-lhe meios para fugir... para que se não perca na fuga, para que o não accusem. Manda-lhe dinheiro e esta ordem de Fernando VII.

Dizendo-me estas palavras, Audinot deu-me uma bolsa de dobrões de ouro e uma ordem do rei para ir governar Tenerife.

A minha alma sentiu inefavel alegria com a ideia de tornar a vêr a formosa, a angelica Saturnina.

XLIII

O segredo da freira

O novo governador de Tenerife foi triumphalmente recebido em Santa Cruz. Segunda vez me vi acclamado nas ruas da cidade, onde começára a minha carreira militar.

As authoridades, nomeadas pela Regencia, acceitaram sem difficuldade o meu governo. Todos eram realistas e viam com alegria a proxima restauração de Fernando VII. Os numerosos emigrados que, do sul da Hespanha, tinham vindo buscar, nas Canarias, um refugio, viram na minha chegada o annuncio da sua volta á casa e á familia abandonada.

Concluidas as festas e a recepção official, busquei saber onde estava soror Theresa e vim procural-a a esta propria casa, para onde se havia retirado.

Grande foi a alegria da trista enferma, e da sua graciosa pupila, ao verem-me, quando menos o esperavam. A doença da prelada não melhorára, apesar da acção benefica do clima e dos cuidados de Saturnina. Estava no jardim, aspirando a custo o ar puro e perfumado pelas flôres; alva como estatua de marmore, abatida, triste, e de uma magreza de metter medo. Ao ver-me sobresaltou-se, fez um ligeiro gesto de alegria, estendendo-me a mão descarnada; ligeirissimo rubor lhe illuminou as faces, pallido sorriso lhe vagueou nos labios; e nos olhos brilharam-lhe furtivas lagrimas de ternura.

— Soror Thereza! — exclamei, beijando-lhe a fria mão. — Soror Thereza! Saturnina!.. como estão?

— Eu?.. moribunda, como vê. O meu anjo da guarda bom... Boa como sempre — murmurou a prelada.

— Minha pobre... madrinha! — exclamou Saturnina chorando e dando na freira um beijo ternissimo.

— Não chores... filha. E' a vontade de Deus.

E depois de uma pausa, proseguiu.

— Já sei que veio para aqui como governador... mandado por el-rei... Deus seja louvado, que o livrou de ser um d'esses impios jacobinos, inimigos do throno e do altar... da nossa santa religião.

— Soror Thereza — disse eu — em tudo quanto lhe disseram das cousas de Hespanha ha muita falsidade e muita calumnia,

— Que diz ? ! — perguntou a prelada, animando-se.

— A verdade — respondi — Soror Thereza, a piedosa e boa soror Thereza não pode querer senão a verdade. Os que fugiram dos perigos da guerra, chamam aos defensores da patria jacobinos. Os que ganham com a conservação das velhas ideias,chamam aos reformadores inimigos da religião.

A prelada, ao ouvir-me estas palavras, mudou de expressão, fixou em mim os olhos amortecidos e disse:

— Talvez seja verdade... Na defeza da patria os hespanhoes foram heroicos... e muitos abusos deviam acabar... Mas imitar as blasphemeas e os sacrilegios da revolução franceza, isso não... isso é que uma nação catholica não podia fazer.

Para não exaltar a doente, calei-me. Depois de curto silencio disse com sincero interesse.

— Conte-me tudo. Diga-me como está, Soror Thereza.

— Vou consumindo estes ultimos alentos, que Nossa Senhora me concede ainda: até que Deus me chame para si. A ultima felicidade que na terra podia esperar ainda

é esta de os ver juntos ao pé de mim, o general e Saturnina. Saturnina terá um protector... digno d'ella. Espero... que não tarde ahi o pai de minha querida Saturnina. Agora que o general Calavera governa em Tenerife... não haverá perigo para elle. E' uma consolação... para os seus peccados. A desgraça servir-lhe-ha de remissão.

E como Saturnina fazia um gesto anciosa, a prelada accrescentou:

— Não te afflijas filha. Em breve saberás o teu segredo. Prepara a alma... para perdoar e seres boa filha...

— Sim. Boa filha, saberei sel-o — exclamou a pobre menina. — Meu pae, para mim... será meu pae.

— Assim devem sentir as filhas. As filhas não são para julgar as acções dos paes... são para amal-os. Se teu pae, Saturnina, cometteu erros, foi a fortuna que lh'os fez praticar. Outros os commetteram com elle; e d'esses é a principal culpa. Deus perdoa tudo .. Os que estão para morrer tambem perdoam.

A voz de Soror Thereza era tão triste e estava tão desfallecida ao dizer estas palavras, que me senti profundamente impressionado.

O que era este funesto segredo?

O que havia de commum entre o segredo e a moribunda freira?

XLIV

Reapparece o principe da paz e descobre-se o segredo

Poucos dias depois fui chamado á pressa a Guimar. Corri assustado; julgando que estaria peior a doente.

Fui introduzido em casa pela porta da quinta, que estava apenas cerrada; atravessando a alameda sombria, entrei na sala que, ao cahir da tarde, estava escura e triste.

Vendo Soror Thereza, sentada ao pé da janella, tive inesperada alegria, porque vinha pensando achal-a morta.

Vendo a minha alegria, a freira disse:

— O que receiava, general, ainda não succedeu. Ainda estou viva.

Desviei os olhos da prelada para buscar a que eu cha-

mava a minha noiva, e vi-a escondida na sombra, fallando baixo com um homem.

Seguindo-me o movimento do olhos a prelada murmurou com voz sumida:

— E' o segredo de Saturnina... É seu pae...

Fixei a attenção e vi,um pouco mudado pelos annos e pelas angustias de uma vida atribulada, mas sempre o mesmo no gesto orgulhoso e na expressão leviana, o principe da Paz.

A minha curiosidade ficou vivamente excitada.

— Saturnina... filha... — chamou a freira. — Aqui está quem esperavamos.

Saturnina de las Angustias aproximou-se então com o sorriso nos labios: com ella se acercou tambem de nós o principe da Paz.

— Ah !—exclamou este—O capitão Calavera, a quem devo a vida! Lembra-se de mim capitão?

— Lembro-me muito bem principe; — respondi.

Cortando-me a palavra, a freira acudiu logo.

— Esquecia-me apresental-os um ao outro, perdoe-me general. Rogo ao sr. governador de Tenerife que tome sob a sua protecção o sr. D. Manuel Mareos de los Mareos, que veio agora aqui para...

— É verdade... Mareos de los Mareos é o meu nome

agora... general—acudiu precipitadamente Godoy, com expressão de amargo desdem.

— Não pensemos no passado, D. Manuel—disse soror Thereza. — O passado morreu para tudo e para todos nós. Pensemos agora no futuro de... d'este anjo. Só por isso... nos poderiamos ver juntos... aqui.

Voltando-se para mim, Godoy disse-me com a sua natural leviandade.

— Vim aqui, vim de muito longe para cumprir o meu dever de pae... Já vê que começo a ganhar o ceu. Venho entregar minha filha Saturnina a um marido... zeloso...

— Digno d'ella—interrompeu a prelada, visivelmente indignada do tom zombeteiro em que fallava o leviano Godoy de tão grave assumpto.—O general Calavera póde fazer a felicidade de Saturnina: e Saturnina fará a felicidade do general. É boa a minha... Saturnina.

E poz na minha mão a mão da minha noiva.

— Aqui tem a sua noiva—proseguiu.—Com auctorisação de seu pae lhe confio, general, a minha... Saturnina.

Ajoelhei e beijei respeitosamente a mão de soror Thereza; e aquella mão descarnada e antes tão bella, passou carinhosa nos meus cabellos, como havia passado annos

antes quando vinhamos do Escurial no coxe da rainha.

— Seja Deus louvado — exclamou ella. — Ja posso morrer em paz.

— E minha mãe!?... —perguntou Saturnina com angustia.

— Tua mãe!... Conhecel-a-has quando eu morrer— respondeu tristemente a prelada, cubrindo Saturnina de beijos e lagrimas.

A' noite fui á pressa chamado ao quarto de soror Thereza. A enferma jazia agonizante no leito da dôr. De joelhos junto do leito estava Saturnina, quasi tão pallida como a moribunda, lavada em lagrimas, postas as mãos supplicantes como absorvida n'uma oração mental. De pé, do lado opposto, estava o principe da Paz, pallido tambem e com a expressão de uma dôr sincera.

— Venha, general — murmurou a prelada—Venha receber tambem... o meu ultimo suspiro... Morro cercada dos... meus. Feliz com... minha filha... Deus me perdoará...

Depois de ficar, alguns minutos, calada; proseguiu, voltando-se para Godoy.

— Deus te perdoará, tambem Manuel. Tua filha pedirá pela tua alma... e... os teus peccados alcançarão misericordia... Eu, já perdoei... Enganei o mundo,

como tu... Muitos acreditaram na... minha innocencia... O arrependimento da peccadora... alcançou o perdão divino... Saturnina perdoou-me.

— Soror Thereza! — interrompeu a triste Saturnina.

— Tua mãe, diz... Que te ouça uma vez... ao menos... esse doce nome... antes de expirar.

— Minha mãe! — irrompeu a angustiada menina, lançando-se-lhe nos braços.

— N'esse nome... parece-me sentir a benção do ceu... Minha filha... Minha filha... Minha filha...

E a palavra morreu-lhe nos labios. Os olhos dilataram-se-lhe na agonia; a boca abriu-se para deixar passar um suspirado e derradeiro alento.

Saturnina caiu sem sentidos.

— Vamo-nos d'aqui — disse Godoy com voz solemne. — Levemos d'aqui esta pobre creança... O brilhante élo que me prendia ao passado, quebrou-se. Deus me acuda com sua infinita misericordia.

Aquelle homem, que governára a Hespanha, com omnipotente poder, estava agora prostrado, abatido, só: chorando a morte de uma freira, que, no tempo da sua prosperidade, seduzira com os prestigios da mocidade e da grandeza e que, por largos annos, fôra a sua implacavel inimiga.

O amor de pae, de que elle outr'ora escarnecia, era agora apenas uma triste esperança para Godoy; preso ainda, preso quasi até ao fim da vida a uma velha rainha desthronada, que por elle tinha uma louca paixão, a qual, apezar de sincera, os deshonrou a ambos.

XLV

Conclue a historia do general Calavera

— É a primeira vez que o general me conta a historia da senhora D. Saturnina de las Angustias—disse o cura com a sua voz cavernosa. — Com que a senhora D. Saturnina é filha do celebre principe da Paz! Quem tal diria?... tão boa e santa senhora!

— Ella não gosta que lhe falem n'isso — interrompeu o general.—E comprehende-se, porque Saturnina é modesta, reservada... um tanto sentimental—acrescentou com sorriso benevolo — um tanto sentimental, mas boa.

— E o resto da sua interessante historia?—perguntou o medico inglez.

— A minha historia acaba aqui... aqui, onde estamos.

— E acaba bem — acrescentou D. Facundo — n'este

bello paraiso, que a bondade da nossa Carmensinha veio completar, general.

— Tem rasão, meu caro D. Facundo. O anjo d'este paraiso é a minha Carmen. É hoje o vivo retrato de sua mãe, quando pela primeira vez a vi. Illumina-a luz doce do ceu.

O general, quando fallava, da filha tornava-se poeta e mystico.

— Depois que Godoy voltou para junto de seu real amo, agora desterrado e pobre—proseguiu o general—fiquei aqui com Saturnina, que herdára da familia de sua mãe esta casa de los Mareos. Vivemos assim muitos annos, cuidando da nossa Carmensinha, que ia, com a edade, crescendo em belleza e bondade.

— E nunca mais voltou a Hespanha?—perguntou D. Facundo.

— Não, não voltei. As noticias que cada dia me chegavam das estupidas tyrannias de Fernando VII, cada vez se me tornavam mais odiosas, e mais me afastavam de Hespanha. Inesperadamente uma aurora de regeneração brilhou para a Hespanha opprimida. A revolução de Cadix veio libertar a patria. N'essa occasião saí do meu isolamento, e, trabalhando entre homens bem dispostos e que sentiam, como eu, as desgraças da Hespanha,

a constituição não tardou a ser proclamada nas Canarias.

— E foi então a Hespanha?—perguntou ainda D. Facundo.

— Não. O nome esquecido havia muito do general Calavera, chamou de novo a attenção do governo. Nomearam-me governador das Canarias.

— Ainda bem—exclamou o cura.

— Ainda... annos depois—proseguiu Calavera—succedeu um facto inesperado, que é o verdadeiro remate da minha singular historia.

— O que foi?—perguntamos.

— Havia muito tempo que deixara o governo das Canarias. Estavamos uma tarde sós, eu e Saturnina. Brincava no jardim a Carminho... que teria então uns oito annos. De repente, dando um grito, a creança veio, correndo, esconder-se no regaço da mãe. Buscavamos saber o que havia provocado o susto de Carmen, quando vimos apparecer diante de nós um velho, alquebrado pela edade e mais ainda por longos padecimentos: brancos os longos cabellos e a barba, os olhos, cavos e humidos de lagrimas, mostravam viva e profunda emoção.

No primeiro instante não o conheci; mas quando lhe

ouvi dizer, n'um soluço de dôr, com gesto supplicante:

— Filha... Filha!... Não me conheces?

Corri para elle, e caiu-me nos braços quasi desanimado o velho principe da Paz. Saturnina ajudou-me a leval-o para casa, envolvendo-o no mais terno carinho filial.

Quando tornou um pouco a si, Godoy disse em voz desfallecida:

— Por longos annos me tenho arrastado pelo mundo, filha... despresado por todos, perseguido, calumniado... opprimido pelo odio implacavel de Fernando VII...

— Descance, pae. Não pense agora nos nossos inimigos — acudiu Saturnina, a quem a agitação do desgraçado velho assustava.

— Poucos instantes de vida me restam—disse Godoy, cuja voz se ia extinguindo. — Pouco posso viver... e quero que saibas tudo... Eu não fui tão criminoso como dizem os meus inimigos... Fui fraco... ambicioso... Não soube resistir ás tentações... Emquanto viveram os meus protectores, a minha vida servia de alguma cousa... Emquanto elles viveram, jurei-lhes guardar segredo dos meus padecimentos... não me defender... não acusar os meus inimigos... Ao morrerem legaram-me o mysterioso segredo que a mim os prendia... mas

fizeram-me jurar que guardaria esse fatal segredo... Segredo que torna mais odiosa a perseguição de Fernando VII... e me impunha pezado silencio... ás minhas queixas contra um rei que pagou tão mal os sacrificios da heroica Hespanha durante a guerra... Agora depois de tão longo martyrio... venho morrer aqui ao pé de ti... minha filha... E commigo morrerá o segredo.

— Morrer!... Morrer não —exclamou Saturnina.

— Morrer... graças a Deus. É preciso que eu morra... sem que ninguem saiba que és minha filha... Hoje o nome de teu pae... seria ainda uma deshonra para ti... uma calamidade para o general.

Saturnina, que tem um espirito exaltado, facil de impressionar, e que, n'aquelle tempo era ainda mais inflammavel do que hoje, protestou, com vehemencia, contra as palavras do pae.

Eu, que não sou, nem era tão susceptivel como ella em me deixar levar por indignações estereis e talvez mal cabidas, julguei, com tudo, opportuno dizer algumas palavras de consolação ao velho moribundo.

Causava-me sincera pena o ver um homem, que tantos annos governara um grande imperio, que fôra de facto mais rei do que o rei seu protector, só no mundo e desterrado, pobre e despojado de haveres e honrarias,

pedir, supplicar por caridade uma affeição, na extrema hora da vida, implorar que lhe esquecessem até o nome, para não prejudicar aquelles a quem mais queria no mundo.

— Desterrado por muitos annos... abandonado por aquelles mesmo que mais me deveram, quando eu era poderoso... accusado de hereje... accusado de ter vendido a patria, que outros entregaram ao inimigo... preciso agora esconder o meu nome para me deixarem morrer... em paz... Acceitemos resignados...—proseguiu o velho, depois de larga pausa. —Acceitemos a vontade de Deus... Eu deixo ao mundo... a historia da minha vida... o mundo despresal-a-ha como me despresou a mim... e não saberá nunca explicar a obscuridade das minhas *Memorias*...O meu triste segredo lança n'ellas... uma lugubre sombra... E esse segredo não é meu...

Aquelle segredo sabia-o eu, porque o ouvira da boca da rainha Maria Luiza. Calei-me.

Cançado de revolver a funebre historia das suas maguas, enfraquecido pela doença e pelos longos padecimentos, Godoy perdeu de novo os sentidos.

O desmaio durou longo tempo. Quando tornou a si, era manifesto que o mortal enfraquecimento havia feito rapidos progressos.

Levamol-o para o mesmo quarto onde havia morrido soror Thereza.

O velho olhou em volta de si, reconheceu o quarto e exclamou:

— Thereza... luz que alumiou um dia as trevas da minha existencia... venho morrer onde tu morreste... e pedir-te perdão para a minha alma...

Depois de uma pausa acrescentou:

— Filha!... Já tenho pouco que viver... perdoa-me tu por tua mãe... Preciso descanso para acabar em paz... preciso que o mundo me perdoe...

Dando um longo, longo beijo na fronte pura de Carmen, murmurou ainda:

— Carmen... recebe a minha alma, anjo do ceu... Que formosa é a minha Carmen!... É... de sangue real... a minha Carm...

O pensamento d'aquelle homem, na hora da morte, buscava ainda as vãs grandezas da terra.

— Lembra-se, D. Serapião, da longa confissão do moribundo, e como a sua alma se havia purificado pelo arrependimento?

O cura, com voz cavernosa, como quem entôa um *de profundis*, respondeu apenas:

— Deus lhe perdoe.